

Período do

AENSINO



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

"Acalanto"

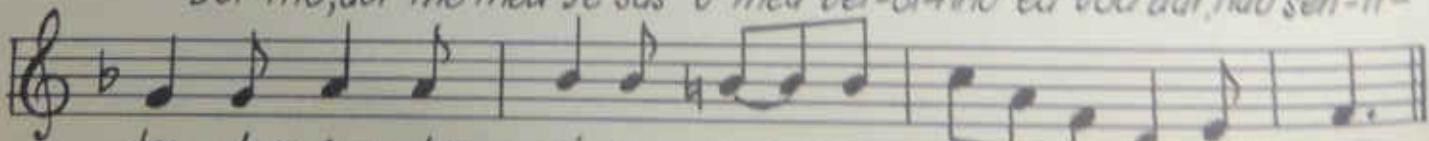


TRADUÇÃO DE:
RAFAELA R. FURTADO
MÚSICA DE G. VIANELLI

LENTO



Dor-me, dor-me meu Je-sus Que os an-ji-nhos lá no céu es-tão can-
Dor-me, dor-me meu Je-sus o meu ber-oi-nho eu vou dar, não sen-ti-



tan-dago son dos sinos u-ma can-ção de a-mor Nã, nã.
rás mais frio, o meu ca-ri-nho vai te embalar. Nã, nã.

Revista do ENSINO

ANO VIII

Outubro de 1958

N.º 56

ÍNDICE

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

RELACIONES HUMANAS

- Qual o Significado da Convivência na Escola — Prof. Juracy Marques

2

FUNÇÕES AFETIVAS

- O Controle dos Interesses — Prof. Vasco Vaz
A Ação do Interesse — Prof. Vasco Vaz

14

FALAM OS EDUCADORES

ENTREVISTA

- Dinah de Souza Campos — Prof. Generice A. Vieira

6

PRÁTICAS DE ENSINO

INSTITUIÇÕES COMPLEMENTARES DA ESCOLA

- Sugestões para Organização de um Clube de Leitura — C.P.O.E., R.G.S.

10

ASSUNTOS DIVERSOS

- A Aprendizagem da Escrita e a Criança Canhota — Trad. da Prof. Glaciara Barros

12

- Como Conseguir Melhores Resultados Educativos com a Projeção de Diafilmes — Prof. Daisy A. Rêgo

12

- Recursos Econômicos do Brasil — Prof. Maria de Lourdes Pedroso

13

- Existência da "Serra do Mar" no R. G. do Sul — D. R. G.

14

- Direitos da Criança — D. N. C.

17

- Sugestões para Utilização do Quadro Mural Sobre o Descobrimento do Brasil — Prof. Eddy Flores Cabral

30

- O Direito da Criança — Mons. Dupanloup

32

- O Canto Orfeônico — Sua Razão na Escola — Prof. Cacilda Guimarães Fróes

33

- Minha Oração de Mestra — Prof. Otilia Giribone

35

- Métodos e Processos do Ensino da Leitura e da Escrita — Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho

37

- A Sala de Catecismo — Madre Teresa de Cristo Lézier, O. S. U.

45

- Provas para o Exame de Admissão ao Ginásio — Inv. Seccional — P. A.

47

- As Qualidades do Bom Educador, Segundo S. João B. de La Salle

54

- I Congresso Infantil Brasileiro de Economia — R. G. do Sul

55

OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS

- Causa do Dia e da Noite — Trad. de Zaida Barcelos

15

EDUCAÇÃO RURAL

- Tratos Culturais — Prof. Yara da Cruz

16

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMARIA

- Da Jardineira para a Jardineira

18

- Sombras Chinesas

18

- Uma Viagem à Bahia — Prof. Cândida Luiza

19

- Cerne de Carvalho

20

- Perfuração e Alinhavo

21

- Meu Jardim Ama o Brasil (Música)

21

TEATRO ESCOLAR

- Bela Orquídea — Prof. Madre Maria José

22

TRABALHOS MANUAIS

- Metal Calado — Profs. Maria Alba Torres e Ivoty Torres da Silva

34

EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS

- Rios do Brasil — Prof. Gilda G. Bastos

24

- Quais São os Prénomes? — Prof. Gilda G. Bastos

24

- Qual é o Meu Nome? — Prof. Gilda G. Bastos

24

- Para Recortar e Armaz. — Prof. Gilda G. Bastos

25

- Quanto Eu Sei — Prof. França Campos

26

- O Relógio — Prof. França Campos

26

- Animais — Prof. Gilda G. Bastos

27

- Ensine a Desenhar — Prof. Gilda G. Bastos

28

- Homens e Títulos — Prof. Gilda G. Bastos

29

- Algarismos Romanos — Prof. Gilda G. Bastos

29

- Nomes de Animais — Prof. Gilda G. Bastos

29

- Escreva O Que Se Pede — Prof. Gilda G. Bastos

29

POESIAS

- Meu Livrinho — Era Leite de Sousa

18

- Samambaias, Dália e Amor — Nísia Nóbrega Leal

24

- Para a Festa do Livro — Prof. Suelly Ferreira de Siqueira

28

- Versos à Michi Mestra — Nancy Guayha Martha

33

- Revelação — Gonçalves Dias

46

COMENTÁRIO BIBLIOGRÁFICO

- Juventude em Alto Mar — Prof. Generice A. Vieira

60

- Estréla do Mar — Prof. Generice A. Vieira

60

- Seleção Bibliográfica — I. N. E. P.

61

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.

On désire établir l'échange revues similaires.

We wish to establish exchange with similar publications.

Impressa nas Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

FAT/URCA MP

Sistema da
Bibliotecas

Qual o Significado da Convivência na Escola?

III

Prof. Juracy C. Marques

Do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da BEC — R. G. do Sul.

As relações humanas na Escola assumem características especiais. Tem presente explícita ou implicitamente o propósito de serem relações positivas. Estão integradas em uma intencionalidade: Educar. Toda vez que se tornam negativas, por essas ou aquelas razões, falham em seu propósito. A sensação de fracasso, então, não compromete simplesmente o fato pessoal — como aconteceria em relações sociais — mas também a dimensão profissional em que o professor está vivamente empenhado. Queremos focalizar aqui, de modo particular, o professor e, através dele, chegar às inter-relações complexas e sutis que se estabelecem no processo de convivência na sala de aula, na escola e, de um modo mais amplo, na comunidade.

Deveremos partir das responsabilidades do professor, das qualidades que lhe são exigidas, de sua personalidade. Muitas listas têm sido propostas para aviar o bom professor. Em todas elas aparecem em lugar de destaque qualidades pessoais, além das didáticas, técnicas ou profissionais. Pesquisas significativas têm sido realizadas: Entre elas destacamos a de Loretta Heedgesken da Universidade Católica de Washington: "The nursing estudent evaluates her teachers". Sua pesquisa foi feita por meio de composições em que o aluno descrevia seus melhores e piores professores baixo os seguintes títulos: 1) Meu melhor professor (características pessoais e técnicas); 2) Meu pior professor (características pessoais e técnicas). Com base nesses dados estabeleceu atributos positivos e negativos do professor. Entre os positivos aparece simpatia humana e, entre os negativos, intolerância. Salientamos êsses porque são fundamentais na convivência. Um professor que desenvolveu sua capacidade de sentir simpatia humana conviverá melhor com seus colegas, superiores hierárquicos e, principalmente, com os estudantes. Por outro lado, um professor intolerante estará sempre problematizado. Em sua complexidade e singularidade, as situações de vida e de um modo especial as pessoas nelas envolvidas, não correspondem sempre aos nossos padrões pessoais por mais convenientes que êsses sejam.

Entretanto, depois de muitos estudos e de muita insistência na qualidades do professor, observando cuidadosamente a realidade, chegou-se, recentemente, a colocar o problema noutra perspectiva: As qualidades do professor devem ser avaliadas não na sua pessoa, mas nos resultados que obtém junto aos alunos. Quer dizer, é na medida em que ele realmente educa que pode ser chamado bom professor. Essa posição é mais dinâmica e real. Exige muito mais do professor. Não só espera que ele possua qualidades, mas também julga dessas qualidades na sua realização funcional. Ninguém dá o que não tem. É evidente que se o professor deseja que seus alunos atinjam melhores níveis de relações humanas ele mesmo deve ter atingido esse nível. Do contrário, sua ação é inconsistente. Esse

melhor nível de relações humanas se revela na relação professor-professor. Tentemos analisá-la. E sempre bom, nos problemas mais intrincados, pensar na base de casos concretos. Tomemos um professor comum, na nossa realidade brasileira. Tem 35 anos. É casado, tem dois filhos. E esforçado e procura melhorar. Não tem muitos recursos financeiros, trabalha porque precisa. Preocupa-se com as crianças e deseja dar-lhes a melhor educação. No contato com seus alunos, aproveita a experiência que tem com os filhos. Sente-se, às vezes, ansioso por não saber exatamente o que convém nem a seus filhos, nem a seus alunos. Quer procurar auxílio, mas não sabe e o tempo lhe é escasso. Conversa com os colegas e percebe que muitos estão na sua mesma situação. Mas, sente que alguns colegas, principalmente, os mais jovens, levam vantagem: fazem cursos, leem, obtêm melhores resultados. E, não o consideram como ele desejaria. Com outros não se sente à vontade, estão sempre demonstrando conhecimentos (isto o perturba). Sente-se desajeitado nas relações com o grupo. Por vezes nota que escapou uma observação sobre o colega que não deveria ter feito. Nota, em dado momento, que lhe falta segurança. Procura reagir, torna-se mais cordial e consegue sentir-se melhor.

Com os pais dos alunos procura compreendê-los. Comove-se com suas dificuldades, procura auxiliá-los com os olhos voltados para um melhor desenvolvimento de seu aluno.

Com os alunos, percebe que as coisas não vão tão bem como desejaria, mas procura resolver os problemas por si mesmo, tendo alegrias e decepções ao decorrer de sua carreira.

Vemos nesse caso três inter-relações importantes: professor-professor; professor-comunidade (pais) e professor-aluno. Vemos também que o professor está comprometido numa vida de família e que isto motiva, em certo grau, seu comportamento.

Num ambiente de escola sócio éste professor encontra estimulo a poderia se realizar. Esse estímulo poderia provir do crédito em relação a sua pessoa e seu trabalho. Quer dizer, encontraria entre os colegas ou mesmo diretor, orientador ou outro qualquer, alguém que lhe dissesse, com sinceridade: "Fulano, estou encantado com teu trabalho, é maravilhoso ver como tem jeito e habilidade para fazer as coisas!" Isto seria uma força, um impulso para que ele confirmasse seu valor e não suas dúvidas. Mas, poderia também acontecer que ele santisse que o diretor menospreza seus esforços. Dúvida, amedrontado, revoltado, agressividade. Um mundo de complexas reações negativas poderiam ocorrer.

No verdade, salientamos aspectos, porque dado o dinamismo de nossa vida pessoal e do próprio dinamismo das inter-relações humanas, os coisas não se passam tão simplesmente. Se hoje nos sentimos bem, amanhã podemos nós surpreender deprimidos. Se em

O Contrôle dos Interesses – A Ação do Interesse

Prof. Vasco Vaz — D. Federal.

I. Um importante recurso para o controle dos interesses é a REPETIÇÃO. Admite-se como certo que o mero fato da pura e simples repetição de uma atividade ou estímulo pode torná-la, quando não agradável, pelo menos tolerável.

Redução do desagrado pela repetição

Neste particular teremos que considerar três possibilidades quais sejam:

- A repetição leva à neutralidade e de então pode passar para uma situação de agrado ou desagrado.
- A repetição de uma situação dá como resultado sempre o desagrado e a insatisfação.
- A repetição de uma situação passa por três estágios: desagrado e insatisfação, depois neutralidade, e, por fim, agrado ou satisfação.

A primeira dessas situações é a mais razoável e a última a menos provável.

Relata Thorndike que experiências foram feitas com 28 homens e mulheres que, duas vezes por dia, tomavam óleo de fígado de bacalhau, seguravam serpentes, pulavam em um só pé e declamavam poesias frente a um auditório; depois de cada experiência eles procuravam expressar o seu grau de desagrado com a maior exatidão de que fossem capazes. Os resultados ensinam que a influência da repetição sobre uma atividade é muito complexa e varia muito, havendo, entre os adultos, no entanto, uma diminuição geral, direta e inevitável do desagrado.

A repetição atuando sobre uma atividade desagradável pode atuar de três maneiras diversas:

- alterando a atividade em si mesma;
- alterando as suas consequências;
- alterando a expectativa que as pessoas alimentam acerca de determinados tipos de atividades.

A alteração da atividade em si mesma pode ser exemplificado pela diminuição geral da tensão muscular que se observa na prática continuada de uma atividade muscular, determinada por um melhor ba-

lancamento dos músculos e menor trabalho excessivo dos músculos oponentes.

A alteração determinada pela antecipação dos prazeres que advirão dos resultados do aprendizado pode ser exemplificada pela persistência com que certas pessoas se dedicam ao mister de aprender a dirigir automóveis, em que o medo, a sensação desmoralizante do fracasso iminente e da imperfeição têm a sua intensidade praticamente apagada pelo valor que representa a habilitação futura.

A alteração na expectativa que as pessoas alimentam acerca de certas atividades pode ser exemplificada pela constatação da pequena influência que pode ter a indiferença ou a desaprovação do auditório perante o qual a pessoa deveria improvisar a poesia.

A repetição é também uma arma de dois gumes e pode produzir também resultados desastrosos desde que desapareça o sentido de novidade ou quando a repetição possa evidenciar a situação de inferioridade de uma pessoa perante as demais, como seria o caso de um aluno de uma classe que necessitasse de constantes repetições por parte do professor de temas que teriam sido presumivelmente e rapidamente apreendidos pelos demais colegas.

Adequação do indivíduo à atividade

Este é outro recurso de valor no problema do controle dos interesses, e de uma maneira geral pode ser resumido no conselho que, por vezes, se dá de "faça de conta". Pode ser alcançado de duas formas principais:

- Agindo como se de fato tivesse interesse.
- Vivenciando situações capazes de desencadearem o tônus emocional, ou o estado de ânimo desejado.

Esta doutrina está de certa forma concorde com a teoria de James-Lange acerca da dinâmica das emoções onde se depreende que as emoções e atitudes são favorecidas pela conduta que as acompanha, que as define, que as exprime.

Adote uma criança que Você acabará gostando dela como se de fato ela fosse sua filha.

A segunda hipótese pode ser exemplificada pelo fato de certas pessoas lançarem mão do auxílio de vivências passadas de necessidades, de castigo, de fome, de privações e de miséria, para adquirirem um estado de ânimo capaz de impulsioná-las no sentido da realização de uma tarefa que lhe exigirá muito trabalho e persistência.

Convém ressaltar que estes recursos são também válidos até uma justa medida, e que emoções, desejos e interesses não são assim tão facilmente mobilizáveis como outros recursos quaisquer.

III. Modificando interesse pela mudança da natureza da situação

O interesse por uma determinada coisa, tópico ou atividade pode naturalmente ser profundamente modificado desde que se possa encarar esta coisa, tópico ou atividade por um novo prisma que não aquele ao qual se está rotineiramente acostumado; assim, o

dado momento há um contentamento em função de um êxito, logo depois teremos de vencer uma frustração. Mas, a vida é isso, é este suceder de experiências. Todas importantes, todas significativas na nossa história pessoal. Não devemos esperar não ter dificuldades. Elas surgem sempre e mesmo quando não as esperamos. Devemos antes, aumentar em nós as forças, o poder, o impulso de vencê-las e descobrir neste inter-relacionar de vidas e histórias pessoais a grande mensagem humana de esperança, amor, solidariedade e beleza. Acreditar que a vida é um bem e irradiar essa crença em nossas ações e atitudes. Eis uma motivação para estabelecer relações humanas positivas, sentindo-se em harmonia com as coisas e com o próximo. Não com a ingenuidade de quem desconhece, mas com a compreensão de quem entende, auxilia e serve.

médico pronuncia o juramento Hipocrático e se lança à protissão como um verdadeiro sacerdote; mas em breve as solas dos sapatos se gastam e as calças ficam brilhantes nos fundilhos; em outras palavras, a necessidade bate-lhe nas costas, e, então, o sacerdócio da medicina está prestes a se transformar no negócio da medicina, o que, convenhamos, são aspectos diametralmente opostos de uma mesma atividade.

Outro recurso utilizado para a modificação da situação é o do afastamento dos fatores impeditivos; por exemplo, se um professor de quarta série primária se propõe a ensinar aos seus discípulos uma determinada matéria na qual ele se dê ao maneirismo pedante de empregar termos pedantes e gongóricos como estes vocábulos esdrúxulos que aqui ousamos incluir incorrerá por certo na execração de toda a classe e não lhe proporcionará nenhum benefício.

É lógico esperar-se um índice de maior aproveitamento na classe desde que este obstáculo impediente seja removido ou modificado favoravelmente.

Um outro recurso de grande alcance na determinação de interesse pela modificação da situação, é o da utilização de um aspecto vivido no processo de aprendizagem, tal como, suponhamos, dar aulas de zoologia no Jardim Zoológico, ou trazer um macaco para a classe no dia em que se devesse falar sobre Darwin.

Assim também como se pode obter significativos resultados com a modificação da ordem de aparecimento em cena das situações com as quais se tem que lidar.

Está na dependência do critério da utilidade e anteposição ou a postposição de situações que são capazes de despertar maior interesse no grupo.

IV. Modificando interesse pela alteração do estado de ânimo

Todos os interesses são em parte determinados pelo estado mental de uma pessoa em um dado momento, assim é que o surgimento de uma nova situação estimulante, como, por exemplo, o aparecimento de um novo tipo de atividade pode determinar uma mudança considerável na órbita dos interesses de uma dada pessoa. É esta talvez a mola mais importante que determina o movimento tão impressionante das massas emigratórias de um país a outro, esperançosas e em busca de novos estímulos que sejam capazes de determinar o aparecimento de novos interesses.

Por outro lado um exemplo que dá igualmente o sentido do poder da modificação do estado de ânimo como capaz de determinar uma acentuada modificação do interesse pode ser modificado nos resultados obtidos por um professor que seja capaz de despertar em seus alunos o espírito de "classe".

V. Modificação do interesse pelo aumento da aptidão

Se uma pessoa tende a gostar mais daquilo que ela pode fazer melhor, porque a habilidade relativamente maior produz maior interesse, está dentro da expectativa que um aumento absoluto do montante das aptidões produzirá também um aumento do montante absoluto dos interesses.

Em virtude da aptidão aumentada resulta usualmente maior satisfação na consecução de maior perfeição e aperfeiçoamento, do aplauso alheio e do orgulho de si próprio.

Não existem medidas para provar o aumento do interesse pelo aumento da aptidão, havendo mesmo e devido ao aumento da aptidão que se dá o aumento do interesse ou se, ao contrário, é devido ao aumento do interesse que a aptidão também aumenta.

VI. Mudanças dos interesses com a idade

Já tivemos oportunidade de ver que temos interesses típicos da adolescência que foram postos em confronto com os interesses dos adultos. A nossa preocupação atual é, no entanto, conseguir demonstrar por meio do recurso experimental e objetivo de uma prova as curvas de interesses característicos de determinadas épocas da vida de cada um.

A expectativa é a de que os interesses em atividades de tipo lúdico e esportivas, competitivas ou não, tenham as suas marcações mais significativas na adolescência, ficando as preocupações com problemas assistenciais e políticos para as idades superiores aos trinta anos.

A AÇÃO DO INTERESSE

Seu Aproveitamento em Orientação Educacional e Profissional

Natureza das estimulações básicas

Por trás dos interesses, a estimular-los, se encontram certas tensões fisiológicas, pressões ou estimulações. As mais importantes são: a Estimulação para a atividade e a Estimulação sexual.

A estimulação para a atividade é normal no organismo saudável, é o inevitável produto da própria estrutura e constituição orgânicas. Tal atividade não se limita à mera atividade física mas inclui também a atividade mental, isto é, curiosidade, elaboração e imaginação. Durante a infância é esta a estimulação mais forte; energia incansável, é reconhecida como uma característica própria da infância.

A estimulação sexual faz-se sentir poderosamente na adolescência, determinando uma elevação total da energia do organismo empregando-lhe uma direção que pode ser denominada direção sócio-sexual ou socio-emocional; este sentido constitui-se no fenômeno básico da adolescência, e disto podemos ter uma confirmação quando estudamos a problemática normal da idade juvenil com os seus três aspectos característicos: a descoberta do eu, o impulso a se desligar da tutela familiar, e, finalmente, a formação do plano de vida. Em todos estes três aspectos e na sua base vamos encontrar a Interferência direta e predominante da estimulação sexual compreendida à luz do seu sentido mais amplo.

Estas duas estimulações fisiológicas são as duas maiores necessidades por detrás da ação e do pensamento humanos; outras pressões fisiológicas estão, contudo, no fundo como a estimulação da fome e do apetite, os desconfortos pelo calor ou pelo frio fazem com que o indivíduo procure situações mais agradáveis.

O total destas inquietações, agitações e estimulações fisiológicas estão na base de qualquer interesse ou atividade. São os poderes dirigentes dos interesses e atividades humanas. A necessidade que não recebe uma atenção especial ou não é satisfeita nos vários grupos onde a criança espera encontrar aceitação — Lar, Escola, Gang, Comunidade — tende a fixar-se em objetivos inacessíveis.

Qualquer atitude exterior tendente a bloquear qualquer dos impulsos ou necessidades básicas irá determinar, com toda a certeza, conflito e problemas disciplinares e quebra na vitalidade dos interesses das crianças ou jovens. Um dos primeiros cuidados a ser verificado no sentido de se dar apoio às impulsões básicas é o de verificar se a criança ou o adolescente goza de saúde física. É conhecido o fato de serem as crianças desnutridas ou anêmicas pouco dispostas para a atividade dando a impressão de serem preguiçosas. Interesses genuínos podem ser desenvolvidos à base de um corpo saudável. É necessário que se obedeça a um esquema vital no que se refere à distribuição das horas de atividade da criança ou do jovem delimitando-se criteriosamente os períodos dedicados ao sono, ao descanso e às atividades escolares ou profissionais.

Antropologia do interesse

Como vimos, os interesses de um indivíduo podem ser fortemente influenciados pelas suas condições e capacidades físicas bem como pelas circunstâncias de sua vida; devemos evidenciar agora que tão importante quanto as potencialidades do ambiente e do próprio indivíduo, são os costumes, convenções, modas e leis que fazem com que, num grupo particular, certas coisas sejam admiradas e aceitas como as coisas que devem ser aceitas e admiradas, ao passo que outras são consideradas como impróprias e mesmo proibidas; se as diferenças existentes entre as populações de Florianópolis e do Rio podem ser tão grandes como de fato o são na época atual, de que extensão serão as diferenças em um largo espaço de tempo entre os costumes de duas nações ou de duas raças diferentes?

Por outro lado verificamos fenômenos diametralmente opostos, até um certo ponto, o que ousamos denominar de verdadeiras epidemias de interesses que numa dada época se espalha por toda uma nação ou mesmo vencem as barreiras internacionais atingindo, inclusive, indivíduos de raças diferentes. De uma certa forma os interesses são também o produto da cultura do meio onde se vive, e isto faz com que seja possível modificarem-se os interesses de uma coletividade humana desde que um hábil líder se coloque à sua frente e saiba provocar as suas reações mais específicas, e esta, infelizmente, tem sido a estratégia dos ditadores que se valem sempre das reservas emocionais de um povo para transformá-lo num mero instrumento em suas mãos que o manobram para onde quer, inclusive, para a bestialidade da GUERRA.

A Evolução dos interesses

Um interesse deve ter as suas raízes inseridas nas estimações básicas; ele pode e deve estar razoavelmente adaptado às circunstâncias e ao avanço cultural de uma época (Gallien Gallié): mas a atmosfera encalorada e oxigenada onde ele se desenvolve com um vigor extraordinário é a atmosfera da aclamação e do aplauso. Se um interesse pode contar com tais pré-requisitos para o seu desenvolvimento e posterior evolução, então o indivíduo corre o risco de ser verdadeiramente fantatizado ou escravizado por ele. Em caso contrário o interesse pode morrer como se fosse uma pessoa que tivesse sofrido um ferimento grave em uma região vital. O interesse é como se fosse uma coisa viva. Ele vive e sente. Ele se alimenta do sucesso nem que este sucesso seja encontrado apenas no receso mais íntimo das convicções de um ou de poucos indivíduos. Ele se desenvolve dentro das limitações do próprio ambiente físico onde vive o indivíduo, dentro do âmbito de suas capacidades físicas e mentais, dentro de suas limitações econômicas e de acordo com as normas

estabelecidas pela cultura do grupo social e humano no qual pertence o seu portador. Dentro desses limites o seu desenvolvimento depende ainda da altitude em que o indivíduo coloque a consumação do seu sucesso.

A ação do interesse

A ação do interesse se faz sentir em dois sentidos principais: um para frente, dispondo a pessoa para uma certa conduta, fazendo-a relacionar as situações com as respostas diferentes daquelas que teriam lugar se o interesse faltasse; por outro lado a ação do interesse faz-se sentir em direção contrária, isto é, para trás, para realizar certas experiências agradáveis e, assim, determinar maior persistência na conduta de uma pessoa com referência a um determinado interesse. Modalidades daquilo que não satisfaz e que não são aprovadas, são substituídas pelas que o são. Atuando para frente os interesses determinam atenção e receptividade; atuando para trás eles determinam confirmação e fortalecimento.

A influência da atitude de afirmação

A atitude de aprovação realizada por um SIM, ESTA CERTO, ESTA DIREITO, ou outro processo qualquer de afirmação ou aprovação é, psicológicamente, um processo de reforço atuando poderosamente sobre um interesse; tanto que muitas vezes o próprio pagamento, o salário, não tem uma influência perceptível sobre o grau de produtividade maior ou menor que um indivíduo possa apresentar com referência a uma determinada tarefa, ou tipo de atividade, haja visto as situações dos catedráticos de nossas escolas superiores e dos cientistas de nossos laboratórios de pesquisa que quando remunerados o são de uma forma irrisória comparativamente ao significado e à diferenciação elevada do trabalho que produzem. Eles são influenciados apenas pela poderosa força da consciência de estarem fazendo o processo caminhar para frente, o que, implicitamente, lhes reserva a aprovação e o aplauso das gerações e gerações de jovens que se formam sob a sua orientação.

O uso do castigo nos processos de educação

O castigo ainda é usado sob diversas formas como um recurso de suposta eficiência educacional, seja sob a forma de castigo físico, tolhimento da liberdade ou mesmo sob o aspecto de reprenda, descrédito ou ridículo; pode ocorrer mesmo em estudo individual sob a forma de fracasso, desapontamento ou coisa que o valha. A doutrina ortodoxa admite que o castigo fosse, psicológicamente, o oposto da recompensa, admitindo que tanto quanto uma consequência agradável atua sobre uma tendência fortalecendo-a, uma consequência desagradável, ou castigo, logicamente, deveria atuar sobre uma tendência enfraquecendo-a. Investigações recentes alteraram este conceito. Hoje em dia admite-se que o castigo pode atuar sobre uma tendência reforçando-a de uma forma ou de outra. O simples erro produz em si mesmo maior mal, psicológicamente falando, do que o próprio castigo. Não se deve atuar sobre uma tendência contrária diretamente no sentido ou com o intuito de enfraquecê-la; o que se deve fazer é atuar construtivamente sobre as tendências certas no sentido de reforçá-las, fazendo assim desaparecer as tendências para as práticas combatíveis. Há uma evidente necessidade de se permitir aquele que erra utilizar novas oportunidades para realizar novas tentativas a fim de que consiga, assim, chegar ao resultado desejado que deve então ser estimulado. Dentro de um certo limite,

(Continua na página 11)



Dinah
Souza
Campos

Entrevistada por Gericce Vieira

Uma das questões que preocupa, de modo especial aos educadores é sentir que de certo modo a criança e o adolescente ficam mais e mais desamparados à proporção que a civilização evolue. O cotidiano de nossas vidas mostra com eloquência que essa situação paradoxal existe. É claro que a Filosofia, a Política, a Metodologia educacionais progridem — como não poderia deixar de ser — impulsionadas pela acelerada contribuição do desenvolvimento científico atual, mas parece que o ritmo da evolução sócio-cultural não é paralelo, isto é, não está satisfazendo as legítimas exigências de afirmação e integração social dos jovens. Estarão, de modo geral, as crianças e os adolescentes de agora se habilitando para viver, para bem viver — em paz e construtivamente — o seu tempo? Os fatos dizem que não. A delinquência juvenil em tempo algum assumiu proporções equivalentes às atuais; as escolas especializadas para menores desajustados e os reformatórios multiplicam-se numa progressão assustadora. Mas, por que pais e professores não estão conseguindo, com todo seu devotamento e consequente competência, ajudar a maior número de imaturos em suas necessidades fundamentais? O problema é, sem dúvida, muito complexo e pode ser examinado por diversos prismas, mas aqui o nosso intuito é focalizar a possibilidade ou impossibilidade do educador realizar com êxito a sua tarefa. O verdadeiro educador sabe que o ponto de partida de toda educação, ou de qualquer dos vários aspectos da educação, é atentar primeiro para a realidade atual, presente no caso particular, o sondar e conhecer objetivamente as características, necessidades e possibilidades reais, básicas, tanto do educando como do seu meio para, só então, tomar uma atitude e elaborar os instrumentos que permitirão

enfrentar, atenuar ou eliminar elementos ou situações obscuras ou inconvenientes. Um exemplo que bem pode ilustrar esse fato é o que vem ocorrendo no setor da educação sexual: Numa época de combate mais ativo a tabus e preconceitos — como a que hoje vivemos — é natural que se faça sentir certo desequilíbrio que se traduz numa tendência para um liberalismo exagerado e prejudicial. Mas, compreendendo esse aspecto como consequência de transformações sociais inevitáveis, não é justo que se procure ajudar os jovens a enfrentar e a vencer tais dificuldades?

Quem observa o que se passa na maioria dos nossos cinemas (filme e platéia), rádio, televisão, teatro, revistas, literatura amorosa para adolescentes, etc., compreenderá que os estímulos à sexualidade são cada dia mais intensos e numerosos. Quem não percebe que o conteúdo moral e vivencial de quase tudo que se apresenta desse modo como "natural", "realista" ou "moderno" é, no fundo, infantil e pobre, falso e mórbido? De que recursos dispõem os jovens para enfrentar tais situações, compreendê-las e vencê-las? Como conseguirão eles — no desamparo, ignorância ou deturpado conhecimento de si mesmo, de suas reações normais e da finalidade e responsabilidade de seus atos — identificar a verdade e o erro para escolher e também para praticar a atividade ou o divertimento sadio e necessário à sua harmoniosa evolução psico-fisiológica?

A educação sexual — um dos aspectos da educação integral é, sem dúvida, ainda hoje uma das tarefas mais complexas e de difícil execução na prática familiar e escolar da vida diária. Seria útil conhecer as motivações de tais dificuldades a fim de superá-las, pois há grande nú-

mero de casos de menores que apresentam distúrbios emocionais ou desajustamento social, cujas raízes parecem vir de uma educação deficiente ou incompleta. De incalculável valor para uma compreensão profunda desse problema será, por certo, a próxima divulgação da "Pesquisa dos fatores emocionais na aprendizagem", trabalho científico pioneiro que o Dr. Pedro Figueiredo Ferreira vem realizando sob o patrocínio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (MEC) desde fins de 1952.

Envolvendo problemas delicados, sutis, não só quanto à matéria em si, mas particularmente em relação à atitude do adulto, há pais e professores que procuram se esquivar fugir à responsabilidade de enfrentar o assunto e de auxiliar, consequentemente, a criança em suas curiosidades naturais. Talvez uma das razões dessa dificuldade esteja no fato de ser a educação sexual uma preocupação relativamente recente da família e da escola. Reage-se ao novo, ao diferente, por necessidade de defesa, porque necessitamos conservar a segurança, a estabilidade já adquirida. Toda inovação se transforma assim em uma ameaça, ainda que seja apenas uma ameaça aos nossos próprios preconceitos e tabus. Mas é justo reconhecer que todos — pais e professores — desejam acertar e procuram os melhores meios para alcançar os melhores fins. E é por certo esse espírito que abre caminho e constrói e se renova constantemente.

"REVISTA DO ENSINO" congratula-se com seus leitores ao oferecer-lhes hoje um pouco da experiência da conhecida educadora DINAH SOUZA CAMPOS sobre o assunto. Paulista por nascimento, mas carioca desde 1945 por absorção profissional, nossa entrevistada vem participando do movimento de renovação pedagógica que está animando vivamente o país. Sua lúcida e corajosa atuação está se fazendo sentir diretamente no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP, bem como na Faculdade Nacional de Filosofia e na Faculdade Fluminense de Filosofia.

— Pode noticiar pesquisas ou experiências efetuadas ou programadas entre nós com o objetivo de enfrentar honestamente a realidade da educação sexual da criança?

— Não chegou a meu conhecimento nenhuma noticia sobre levantamento da situação da educação sexual no país. Todavia tenho constatado, aqui e acolá, timidas tentativas no sentido de tratar do problema. Organizações religiosas várias têm procurado realizar estudos e conferências relativas ao assunto. Infelizmente, porém, o assunto ainda não tem sido tratado de um ponto de vista totalmente científico, isento de preconceitos de qualquer natureza. É lisonjero assinalar, porém, que aqueles que se preocupam com a educação começam a reconhecer a sua necessidade. O constrangimento, a vergonha que, por vezes, o indivíduo mal orientado experimenta na infância, ao se defrontar com modificações de seu corpo e de suas funções, pode determinar reflexos profundos na sua personalidade. Quando o adulto encontra dificuldade para libertar-se das impressões dessas experiências desagraváveis encontrará, por consequência, barreiras no sentido de proporcionar educação sexual à geração que o sucede. Não se terá tornado capaz de uma atitude normal em face do problema e, por isso mesmo, não poderá levar seus filhos ou alunos a sentir a situação, tal como as tendências pessoais e as normas sociais o exigem. E

assim vão se sucedendo as gerações incapazes de mudar suas atitudes perante o problema sexual. A criança não recebe, portanto, nenhuma orientação no sentido de encontrar um meio de satisfazer suas tendências instintivas, sem entrar em conflito consigo mesma e com a sociedade.

— Qual lhe parece ser o atual estádio de evolução da nossa prática escolar no que se refere à educação sexual da criança?

— A observação do comportamento dos professores no trato com os alunos parece denotar desconhecimento dos princípios da educação sexual. Frequentemente ouve-se narrar ocorrências que atestam esse fato. Ainda a semana passada, uma professora primária relatou-me um fato que se passou com uma sua colega: No desenrolar de uma das aulas a professora deparou com um dos alunos, menino de 9 anos, realizando práticas menos aceitáveis. Agarrando violentamente o garoto, a professora, apavorada, encaminhou-o para a Diretora da escola. Quanta inexperiência, quanta falta de conhecimento dos impulsos e necessidades da criança podem ser notadas entre professores e pais nesse campo! Entretanto, vários males sociais, desajustamentos afetivos e a própria infelicidade de muitos lares, poderão ser afastados graças à uma educação sexual adequada. Os comportamentos individuais não resultam da atuação de comportamentos estanques da personalidade; quando o indivíduo age, entram em jogo todos os componentes da sua personalidade. Importa, pois, que todos os atributos pessoais sejam desenvolvidos harmônica e harmonicamente; a atrofia ou traumatismo em qualquer aspecto da personalidade se reflete em todos os comportamentos do indivíduo. Um desejo insatisfeito poderá ser base de um conflito conduzindo a desajustamentos, até mesmo, profissionais. É preciso considerar ainda que, na 4.^a, 5.^a e mesmo 3.^a séries, os professores primários enfrentam problemas de pré-adolescentes e adolescentes, quando a sexualidade genital se instala o que exigirá do adulto uma compreensão e habilidade maiores para enfrentar a situação. A preocupação evidenciada em relação ao assunto nada mais é do que um reflexo de preconceitos tradicionais. A organização social tem excluído de sua ética as normas relativas à educação sexual; nas rodas de gente de apreciável formação cultural ainda se nota um certo constrangimento quando surge a necessidade de se falar em sexualidade ou nas conquistas científicas já alcançadas nesse campo. Parece mesmo tratar-se de tabu, cuja infração importará em séria punição. Entretanto, a obediência a esse tabu faz desencadear apenas males e nenhum benefício. Negar a existência dos imperativos à natureza é expor o homem a distúrbios pessoais e a desarmonias prejudiciais do seu desenvolvimento.

— Que sugestões apresenta com o objetivo de encarecer a utilidade de estudar ou debater o problema em questão?

— O ponto de partida para a preparação dos professores e pais, no que se refere à educação sexual, deve ser o estudo da sexualidade do educando. O conhecimento das manifestações psico-emocionais e fisiológicas da sexualidade do educando é de máxima importância para o educador. Pode parecer absurdo que se fale de educação sexual da criança, porém tudo se tornará claro se se atentar que o termo sexual significa prazer físico e não se refere apenas a prazer genital. Observações sistemáticas de crianças têm concluído da existência do prazer físico desde o nascimento. Portanto, no desenvolvimento dos pro-

gramas de História Natural, Biologia e Psicologia, os problemas sexuais devem ser estudados em todos os seus aspectos. Os desejos, a necessidade de carinho, a curiosidade e as exigências próprias de cada idade precisam ser conhecidas e tidas na devida consideração pelos educadores. Nas reuniões de pais e professores o problema da educação sexual deve ser desenvolvido através da discussão de casos concretos, que ilustrem convenientemente os problemas da infância. Palestras, conferências, seminários, artigos, etc., visando à divulgação e discussão de normas para orientação da criança, no sentido de desenvolver sua personalidade em harmonia com suas exigências individuais e com as do ambiente social, devem ser empreendidos em larga escala para o esclarecimento de pais e mestres.

— Sendo "o sexo um componente normal e elevado da vida, que contribui para a constituição da personalidade global", tem o educador — pai ou professor — o direito ou a licença de ignorar ou negligenciar aspecto da educação da criança?

— Evidentemente não. Negligenciar a necessidade de proporcionar satisfações, bem estar, carinho à criança é o mesmo que negligenciar a sua necessidade de nutrição. Dra. Ribble, médica norte-americana, que observou o comportamento de 600 crianças desde o nascimento, conclui, dêste e de outros trabalhos, que o crescimento e evolução das crianças que não recebiam carinho, porque não tinham mãe, se retardava progressivamente, apesar de receberem a mesma ração alimentar que as demais. Entretanto, não há dúvida de que pais e professores têm falhado na consideração dos problemas da criança; alguns por falta de esclarecimento do assunto e outros pela dificuldade de vencer os preconceitos advindos de suas próprias vivências infantis desagradáveis e, às vezes, mesmo frustrantes. Não só entre as classes menos favorecidas como até nas classes mais favorecidas pelos recursos econômicos e pela instrução, são encontrados pais inabilitados para orientar os seus filhos. Não posso deixar de mencionar quando essas considerações me fazem lembrar casos tristes: Uma professora da 3.^a série primária constatou que um de seus alunos de 11 anos começava a realizar práticas inaceitáveis e para isso conquistava os colegas com presentinhos e até mesmo com dinheiro. As ocorrências já se propagavam de forma a perturbar a tranquilidade da turma. A professora, inteiramente desarmada para tratar do caso, encheu-se de coragem e escreveu um bilhete comunicando aos pais o comportamento do filho. O pai, com instrução de nível superior, e a mãe, de nível médio, não souberam tratar adequadamente do caso. Sobreviô pânico na família e o pobre menino foi furtamente espancado, sem ter sido esclarecido das razões das punições e recriminações impostas. As poucas informações que pude obter do caso indicaram que o menino padecia de falta de atenção e de carinho por parte da família. Materialmente nada lhe faltava, mas afetivamente aquele menino nada recebia, especialmente do pai, que só sabia repreendê-lo e acusá-lo. Ficou sabido que pessoas da própria família chamaram a atenção do pai para a necessidade de companheirismo para com o seu filho, que até parecia menino escorregado. Os meninos precisam se identificar com um elemento do mesmo sexo. A admiração, o devotamento ao pai, tal como deve ocorrer com a menina em relação à mãe, não podem deixar de ser estimulados. Esta estima, forma de manifestação afetiva que contribui para o desenvolvimento da personalidade, vai se orientar para um elemento do sexo oposto, quando vier a puberdade, e a escolha do cônjuge se dará então normalmente.

— O objetivo da educação é habilitar a criança para enfrentar os problemas da vida. Assim sendo, não deveria a educação sexual iniciar-se de modo informal nos primeiros anos da infância, do mesmo modo que se esclarece qualquer dos outros fenômenos da natureza que aguçam a curiosidade infantil?

— O objetivo da educação — do ponto de vista individual — é levar a criança a desenvolver e integrar sua personalidade de forma ajustada às exigências socioculturais. Os psicólogos afirmam que aos 5 ou 6 anos de idade o núcleo da personalidade do indivíduo já está estruturado. É evidente, portanto, a necessidade de proporcionar à criança a orientação necessária para que seus atributos pessoais se expressem com toda pujança e em harmonia com os padrões de comportamento do grupo social.

Os desejos e impulsos性uals são uma das potencialidades com que o indivíduo é dotado ao nascer, e que não pode ser negligenciada. Do mesmo modo com que a mãe ensina a seu filhinho que uma substância é venenosa e outra é altamente nutritiva, também deverá esclarecê-lo com relação às exigências sexuais. Tal como não poderá falar à criança sobre as funções glicogénicas dos alimentos, porque não será entendida, também não deverá apresentar-se em tratar de problemas sexuais que ainda não podem ser compreendidos. Entretanto, toda pergunta feita pela criança deve ser respondida sem que se recorra a evasivas ou fantasias inocuas. É dever de pais e professores esclarecer os problemas suscitados pelas crianças, na medida do interesse e compreensão que cada uma manifeste. É óbvio, portanto, que os problemas devem ser suscitados pelas crianças e não pelos adultos. Não serão os pais que hão de chamar a atenção dos filhos para o exame das partes do corpo humano, para as funções fisiológicas, ou mais particularizadamente para o modo como nascem as crianças, por exemplo. Todavia, pais e professores, quando solicitados, devem se encontrar preparados para responder a essas questões com toda simplicidade, seriedade e honestidade possíveis. As invencionices na explicação das perguntas formam nas crianças uma atitude de desconfiança para com os pais e professores, surgida, quando por outros meios descobrem a explicação verdadeira para os problemas que não conseguiram entender antes.

— Como iniciar a criança nas origens da vida, nos fenômenos da reprodução da espécie vegetal, animal e humana?

— Essa não é uma situação complexa. A observação tem demonstrado que a atitude natural e espontânea de pais e professores, no trato com esses problemas, facilita extraordinariamente a tarefa. O bom senso, a experiência no trabalho com crianças e a preparação adequada nesses assuntos são complementares. No estudo das partes do corpo humano em alguns casos, muitos professores se mostram constrangidos, parecendo agravar-se a situação, em se tratando de fenômeno da reprodução ou de resposta a perguntas de alunos sobre problemas dessa natureza. O constrangimento de educadores pode induzir a criança a concluir que se trata de problemas reais mas perigosos, já que não podem ser tratados abertamente. Esse mau estar, quando ocorre aguça a curiosidade da criança que procura observar melhor o que se passa no seu redor, a procurar esclarecimentos com outras pessoas. Através de seus raros recursos intelectuais e na base de informações errôneas pode acontecer que a criança imagine situações que nela suscitam medo, vergonha e con-

filtos com seus próprios desejos. A falta de esclarecimento dessas situações imaginadas podem determinar sérias perturbações numa personalidade em desenvolvimento, como é o caso da infância. Os psicólogos hoje são acordes em afirmar que a má orientação da criança para o controle das funções de defecação e micção determina sérias perturbações no desenvolvimento e estruturação da personalidade. A demonstração de preocupação excessiva dos pais para com as funções excretoras tanto pode exacerbar, na criança, o prazer por essas funções, como também pode despertar repugnância e desejo de livrar-se delas.

— Gostaria de citar autores nacionais e estrangeiros (traduzidos) que abordam o problema com atualidade, simplicidade e clareza?

— A "Evolução sexual da criança — Higiene e Educação Sexual da Infância", de Béla Székely, psicanalista europeu, traduzido por Pedro Lisboa, constitui livro de

leitura indispensável para professores e pais conscientes de sua missão de formar seres humanos e felizes. De forma simples e com bastante clareza demonstra o autor que a sexualidade faz parte do desenvolvimento normal da criança e que a sua repressão ou desorientação provoca graves neuroses. Temos ainda: Na Biblioteca Prática de Psicologia e Psicopatologia Infantil, da Faculdade de Medicina de Paris: "L'Education Sexuelle Chez L'Enfant" de A. Berge, traduzido agora para o espanhol por F. G. Velasco. Peña Melhoramentos: "Problemas da Infância", por Odilia Boisson Cardoso. Pela Editória Agir: "Como educar pais e filhos" de André Berge.

Os livros citados oferecem orientação objetiva e detalhada sobre a educação sexual da criança, desde o nascimento até a puberdade. Liberados de convenções sociais e preconceitos antiquados, seus autores abordam os problemas relacionados ao assunto, com profundidade e lucidez, oferecendo um roteiro seguro aqueles que se defrontam com a tarefa de educar a criança.

RECURSOS ECONÔMICOS...

(Continuação na página 13)

Em seguida conversaremos com a classe sobre o Rio São Francisco, que é o principal rio do Brasil porque é genuinamente brasileiro, dos seus afluentes, da Caçueira de Paulo Afonso e do transporte através dele por meio de balsas e navios pequenos. Falaremos sobre as companhias que fazem esse serviço de navegação, referindo-nos aos outros meios de transporte e induziremos a classe a formação de outra chave:

A região do nordeste possui a navegação fluvial feita em muitos rios, sendo mais intensa no Rio São Francisco que serve a vários portos dos Estados de Pernambuco e Alagoas.

Nos rios Parnaíba, Jaguaribe, no Apodi, no Piranhas e Mearim — servindo ao interior do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, na Paraíba. Os portos: do Recife (3º do Brasil), São Luís, Parnaíba e Amarração, Camocim e Fortaleza, Natal, Areia Branca e Macau, Cabedelo e Maceió. As linhas aéreas com aeroportos em Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Maceió.

A região possui inúmeras vias férreas. As principais são: Estrada de Ferro São Luis-Terezinho, ligando as duas capitais.

Estrada de Ferro Central do Piauí que comunica o Porto de Parnaíba com o interior.

Rede de Viação Cearense — formada pela estrada de ferro Baturité e de Sobral.

Rede Ferroviária do Nordeste — que tem ligação com João Pessoa, Natal e Maceió.

Estrada de Ferro de Moçoró, às margens do Rio de igual nome começando no porto de Areia Branca.

Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e de Petrolina.

Perguntaremos, então à classe por onde saem os produtos da região para o exterior, por onde aquela região comercia com os demais (portos) e em que consiste a exportação. Refiro-me ainda à indústria vegetal, a única de importância na região e levaremos a classe ao restante dos apontamentos.

Comércio	O Comércio se faz através dos portos do Recife, Maceió, Cabedelo, Natal, Fortaleza e São Luís. Consiste na exportação de açúcar, doces, frutas, algodão, couros, etc.
Indústria	Fábrica de tecidos, calçados, doces, caroá, massa de tomate, de couro, usinas, fábricas de açúcar, etc.
História	Os 1ºs povos que entraram em contacto com o nordeste — Tribos indígenas encontradas aqui no Brasil na época da descoberta. Tribos ainda existentes no nordeste.
Religião	A catequese dos índios, a influência missionária.
Ciências Naturais	Costumes nordestinos. O pajeiro e o jangadeiro, o sertanejo e o vaqueiro. Plantas e suas partes principais. Classificação dos animais da região, etc. E mais outras associações com as demais disciplinas do programa.
Expressão	Distribuiremos com a classe o material necessário para organização de uma maquete sobre os recursos econômicos da Região Nordeste do Brasil, ou faremos um jogo.
Atividades Rurais	Cultivo da cana de açúcar e do algodão. Preparo do terreno e plantação de alguns principais produtos do nordeste.

Transportes

Sugestões Para a Organização do Clube de Leitura

(ESCOLA PRIMÁRIA)

Além das funções que são próprias a todas as atividades extra-classe, exerce o Clube de Leitura a função de complementar o ensino da Leitura, ensinando oportunidades freqüentes de leitura oral e prática do uso de livros, ao mesmo tempo que concorre para despertar o desejo de ler bem (condição indispensável para a participação nas atividades do Clube) e de frequência à biblioteca. Por tais virtudes educativas, recomenda-se esta instituição desde o 3.º ano da escola primária.

Pode ser organizada entre os alunos de uma classe, de classes paralelas ou mesmo sucessivas, quando há identidade de necessidades e interesse.

I — MOTIVAÇÃO — Na fundação de um Clube de Leitura, dever-se-á, antes de tudo, consultar os interesses da classe. Toda a atividade extra-classe tem de ser motivada, isto é, surgir de uma necessidade ou de um desejo realmente sentido pelos alunos, nunca de uma imposição da parte do professor. No caso provável de não surgir espontaneamente o motivo, cumpre ao professor provocá-lo, através de uma situação real, habilmente criada, por exemplo: **um campeonato de leitura**. Através do mesmo, far-se-á sentir a necessidade da fundação do Clube de Leitura, como meio de proporcionar a classe material de leitura novo e variado ou de ensejar exercícios freqüentes de leitura oral aqueles que não lograrem boa colocação no campeonato.

A motivação visa, pois, colocar o Clube dentro do interesse do aluno.

II — ORGANIZAÇÃO — Motivada a fundação do Clube, tratar-se-á da sua organização, que ficará inteiramente entregue aos alunos, reservando-se ao professor a função de guia, orientador, estimulador, com um mínimo de intervenção, segundo as possibilidades dos alunos. Os alunos agirão com iniciativa, com espontaneidade e com responsabilidade, jamais como autômatos: "O domínio absoluto do professor, a sua orientação exclusiva deturparão as finalidades sociais das atividades extra-classe."

A organização abrange:

I — Escolha do Nome

O nome do Clube deve ser escolhido pelos próprios alunos, dentre nomes ligados à literatura ou ao ensino, já conhecidos dos mesmos. Com os nomes sugeridos, organiza-se uma lista, a fim de serem submetidos a estudo e, depois, à votação.

II — Elaboração dos Estatutos

Embora simples, de acordo com a mentalidade da classe, terá o Clube os seus estatutos em que serão discriminados:

- Finalidades;
- Constituição da Diretoria (número de membros e sua competência, duração do mandato).

C) Condição de admissão dos sócios. (Essas condições podem ser: ler bem ou manifestar empenho em melhorar a leitura para ser admitido oportunamente. Em casos especiais, podem-se dispensar essas condições).

D) Deveres e direitos dos sócios;

E) Categorias de sócios efetivos — os que pagam mensalidade e colaboradores — os que, não podendo contribuir com a mensalidade estabelecida, se propõem a cumprir os estatutos e realizar atividades que visam o desenvolvimento e o progresso da instituição).

III — Atividades

Para atividades do Clube, sugerimos as seguintes:

- Leituras feitas nas reuniões;
- Leituras feitas fora destas a fim de preparar-se o aluno para narrar, em sessão, contos, episódicos, anedotas, acontecimentos da atualidade, etc.
- Dramatizações;
- Organização de álbuns de recortes de revistas e jornais sobre assuntos do interesse dos alunos;
- Registro das leituras, com rápido comentário no livro que se pode intitular "O que estamos lendo";
- Resumos escritos ou fichas de livros ou de trechos lidos, os quais serão depositados em uma caixa — Caixa de Leitura — para serem lidos em sessão ou outra oportunidade;
- Colecionamento de contos imaginados pelas crianças;
- Relatório das atividades do Clube;
- Organização de jogos de leitura;
- Organização de uma lista de novas leituras, para o "quadro de anúncios", da classe;
- Consulta freqüente à Biblioteca;
- Organização de cartazes de propaganda de higiene e de educação social;
- Relatório de pequenas experiências realizadas;
- Jogos de palavras cruzadas, etc.

IV Reuniões

O Clube funcionará semanalmente, em cada classe ou em classes paralelas dentro do horário escolar, e, pelo menos, três vezes ao ano; com toda a escola reunida. Neste último caso, cabe à Diretoria do Clube da classe mais adiante a direção das sessões.

As sessões gerais efetuam-se com a participação dos sócios e de elementos de outras classes e de outras escolas, especialmente convidados, com o fim

de estimular o intercâmbio de idéias e unificação de interesses. Essas reuniões poderão ter caráter festivo e se realizadas fora do horário escolar.

V — Biblioteca

Devendo o Clube ter sua biblioteca particular, caso não exista biblioteca infantil na escola. Em qualquer hipótese, convém dispor o Clube de uma pequena coleção de livros dos mais comumente utilizados e que, assim, poderiam ser consultados, em qualquer momento.

No organização e funcionamento da biblioteca é necessário atender aos seguintes itens:

1. Na escolha dos livros que devem figurar na biblioteca deve-se atender, antes de tudo, aos interesses e necessidades do clube, os quais variam segundo a idade, sexo, adoramento, meio social. Convém ainda reunir duas categorias de obras literárias (recreativas) e didáticas ou de informação, isto é, os que se destinam a formar o gosto pela leitura e pela boa linguagem e os que servem de auxílio ao trabalho da classe.

b) Da disposição dos livros, em estantes, como da sua classificação e catalogação, devemos encarregar os próprios alunos, sob a direção do professor, a fim de despertar nequelas o gosto e a compreensão da ordem e do método no trabalho.

c) Quanto à utilização dos livros que poderá ser feita na escola ou em casa, cumpre ao professor:

- 1.º — Orientar os alunos na leitura ou pesquisa que desejem fazer. Em ocasiões que julgue oportuna, o professor levará os alunos a apresentarem relatório oral das leituras realizadas, fará perguntas sobre o conteúdo dos livros lidos; pedirá que sejam reproduzidas, pelos alunos, aspectos das leituras que, na opinião dos mesmos, encerrem formas literárias do seu agrado, etc.

- 2.º — Zelar pela implantação de hábitos corretos — quanto à leitura e quanto ao manuseio dos livros e à atitude que convém manter na biblioteca e com relação aos livros utilizados.

AULA DRAMATIZADA DE...

(Continuação da página 19)

de, fôda pela praia, com lugares lindíssimos, paisagens de coqueiros, e a boa perspectiva de uma águas de céu!

Quando saltamos no Hotel, bem na Avenida Oceanica, saltávamos de contentamento! (Saltitantes).

Jogos:

Deixamos as malas dentro de casa e andamos ligeiro para fora, pois a Pensão Wagner onde estamos hospedados, tem um maravilhoso terreno com palmeiras, coqueiros, grama e o mar bem em frente, é um local convidativo para brinquedos e jogos.

Vamos brincar de "gato e rato"? Então dêem os minhinhos, fiquem os gatos, deixem o gato e o rato fura e, assim que eu apitar, mudem a direção dos gatos, isto é, viruem-se à direita e mudem os mãos. Enquanto isso, o gato persegue o rato, com fúria. Isso mesmo! Corre, fuga-o bem! Pega-o! Brava!

Quero gato e outro rato, depressa — Prossegue o brincadeira.

E tempo de parar o jogo
Temos de voltar à cidade.

Levantar e transportar:

Como alguns se acham cansados, fazemos "cadelinhas" para eles, pois para conhecer bem uma cidade é melhor que não se tome nenhuma condução (Transporte, cadeirinha — 1º processo).

Não se importem de andar como "Maria Madalena", aqui ninguém os conhece. Vouks são turistas!

Correr:

Olha só o que vemos! O Farol da Barra! Mais adiante está o Forte de Sta. Maria, no Pôrto da Barra. Foi lá que os holandeses desembarcaram quando invadiram a Bahia.

Corramos até lá, mas não em corrida de velocidade. Assim não aguentaremos!

A corrida que não é de velocidade chama-se corrida de resistência. A pessoa vai correndo e expondo para não cansar.

Lançar:

Muito bem, agora temos calma. Vamos não só fizer num dia e a Bahia, também não se vê num dia. Paremos no cais do Pôrto para olhar a transparência da água. Vocês enxergaram os peixinhos, não? Vamos atirar, pedrinhas para espantá-los (Lançamento de objetos leves).

Atacar e Defender:

Aquela "baiana" está vendendo os seus quitutes, "acarajés", "abarás", cocadas etc. e aqueles moleques tentam furtar-lhe alguns dos bolinhos assados.

Vamos defender a "baiana"? Vamos, hajam como bons "zoeiros", derrubem por "knockout" os valiosos (Exercício imitativo: o "box").

Volta à calma

Bravos, vocês são valentes mas urge que desconssem um pouco. Vamos andando em marcha lenta e respirando. (Marcha lenta com exercícios respiratórios).

Fazemos, também, uma marcha com assobio. E, por hoje, desconssemos. Sozinhos, para o Hotel, Hotel, marchem! Um, dois, um, dois (Exercícios de ordem).

E assim termina um dia de visita à Bahia. Quando vocês crescerem, farão uma viagem diferente: correrão museus, igrejas, monumentos, etc.

A Aprendizagem da Escrita e a Criança Canhota

Extraído do livro *Psychology in Teaching*, de **Henry P. Smith.**

Tradução de **Glacira Amaral Barros**, do CPOE e Prof. do Instituto de Educação — P. Alegre — R. G. do Sul.

Legibilidade e rapidez são dois importantes objetivos do ensino da escrita. Nenhum deles deve ser sacrificado aos de beleza, estilo e originalidade. Quando o escritor toma rapidamente algumas notas para uso próprio, baixos padrões de legibilidade podem ser aceitos, o que não é possível, quando o material deve ser lido por mais alguém. Baixos níveis também são aceitos, quando o escritor vai fazer uso imediato de suas próprias notas.

Ocasionalmente, os pais perguntam o que acontecerá se a criança que mostra preferência para escrever com a mão esquerda, é encorajada a usar a mão direita. Muitas pessoas têm uma fraca ou uma forte preferência pela mão esquerda. Ainda, nosso estilo de escrito, da esquerda para a direita, leva a pessoa canhota a tomar uma incômoda posição para evitar que seus dedos passem por cima das palavras escritas. Assim, é preferível que a criança aprenda a fazer uso da mão direita sempre que possível.

Durante muito tempo, por causa de certos fatos relacionados com a localização da área cerebral que controla a fala e outras funções motoras, acreditou-se

ser perigoso encorajar a criança canhota a usar a mão direita. Muitos estudos foram feitos no sentido de determinar se tal mudança tinha alguma relação com o desenvolvimento de defeitos da linguagem, como a gagueira, por exemplo. O resultado desses estudos indica que, se a troca se processa cedo na vida da criança — nunca depois do 1.º ano escolar — e se a pressão exercida pelo professor ou pelos pais é regular, há menos probabilidade de a criança gaguejar.

A gagueira parece estar associada, não com a troca de mãos, mas com a tensão emocional. Se a criança tem pronunciada preferência para escrever com a mão esquerda, a ponto de precisar luta, para fazer a troca, essa insistência pode levá-la a gaguejar. Mas, já que os escritores canhotos encontram certas desvantagens no mundo destro em que vivemos, as crianças que apresentam somente moderada preferência no uso da mão esquerda, devem ser estimuladas a usar a mão direita, durante a aprendizagem da escrita. Contudo, as vantagens não são tantas que justifiquem deixar a criança sob forte estado emocional.

Como Conseguir Melhores Resultados Educativos com a Projeção de Diafilmes

Elaboração da Prof. **Daisy Araújo Rêgo**
Orientadora de Ensino Primário — R. G. do Sul.

Dentro da escola, a projeção de diafilmes é de grande valor, embora não superada pela observação direta da realidade, toda vez que possível de realização.

Considerando que a aprendizagem se realiza na criança através de experiências significativas para ela e na base de seus interesses, participando do trabalho escolar a totalidade do seu ser, segue-se que o auxílio áudio-visual é recurso valioso da Didática moderna.

Com este processo o aluno não sómente se informará pela leitura, mas comprovará visualmente, por intermédio do diafilme, aquilo sobre o qual o livro relata ou o mestre explica. Teremos assim um estudo muito mais completo, documentado de maneira agradável e interessante e que irá possibilitar uma aprendizagem efetiva.

DIRETRIZES PARA O USO DO DIAFILME

Certas precauções se tornam necessárias, para que se alcancem os objetivos visados, quando pretendemos lançar mão do ensino áudio-visual através da projeção de diafilmes. Teremos, então, a considerar:

- a — Estar o professor inteirado do conteúdo do diafilme e ter a certeza de que ele corresponde ao que pretende ensinar.
- b — Conhecer o texto que lerá, paralelamente à exibição.
- c — Projetar, previamente, o filme, marcando as etapas mais importantes e anotando explicações que se tornem oportunas, sobre as mesmas.
- d — Coletar materiais afins ao diafilme para enriquecimento da aula.
- e — Providenciar para que o recinto de projeção te-

nha as condições necessárias, tais como: tomada de corrente, tela, acomodações para os alunos, possibilidades de escurecimento completo etc.

- f — Providenciar pequena luz que permita a leitura do texto explicativo do diafilme, ou estudá-lo o suficiente para prescindir do folheto.
- g — Ter o material ordenado e disposto para ser visto, discutido e comentado após a exibição.

Depois da projeção do diafilme, o professor poderá começar um trabalho de apreciação sobre o mesmo. Para tal, diversas modalidades serão usadas, tanto no sentido de uma melhor aprendizagem quanto para evitar a monotonia que surgiria, decorrente de atividades sempre iguais.

Qualquer que seja o tipo de trabalho planejado, deverá precedê-lo um período que chamaremos de "meditação" e no qual os alunos, mentalmente, recapitularão o que acabaram de ver. A seguir, o professor iniciará a tarefa que poderá vestir-se em formas variadas, enquadrando-se em um destes tipos de trabalho:

- 1 — Discussão dirigida.
- 2 — Resumo do filme visto, salientando os aspectos anteriormente desconhecidos.
- 3 — Questionários de observação.
- 4 — Análises dos pontos positivos e dos negativos.
- 5 — Conclusões educativas a que o diafilme conduziu.
- 6 — Renovação de conceitos em consequência do observado.
- 7 — Hábitos aconselháveis em razão do que foi visto etc.

Recursos Econômicos do Brasil

(Sugestões para trabalho de classe)

Insp. Escolar — ENEIDA RABELO A. DE ANDRADE
Plano da Prof. MARIA DE LOURDES PEDROSA

CLASSE — 4.^º e 5.^º Séries — Curso Primário

MATERIAL DO PROFESSOR

O mais variado e significativo. Sugestões:

Um mapa do Brasil, impresso, e outro com a divisão regional. Este mapa das regiões, deve apresentar cada uma das regiões em cores diferentes e recortadas. Por trás de cada uma delas deve haver 5 páginas em papel mais fino e com a mesma forma de cada região, contendo desenhos representativos dos RECURSOS ECONÔMICOS.

MATERIAL DO ALUNO

O comum, de real interesse.

Observações e associações: Procuraremos desper-

tar o interesse dos alunos no que se refere ao desenvolvimento político e econômico do Brasil. Apresentaremos o Mapa impresso, recordaremos a sua divisão política, cada um dos seus Estados, Capitais, e em seguida faremos ver que o território brasileiro não apresenta em toda a sua extensão o mesmo clima, a mesma natureza do solo, a mesma situação geográfica, etc.; Por isso o Brasil apresenta-se dividido em regiões. Mostramos à classe o Mapa da divisão regional do Brasil, fazendo observar, principalmente a região nordeste a que vai ser objeto de estudo em algumas aulas. Os nomes dos Estados que formam as regiões estão cobertos com fichas de cartolinhas e serão retirados um a um pelos alunos, com as respectivas capitais, até que se organize no quadro-negro a seguinte sinopse:

REGIÃO NORDESTE	Estado do MARANHÃO	Capital — SÃO LUIS
	" PIAUÍ	" TEREZINHA
	" CEARÁ	" FORTALEZA
	" RIO GRANDE DO NORTE	" NATAL
	" da PARAÍBA	" JOÃO PESSOA
	" de PERNAMBUCO	" RECIFE
	" ALAGOAS	" MACEIÓ
	TERRITÓRIO DE FERNANDO DE NORONHA	" FERNANDO DE NORONHA

A sinopse acima deve ser fixada por toda a classe e copiada no caderno de apontamentos.

Continuando convidaremos um aluno para levantar aquela parte que está sendo observada no mapa, para que apreciem no interior as gravuras referentes a cada uma de suas produções.

Assim, na 1.^ª página, observarão 3 partes distintas: 1.^º quadro representando a produção vegetal como o cana-de-açúcar, o algodão, o babaçu, o carnaúba, etc., sempre foram e continuam a ser maior fonte de riqueza da região nordeste.

Chamaremos a atenção da classe para a pesca em jangadas e para os salinários.

A medida que são observados e comentados os quadros, procuremos organizar com a classe um esquema sobre o assunto, mais ou menos semelhante ao seguinte:

Produções do NORDESTE:	CANA-DE-AÇÚCAR	BOVINO CAPRINO SUINO
	CARNAÚBA	
	BABACU	
	ALGODÃO	
	CÔCO	
	ABACAXI	
	MAMONA	
	CRIAÇÃO DO GADO	

Depois da fixação e cópia nos cadernos, faremos observar a 2.^ª página, com os cenários representativos da agricultura regional. Falaremos sobre o trabalho que têm os agricultores em preparar a cultura do terreno para o cana-de-açúcar, o algodão, o côco, o abacaxi, etc., que são as maiores fontes de riqueza do nordeste.

Segundo a mesma técnica anterior faremos organizar a outra sinopse:

Agricultura	E' grande a importância agrícola do nordeste. E' constituído principalmente de cana-de-açúcar, de algodão, de fumo, café, milho, mandioca, arroz, feijão e caroá.
	(Continua na página 9)

A AÇÃO DO...

(Continuação da página 5)

naturalmente, alguns pequenos erros são até de alguma utilidade no processo de aprendizagem.

Para finalizar devemos dizer que a antevisão do castigo, ou a antecipação da desagradável vivência da punição frequentemente induzem ou levam o indivíduo a repetir e a persistir na prática errônea.

O uso do castigo na educação deve ser definitivamente abolido porque, geralmente, o castigo só vai melindrar as personalidades que já são de si mesma patologicamente suscetíveis e porque, como acabamos de ver, nem sempre consegue enfraquecer a tendência errada, conseguindo, sim, reforçá-la muitas vezes.

A determinação do interesse

Pode-se começar considerando a questão que decide

quanto interesse haverá num determinado setor ou aspecto da utilidade a ser aprendida: em primeiro lugar, e sobretudo, vêm certos fatores favoráveis de interesse gerais e dependentes, como o sentido genérico de bem-estar, conforto e prazeres sensoriais, a satisfação pela atividade mental, o aplauso alheio ou a expectativa de receber-lo, o sentimento próprio de capacidade, competência ou pericia e a iminência do êxito. Qualquer atividade que seja capaz de determinar estes resultados satisfatórios interessa sobramente, isto é, é muito interessante. Estes fatores estão contidos na própria natureza humana; são muito poderosos e não levam em conta quem está aprendendo ou o que está aprendendo. Atuam tanto em adultos como em crianças tanto nos altos como nos baixos níveis de aptidões. A pedagogia da escola elementar fez notáveis conquistas como o aproveitamento deliberado desses desejos profundos da natureza humana a serviço da leitura, da escrita ou de qualquer outro ramo do aprendizado.

PARECER

Existência da "Serra do Mar" no Rio Grande do Sul

Integra do parecer do Diretório Regional de Geografia

PARECER N.º 25

Atendendo ao pedido de informação encaminhado pelo **Centro de Pesquisas e Orientação Educacional Educacionais**, da Secretaria de Educação, ao Diretório Regional de Geografia, acerca do relevo do Rio Grande do Sul, respondemos ser **errada** qualquer referência à "Serra do Mar" neste Estado.

O relevo da **Serra do Mar** estende-se, paralelamente ao litorão da costa brasileira, do Estado do Rio de Janeiro (vale do rio Paraíba do Sul) até a parte meridional de Santa Catarina, apresentando o aspecto de alta e abrupta "muralha" litorânea.

Ao sul de Santa Catarina, porém, em lugar da **Serra do Mar**, que é cristalina, é a "**Serra Geral**", basáltica, que se aproxima da costa e percorre o litorão brasileiro até o norte da cidade de Pôrto Alegre, onde, tomando a direção leste-oeste, desvia-se para o interior do Rio Grande do Sul.

Neste trecho litorâneo, a **Serra Geral** se apresenta semelhante à **Serra do Mar**, pois, a par da posição litorânea, oferece um aspecto montanhoso, de alta "barreira" vizinha à costa.

Possivelmente, tal semelhança é que leva alguns autores a confundirem a **Serra Geral**, no seu trecho litorâneo, com a **Serra do Mar**, considerando-a um prolongamento desto.

As duas parcelas do Planalto Brasileiro se discriminam aí, no entanto, pela sua origem e pela sua estrutura geológica.

A **Serra do Mar** é formada de **rochas cristalinas** e foi originada, remotamente, por levantamentos na era orogênica, tendo sido, em seguida, rebaixadas pela erosão. No terciário, falhas lhe originaram um novo relevo em escarpa, relevo este que os agentes da erosão acentuaram, desgastando as partes menos resistentes e dando causa ao aparecimento de vales profundos, entremeados por cristas elevadas. Daí o aspecto montanhoso que é peculiar à **Serra do Mar**.

A **Serra Geral** é a borda de um extenso planalto de arenitos triássicos, que foram recobertos de rochas extrusivas basálticas ("trapes"), derramadas através de fraturas que se produziram na crosta ter-

reste, no fim do período triássico. Sendo o "trap" muito duro, resistiu à erosão, originando a escarpa.

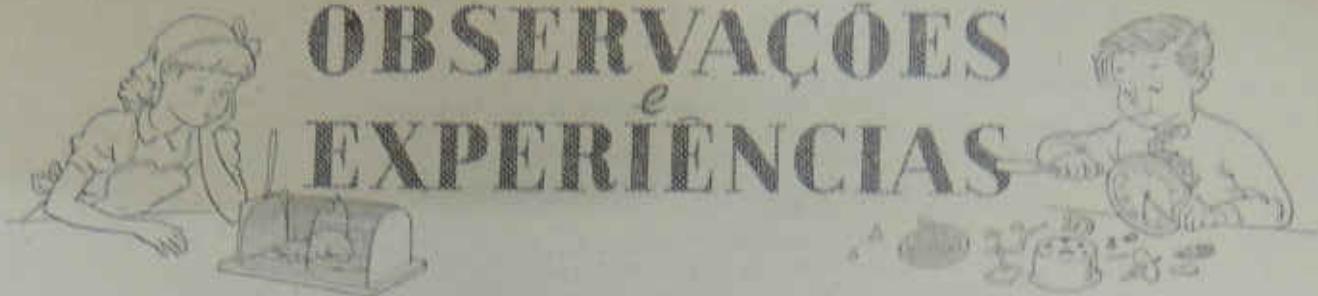
Têm-se, assim, dois relevos bem diferentes nos **Serras do Mar e Geral**, não se podendo confundi-los pela simples posição e semelhança de aspecto. A **Serra do Mar**, formada por rochas cristalinas, é uma escarpa de falhas, — a **Serra Geral**, constituída por rochas sedimentares, recobertas pelo basalto, é uma escarpa de erosão. (Front de cuesta).

Ainda cabe chamar a atenção do Professorado Estadual acerca do engano de alguns autores que consideram ramificações da **Serra do Mar** certos afforamentos graníticos que aparecem no sul do Estado, como as serras do **Herval e Tapera**. A identidade geológica é insuficiente para levar a tal conclusão. As citadas elevações diferem inteiramente, tanto na sua estrutura morfológica como em seu aspecto, da grande barreira atlântica brasileira: são suaves e pequenas elevações, destacadas dentro de uma vasta planicie.

Todos estes esclarecimentos poderão ser encontrados pelos Professores do Estado, com maior riqueza de detalhes, nos artigos do Professor Fábio de Mamede Soares Guimarães: "Relieve do Brasil" e "Geologia do Brasil", publicados nos Boletins Geográficos do Conselho Nacional de Geografia, ano I, n.º 4 e ano I, n.º 3. Outras elucidadoras valências se encontram nos artigos do Pe. Rombo: "Fisionomia do Rio Grande do Sul", I e II, nos Boletins Geográficos do C. N. G. ano VI, n.ºs 40 e 41. Sabendo ser de interesse para os estudiosos informações bibliográficas, citamos, ainda, o artigo do Professor Silvio Freitas de Abreu, publicado na Revista Brasileira de Geografia, ano VII, n.º 1: "Mineração Brasileira".

Sem maiores considerações, supomos ter esclarecido, satisfatoriamente, a questão que nos foi proposta, trazendo-nos no entanto, à disposição, para outras elucidações que se tornarem mister sobre este ou outro assunto geográfico.

Ass. Maria Luiza Lesso Curtis
Geógrafa do C. N. G. — Assistente Técnico do
Diretório Regional de Geografia



OBSERVAÇÕES EXPERIÊNCIAS

CAUSA DO DIA E DA NOITE

Tradução e adaptação do livro "Exploring in Science" de Gerald S. Craig por Zoida Barcelos. P. Alegre — R. G. do Sul.

Uma das noções mais difíceis de transmitir às crianças é a das causas do fenômeno dia e noite.

Sugerimos a experiência que segue e que deve ser realizada de preferência com a sala às escuras.

Fazer as crianças observarem e manusearem o globo terrestre fazendo-o girar de oeste para leste; fazê-las localizar no globo o lugar onde moram (pelo menos o país). Uma das crianças deve segurar uma lanterna acesa e focá-la sobre o globo.

A luz da lanterna representa o sol. Se escurecerem a sala de aula, essa experiência será melhor entendida. Olhem o globo. Que parte da terra está iluminada? Que parte está escura?

Qual a causa do dia e da noite?

Os cientistas chamam de rotação o movimento da Terra.

Eles dizem que a Terra gira ou roda uma vez em cada vinte e quatro horas. Olhem o globo na escola.

Fazam-no rodar depressa. Girem-no de oeste para leste.

Este é o verdadeiro movimento de rotação da Terra.

Ela gira de oeste para leste.

A rotação da Terra produz os dias e as noites. Agora experimentem por si mesmos descobrir a causa desse movimento.

Coloquem o globo — a nossa Terra — sobre uma mesa. Alguém segura uma lanterna acesa perto do globo.

A luz da lanterna é o sol. Se escurecerem a sala de aula, essa experiência será melhor entendida. Olhem o globo. Que parte da terra está iluminada? Que parte está escura?

Agora procurem no globo o lugar onde moram; em seguida girem o globo de oeste para leste. Movam-no devagar. Fixem o lugar onde moram. Que acontece nessa parte do globo?

Fica ela ora iluminada, ora no escuro?

Essa experiência ajuda-os a entender melhor porque no lugar onde moram uma vez é dia, outra vez é noite.

Logo, sendo a terra redonda, sómente a metade dela pode ser iluminada de cada vez.

Durante doze horas temos dia e durante doze horas temos noite.



TRATOS CULTURAIS

Insp. Esc. Eneido Rabelo A. de Andrade

Trabalho organizado pela Prof. Yara da Cruz.
Escola Rural "ALBERTO TORRES"

Divisão do Ensino Profissional, Rural e Supletivo
da SEC — Pernambuco.

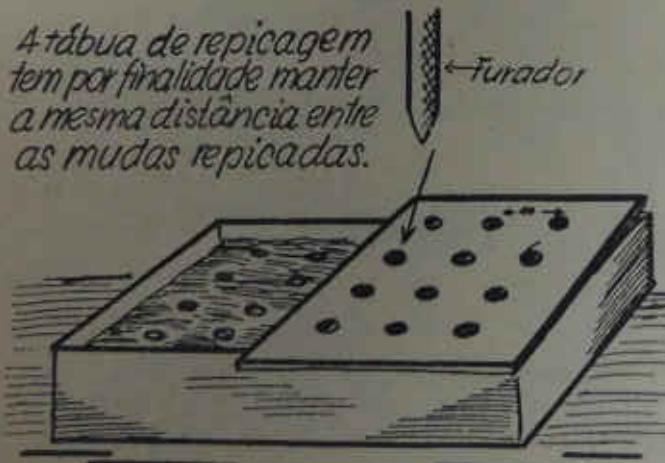
Não basta semear, é preciso tratar, para obtermos resultados satisfatórios. Não sómente na horta, como no jardim e no pomar, as plantinhas requerem cuidados indispensáveis ao seu desenvolvimento — a estes cuidados chamamos **tratos culturais**.

Dentre os **tratos culturais**, destacamos:

- a) Repique ou repicagem
- b) Transplantação
- c) Límpa ou capina
- d) Amontoa
- e) Desbrota
- f) Desponta
- g) Intoragem
- h) Afogamento
- i) Desbaste

a) O repique consiste em tirar a muda da sementeira, levando-a para um viveiro, onde é plantada mais distanciada e com uniformidade. Podemos também levar a muda para um outro caixote da sementeira. A repicagem permite um desenvolvimento mais rápido da planta.

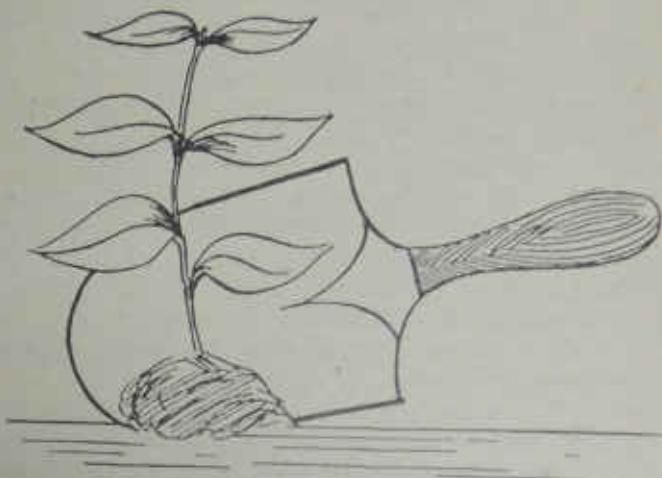
O tomateiro, por exemplo, logo que tem 5 a 6 centímetros de altura, pode ser repicado. Na repicagem, usamos sempre a tábua de repicagem, que consiste numa tábua ou pedaço de flandre, com orifícios distanciados — de 5 ou 10 centímetros, conforme a natureza da muda.



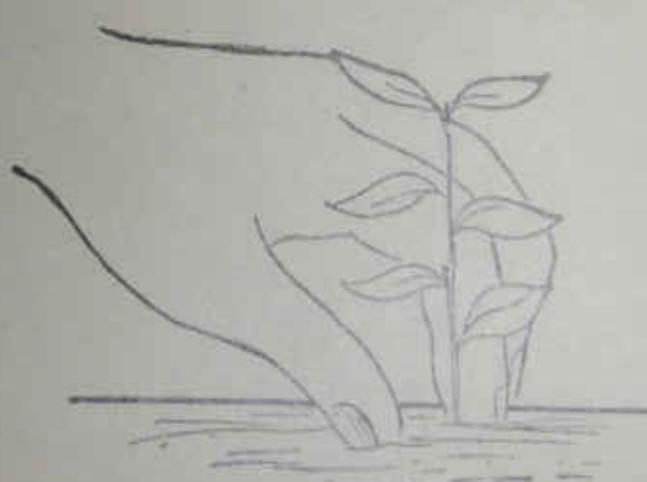
b) Transplantação — Assim chamamos ao plantio das mudas, oriundas da sementeira ou do viveiro para o canteiro definitivo, isto é, onde devem ser colhidas.

Conforme a variedade da planta, usa-se fazer o transplante com ferramenta ou à mão.

Para retirarmos a muda do caixote de sementeira para o canteiro definitivo usamos a colher de transplante, a qual tem a finalidade de retirar a muda com o bloco de terra, evitando assim o "refriamento" da raiz.

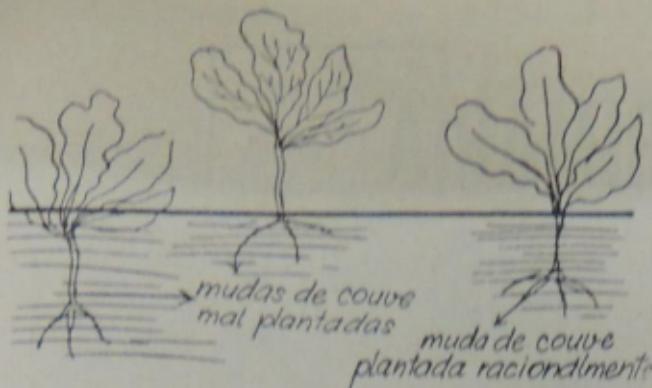


Abertas as pequenas covas no canteiro definitivo, lança-se a muda e chega-se terra em derredor, tendo-se o cuidado de tossá-la mais nas raízes do que no colo.



Devemos procurar dias chuvosos ou sombrios para realizarmos o transplante. Na época de verão devemos procurar transplantar à tarde.

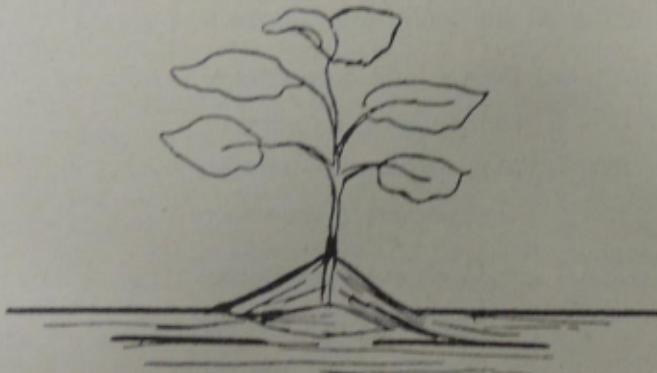
c) Limpas ou capinas têm por finalidade manter o solo livre de ervas daninhas. São feitas geral-



mente com o auxílio de instrumentos agrícolas, como enxadas, enxadinhos, aradinhas de mão etc. Na prática desta operação devemos ter o cuidado de não lançar terra nas hortaliças de folha, nem também ofendê-las, quer na parte aérea, quer na subterrânea. Algumas culturas necessitam às vezes de limpa à mão.

d) Amontoa — Consiste em chegar terra aos pés das plantas, permitindo-lhes melhor equilíbrio e por conseguinte resistência ao vento, aumentando o sistema radicular da planta. O instrumento agrícola empregado é a enxada.

Devemos fazer esta prática agrícola sempre que possível pela manhã ou à tarde, para evitar chegar terra quente aos caules.



e) Desbrota — consiste em tirar o excesso de folhas e ramos, proporcionando uma melhor insolação nos frutos ou ramos. Esta prática é muito usada nos tomateiros.

f) Desponto — consiste em cortarmos o brôto terminal a fim de que a planta emita outros brôtos. É uma prática muito usada na família das cucurbitáceas e em algumas solanáceas.

g) Intoragem — é uma operação que tem por fim amarrar a planta a uma estaca ou vara de bambu para evitar que o vento ou o peso dos frutos a derube. Podemos amarrá-la com embira, pano velho, de maneira que não se aperte muito o caule, perturbando o seu desenvolvimento.

h) Afofamento — tem por finalidade conservar o terreno dos canteiros sempre fôfo, permitindo fácil arejamento e infiltração da água. Os instrumentos agrícolas usados são os escarificadores, (garfo, mão, unha).

i) O desbaste consiste na eliminação dos pés supérfluos numa plantaçāo.

DIREITOS DA CRIANÇA

(PUBLCACAO DO DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA)

A TÔDA criança nascida ou residente no Brasil, reconhecemos os seguintes direitos, empenhando-nos, cada um na medida de suas fôrças, por proporcioná-los sobretudo àqueles a quem a má sorte feriu ou deixou ao desamparo.

Ser atendida desde o seio materno e nascer bem, evitados, o quanto possível, os riscos de morte, doença ou deformidade.

Ser criada sob o carinho maternal e no ambiente da família ou, na falta dêste, num que se lhe aproxime o mais possível.

Nunca sofrer fome ou penar por insuficiência de alimentos nutritivos indispensáveis.

Receber os princípios de educação que a preparam para a vida e lhe permitam tomar consciência do seu próprio destino.

Receber assistência médica e higiênica que lhe evite riscos de doenças e de morte.

Jamais ficar abandonada à sua própria sorte, sem amparo material, social e moral, eficiente e carinhoso.

Não ser menosprezada por motivos de família, ilegitimidade, pobreza, raça, religião, deformidade física ou mental.

BELA ORQUÍDEA...

(Continuação da página 22)

tibá, abandonando a sombra amiga e fresca daquela mata verdejante, onde vivera, desde o seu nascimento, com os Passarinhos delicados, com as Formigas pequeninas, com as leves Borboletas, com os Mosquitos bailadores que a deixavam em paz, sem lhe destruir a beleza deslumbrante, beleza que ali, naquele jardim, tão depressa havia murchado.

E a Bela Orquídea chorou, amargamente, a troca que havia feito.

* * *

Então a Fada das Matas, aproximando-se de mansinho e vendo seu arrependimento, disse:

"Bela Orquídea, queres voltar para o galho onde nascestes? Viverás desconhecida, porém eu te devolverei a beleza. Serás resguardada pelos braços do grande e bondoso Jequitibá. E, humilde e bela, poderás ser feliz".

Arrependida, aceitou a proposta.

Foi viver novamente no galho nodoso e enrugadu da majestosa árvore. Tornou-se amiga das Formiguinhas andejas, das Borboletas multicores, dos Mosquitos bailantes e esforçou-se para ser cada vez mais bondosa, mas amiga daquela mata cheia de sombras e silêncio, donde nunca mais pensou em sair.

* * *

E desde então suas descendentes — as Orquídeas Maravilhosas — amam os lugares sombrios e só nelas que gostam de ostentar tôda a sua caprichosa e delicada beleza.

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA



DA JARDINEIRA PARA A JARDINEIRA

Lembre-se que...

- ... para a criança o brinquedo é uma atividade real e tem significação de trabalho.
- ... o brinquedo é uma atividade necessária e útil ao desenvolvimento físico e emocional da criança.
- ... o brinquedo é que melhor possibilita o desenvolvimento harmonioso da personalidade infantil.
- ... cabe à Jardineira orientar as atividades recreativas da criança, segundo o interesse e as necessidades do grupo.
- ... para formar os hábitos de ordem e disciplina, a Jardineira deve fazer com que as crianças entrem e saiam em aula com ordem e bom comportamento.
- ... após uma recreação mais agitada deve-se levar as crianças a um repouso que permita a recuperação das energias gastas durante o recreio e, quando esse não for possível, fazer com que as crianças realizem atividades individuais e que possam ser realizadas dentro de um clima de tranquilidade e silêncio.
- ... cada atividade dirigida deve ter a duração que permita manter o interesse da criança ativo.
- ... para iniciar ou terminar uma recreação dirigida o brinquedo cantado é o mais indicado.

MEU LIVRINHO

Ilda Leite de Sousa

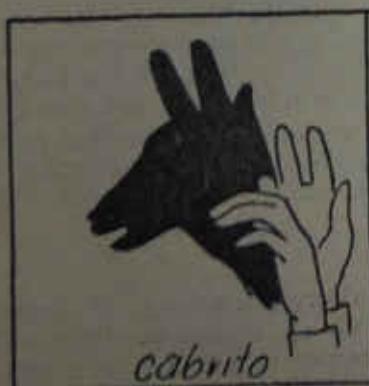
Vejam só que beleza!
O livro que hoje ganhei!
Hei de trazê-lo cuidado,
Com carinho o folhearei.

Meu amigô ele há de ser,
Meu guia, meu professor,
Como lhe sou obrigada!
Já lhe tenho muito amor!

Depois lerei outros livros,
Livros vários, de valor!
Mas êste que li primeiro,
Terá sempre o meu favor!

Já não vejo só figuras,
Agora também sei ler!
Quanta coisa não sabia
Que posso agora saber!

SOMBRA S CHINESAS



cabrito



elefante

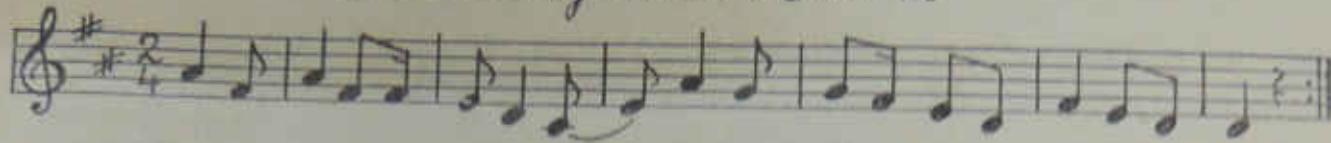


camelo



cão

Uma viagem à Bahia



CANDIDA LUIZA CERNE DE CARVALHO

Técnico em Educação do M. E. C., Prof. de História e
Filosofia da Educação da Escola Normal "Carmela Dutra" — D. Federal.

"Vocês já foram à Bahia? Não?" Então vamos...
Não, não é daquela canção conhecida. É verdade que
estou falando. Verdade, quer dizer, é uma viagem de
faz-de-conta.

Uma viagem que faremos na aula de hoje e que
será tão boa que até pensaremos, realmente, que es-
tamos indo à **boa terra**.

Sessão preparatória

Evolução: Todos, de malas na mão, ficaremos
andando em fila para tomar o avião. Como o avião
está atrasado, faremos um passeiozinho para passar
o tempo e conhecer bem o aeroporto.

(Marcha em serpentina).

Que maravilha! Chegam os aviões da Europa,
dos Estados Unidos, seguem outros para a Argentina;
descem passageiros do sul, embarcam viajantes para
o norte. Um movimento enorme!

E de avião é tão simples, tão rápido! De vapor
era mais complicado. As vantagens eram maiores, o
tempo maior, as despedidas maiores!

Mas, também, tinha a sua beleza. Os marinheiros,
nos seus uniformes bonitos, o apito do navio, o
encanto do mar.

Vamos cantar uma modinha daqueles tempos
em que não havia aviões e todos viajavam de navios?

RODA Letra

ESTRIBILHO

*Marinheiro chora
Tindo ié — ié
Chora nas ondas do mar
Tindo ié — ié — iá, iá...*

QUADRINHAS

*Atizei um limãozinho
Tindo ié — ié
De maduro foi ao fundo
Tindo ié — iá, iá*

*Os peixinhos gritaram então
Tindo ié — ié
Viva D. Pedro II
Tindo ié — ié — iá, iá*

*Ninguém viu o que eu vi hoje
Tindo ié — ié
Um macaco fazer renda
Tindo ié — ié — iá, — iá*

Também vi uma perua
Tindo ié — ié
Fazer compras numa venda
Tindo ié — ié — iá, iá.

Flexionamentos

Bem, não há tempo a perder com brincadeiras.
Já está chegando o nosso "DC-4". É um ótimo avião,
grande, bonito, um verdadeiro pássaro de aço.

Vamos dar o último adeus, de longe, aos nossos
pais e entrar na aeronave — (Braços: elevação
alternada dos braços à frente e ao alto (5 vezes cada um)).

Agora toca a subir, com cuidado, a escadinha
do aparelho (Pernas: elevação alternada das pernas
— 10 vezes cada).

Bem, estamos já no avião e devemos ir rápidamente
para os nossos lugares, pois ele não demorará
muito para sair. Coloquemos as maletas em cima, no
lugar próprio para isso. Tronco: flexão e extensão do
tronco, pernas afastadas — 5 vezes).

E' claro que ficamos um pouco cansados e on-
tes de sentar é bom fazer um exercício respiratório
para descansar — (Caixa torácica: inspiração e ex-
piração com elevação dos braços estendidos — 5 ve-
zes).

Lição propriamente dita

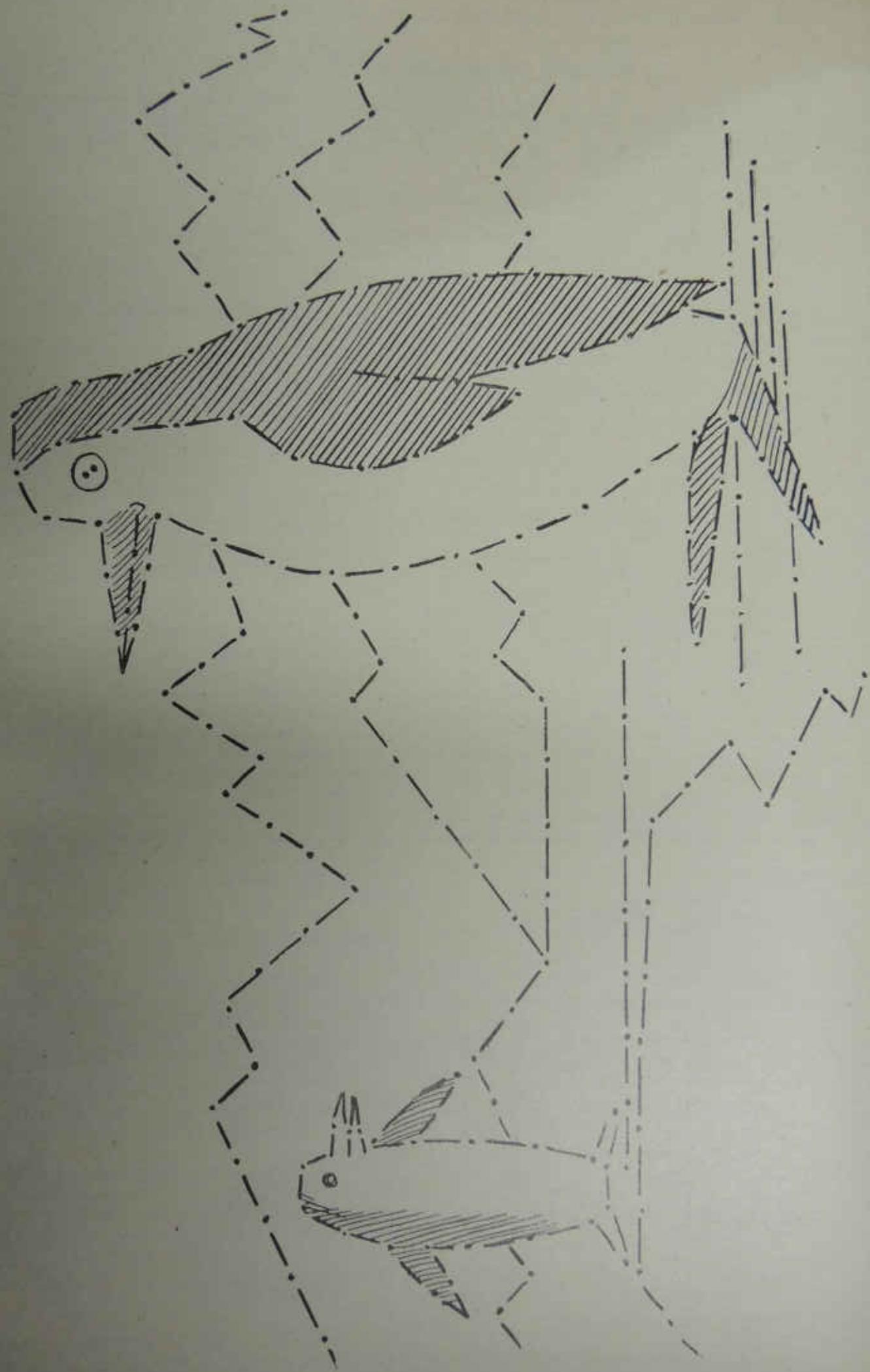
MARCHAR: Sentados, acompanhamos a partida,
vimos a saída do Rio, e, ao descer em Vitória, necessi-
tamos andar um pouco vivamente para fazer exer-
cício (Marcha alongada e depois marcha normal).

TREPAR: Apesar de termos andado um pouco
não chegamos a ver propriamente Vitória, capital do
Espírito Santo. Ela fica um pouco distante do aero-
porto...

Estamos ansiosos por chegar a Salvador. Feliz-
mente falta pouco... Entim, ésta que se aproxima.
Aproximemo-nos. Está na hora de saltar. Como fomos
muito tempo sentados, com os perninhos pendurados,
convém fazer um pouco de exercício de equilíbrio só-
bre uma perna, sobre outro, etc. (Exercício imitativo
— A reganhá).

SALTAR: Que cosa deliciosa, o passeio pelo es-
tado que conduz os passageiros do aeroporto à cida-
(Continua na página 33)

PERFURAÇÃO E ALINHAMENTO



Meu Jardim ama o Brasil!

TEMPO DE MARCHA

MELODIA DE ALBERTO ALBUQUERQUE ALUNO DO I.E.-PAES
LETRA R.R.Furtado

mf Brasil terra boae queri - da Bra-sil tudo emti é a-

mor Tu tens uma linda bandeir - ra que ama-mos

com fer- vor É verde amarela a bandeir - na Nô

centro um céu estre-la - do. Brasil tu serás muito

for - te, por todos res-peitado.

BELA ORQUÍDEA

Aproveitando as instruções publicadas no número 45 desta Revista, "Vamos construir um teatrinho?" apresentaremos o cenário, os personagens e a história Bela Orquídea, da autoria da professora Madre Maria José, do Instituto N. Sra. Medianteira P. A.

Bela Orquídea acordou de mau humor. Nenhum raiozinho de sol penetrava na copa daquele velho Jequitibá, em cujo galho vivia agarradinho, desde que nascerá.

Bela Orquídea andava descontente, arrependida. Tão lindo que era e... desconhecida, vivendo no fundo da mata-virgem, onde ninguém apreciava sua beleza. Que sorte miserável!

Do alto galho, baixou a cabeça e notou, subindo pelo tronco enrugado, uma fila de Formiguinhas. Que antipáticas e insuportáveis!

"Alto lá! Arredem-se daqui, Donas Formigas! Não foquem em minhas raízes... Não se aproximem de mim... Descom, descom, voltem para o chão escuro... Cada qual com seu igual!"

As Formigas, muito boazinhas, obedeceram. Deram meia volta, deixando a orgulhosa dominar naquele velho tronco do Jequitibá que, por direito, pertencia a todos.

* * *

"Senhorita Borboleta, não se aproxime de mim! Não me toque! Contemple, de longe, a minha beleza... Você, com suas patinhas peludas e sujas, vai estragar a seda de minhas pétalas. Não vê que sou a flor mais bela e delicada do mundo?..." assim dizia Bela Orquídea à Borboleta de asas furta-côr.

"Puro engano, Bela Orquídea. Sabe o que você é? A mais orgulhosa, a mais tóla dentre as flores que existem. Nem me cansarei de olhar para você..."

E saiu, batendo suas lindas asas azuis, o voar pela mata-virgem.

Pobre Bela Orquídea que se julgava Rainha! Bela, tóla e orgulhosa!...

* * *

Passeando pela mata espessa, a Fada dos Bosques viu o grande Jequitibá. Olhou-o com carinho. Como era majestoso, a espalhar seus grossos galhos, dando sombra fresca e abrigando Borboletas, Insetos, Passarinhos que ali viviam felizes!... Fada dos Bosques reparou também na Bela Orquídea e perguntou-lhe:

"Como vais, linda pequena?"

"Mal, muito mal, boa Fada!... Pois não vês que este lugar está em desacordo com meu esplendor? Nasci para ser cortejada; flor nenhuma possui a minha graça e o meu encanto. Viver neste mato escuro é a maior infelicidade para quem devia ser eleita Rainha das Flores. Aqui só me contemplam as Borboletas inconstantes, as Formigas andarilhas, as Mósca e os Mosquitos dançadores, os Pássaros tristonhos, todo esse mundo sem valor que me rodeia. Leva-me, ó Linda Fada, para um recanto mais de acordo com minha beleza. A vida aqui é intolerável... Fada amiga: sou bela demais para esta mata úmida e tenebrosa..."

A Fada resolveu atender ao pedido que lhe era feito. Arrancou Bela Orquídea do tronco onde se pegava e levou-a com folhas e raízes, para longe, longe, a um maravilhoso jardim cheio de flores lindíssimas, reunidas num conjunto sem igual.

Fada dos Bosques enterrou as raízes de Bela Orquídea num chão coberto de relva macia. Ali, destacando-se de todas, poderia ser admirada por quantos andassem pelo jardim.

Bela Orquídea rejubilava. Era assim mesmo o lugar que sempre ambicionara para viver! Oh! que delícia viver ali!... Levantou a cabecinha; não olhou para ninguém e, numa pose de rainha, esperava as homenagens que julgava lhe deviam apresentar.

E passou, assim, uma semana.

* * *

O Grande Sol descansava, há vários dias, no algodão macio das grossas nuvens cár-de-chumbo. Não aparecia na Terra, não aparecia em parte alguma. Parém, certa manhãzinha, chegou-se ao Sol o Vento Irrequieto, dizendo-lhe assim:

"Amigo, vamos passear um bocadão? Não vês como a Terra anda triste com nossa ausência?"

O Grande Sol, sempre pronto a fazer a vontade do amigo, concordou. Saltou das nuvens e, dando o braço ao Vento, desceram os dois à Terra mergulhada em umidade e cerração.

E foi quando Bela Orquídea começou a conhecer e viver uma vida diferente. Sua sorte mudou... E que diferença!

O Vento Irrequieto descobriu-a no gramado verde e liso; encantou-se nela e começou a cortejá-la, não a deixando um momento em sosségio...

O Grande Sol também viu Bela Orquídea. Rudeou-a com seus raios abrasadores... E, maravilhados, perguntavam-se um ao outro os dois amigos:

"Dónde surgiu esta beldade até aqui desconhecida?"

Bela Orquídea, vermelha pelo calor e tonta pelo vento, desesperava-se. Ninguém a defendia diante de impertinentes? Se assim continuassem, ela morreria na certa.

Mas, como Bela Orquídea era ali desconhecida e, em seu louco orgulho, não cultivava a amizade de ninguém, continuou protestando e gemendo sózinha, bem sózinha, e sentindo cada vez mais faltarem-lhe as forças.

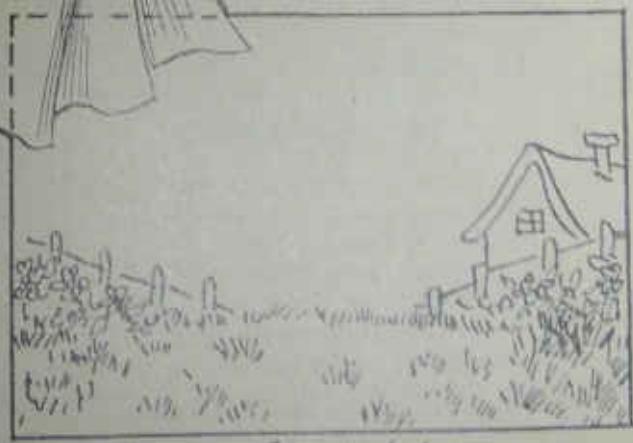
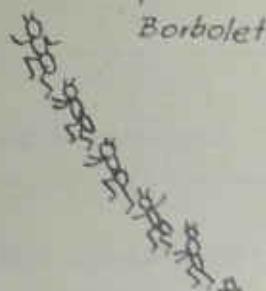
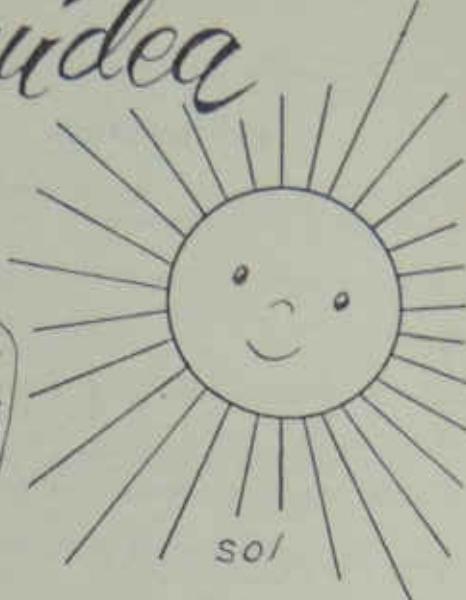
Quando, à tardinha, o Grande Sol despareceu no horizonte, acompanhado pelo Vento Irrequieto, Bela Orquídea, cansada quase sem alento, deixou cair a cabecinha...

Ali a que feura ficara reduzida em tão poucas horas!...

E chorou, chorou... Bem compreendeu o loucura que fizera, deixando o seu grande e bondoso Jequitibá.

(Continua na página 17)

Bela Orquídea



Exercícios e Divertimentos

RIOS DO BRASIL

Ordenando as letras das palavras abaixo você formará nomes de rios do Brasil.

Baígu — Adeimar — Cantotins — Uguairu — Ijocu
SOLUÇÃO:

Guaiba — Madeira — Tocantins — Uruguai — Jacui

Com a palavra MARMELADA você poderá formar outras palavras de acordo com a definição abaixo:

- 1) Grande extensão de água
- 2) A voz da ovelha
- 3) Uma nota musical
- 4) O oposto de recebe
- 5) Grande docura
- 6) O que respiramos
- 7) Lôdo
- 8) Folhagem
- 9) Esquadra
- 10) Nome de mulher
- 11) Envelhecimento
- 12) Acolá

SOLUÇÃO:

Mor — Mé — Ré — Dá — Mel — Ar — Lama
Ramada — Armada — Ada — Mela — Lá

SAMAMBAIA, DÁLIA E AMOR

(Do livro "Rosa Distante")

Nísia Nóbrega Leal — D. Federal

Duas dália havia junto às fôlhas
De verde samambaia;
Vinha tudo amarrado com barbante,
Pra não fugir o amor que ele escondeu
No meio...
Chegou cansado, e as flores quase murchas!
Deu-me o ramo a sorrir timidamente:
"Eu trouxe pra senhora!"
Estavam tão bonitas!
Mas eu moro no morro e venho a pé...
Havia duas rosas. No caminho
Desmancharam-se; veja!
IÉ do bolso tirou macias pétalas!
"Não quer ficar com elas?" — Perguntou-me;
"Morreram só por causa do calor!"
Samambaias crestadas, dália murchas,
Mas intacto, perfeito, eu vi o amor!

QUAL É O MEU NOME?

Meu nome tem 8 letras

Minhas 7.º, 8.º, 3.º e 4.º letras formam um nome
que se dá ao vigário da aldeia.

Minhas 5.º, 6.º e 4.º letras formam uma via

Minhas 3.º, 2.º, 1.º e 4.º letras formam um sar-
rafo.

Minhas 1.º, 2.º, 4.º, 6.º e 2.º letras formam u-
n nome de um Estado do Brasil.

Eu sou o maior peixe de água doce

Meu nome é...

SOLUÇÃO

Cura — Rua — Ripa — Piauí — Pirarucu.

QUAIS SÃO OS PRÉ-NOMES?

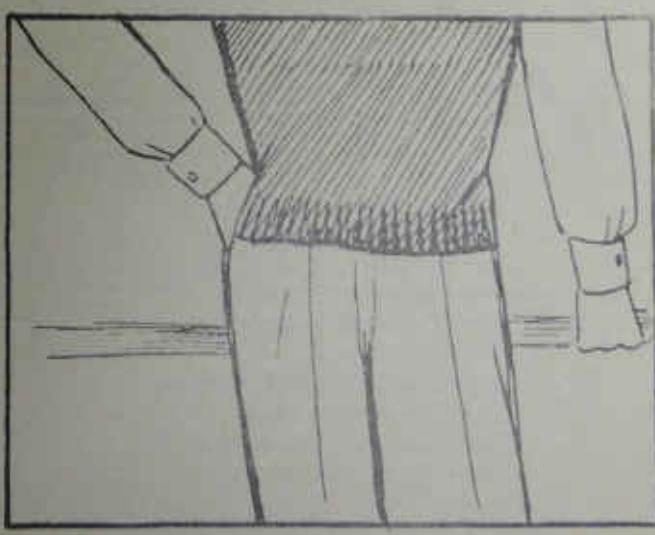
Nesta lista encontram-se sobrenomes de perso-
nalidades brasileiras. Escreva na linha pontuada o
pré-nome correspondente.

- Santos Dumont — ...
Alves de Lima e Silva — ...
Machado de Assis — ...
Marques de Souza — ...
Meireles de Lima — ...
Silva Xavier — ...
Araujo Lima — ...
Evangelista de Souza — ...

SOLUÇÃO:

- Alberto — Luis — Joaquim Maria — Manoel —
Vitor — Joaquim José — Pedro — Irineu

PARA RECORTAR E ARMAR



Recortar os seis quadros, depois de colados em cartolina formar as figuras.

Canções Para o Ensino da Matemática nas 1as. e 2as. Séries
do Curso Primário

Prof. França Campos — D. Federal.

QUANTO EU SEI

MELODIA DE
"CLEMENTINE"



Sei contagem, leio as horas;
Estudei numeração.
Faço contas ou problemas
De qualquer operação.

Côro: Que alegria! Quem me dera
Sempre assim poder cantar!
Pois cantando — saibam todos —
Aprendi a calcular.

Doze e sete: dezenove.
Vejam como sei somar.
Cinco vêzes quatro: vinte.
Sei também multiplicar.

Vida em fora, muitas vêzes
É preciso repartir.
Dezesseis por dois são oito.
Como é fácil dividir!

Se eu divido em oito partes
A unidade, e nada mais;
E um oitavo qualquer uma,
Quando as oito são iguais.

"Tenho quatro caderninhos"
Este **quatro** é cardinal.
"Eu me sento à mesa doze",
Este **doze** é ordinal.

As moedas de centavos,
Tôdas três conheço bem:
Mais as duas de cruzeiros,
E as dez notas que há também.

Em numeração romana,
Dez é **X** e cem é **C**;
Cinco é **V**, **L** é cinquenta,
M é mil, quinhentos **D**.

O RELÓGIO

MELODIA DO AUTOR



Pra dizer o que é relógio,
Não precisa ser doutor:
Maquinismo, tic-tac,
Dois ponteiros, mostrador.

Dois ponteiros, dois amigos:
Ponteirinho, ponteirão;
Quando quero ter as horas,
Dizem logo que horas são.

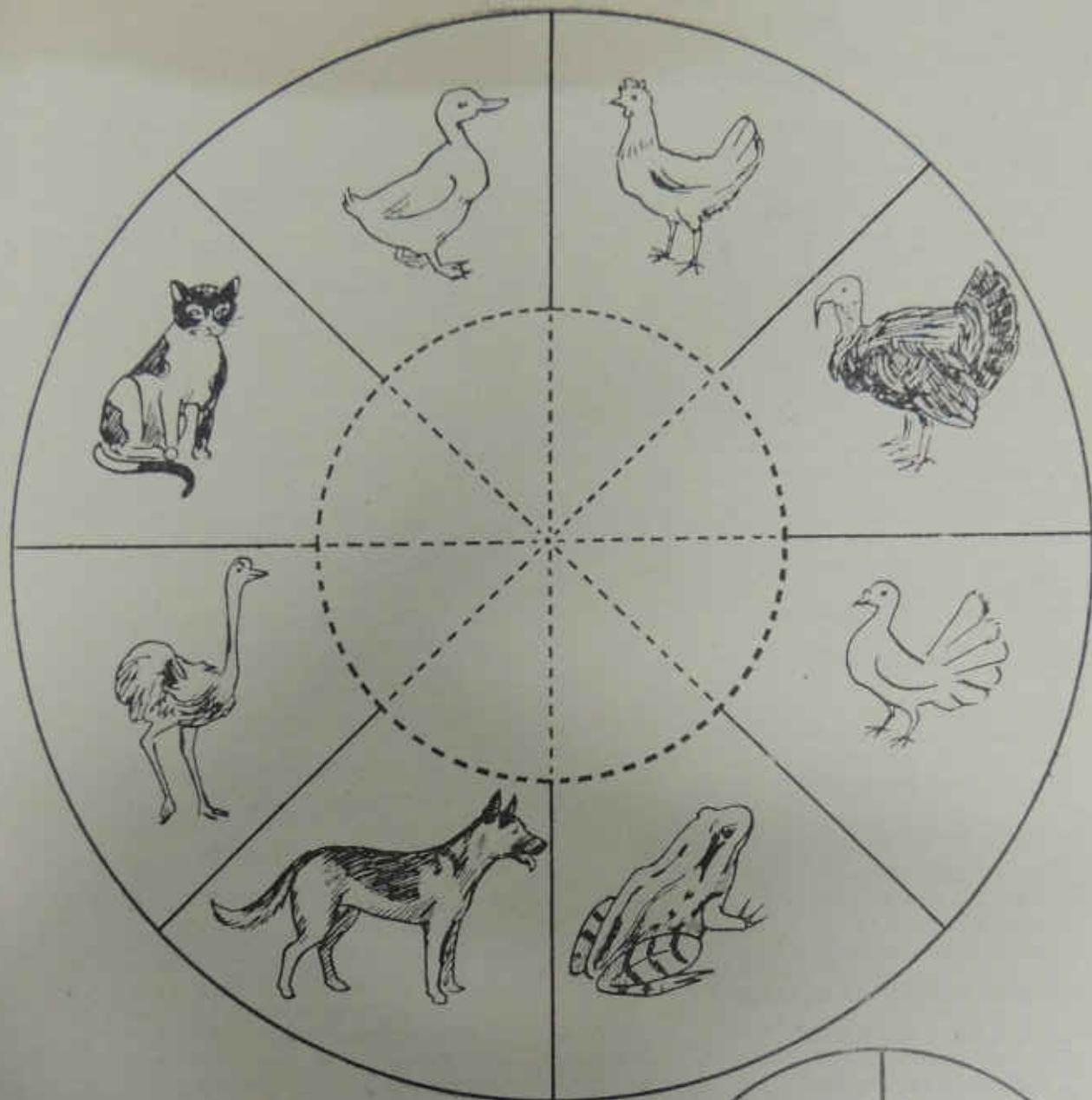
Se o pequeno os degrauzinhos,
Um por um, desceu em fim;
Se o grandão foi lá pra cima, (gesto)
São seis horas para mim.

Quando os dois parecem braços (gesto)
De um amigo bem cortês,
Se não leio nove e quinze,
Faltam quinze para os três.

Qua horas são, se o ponteirinho
Entre cinco e seis ficou?
Cinco e meia: vejam todos
Onde o ponteiro chegou. (gesto)

Quando ficam bem juntinhos
Todos dois, assim em pé (gesto)
Quase sempre é meio dia:
Meia noite às vêzes é.

ANIMAIS



MONTAGEM:

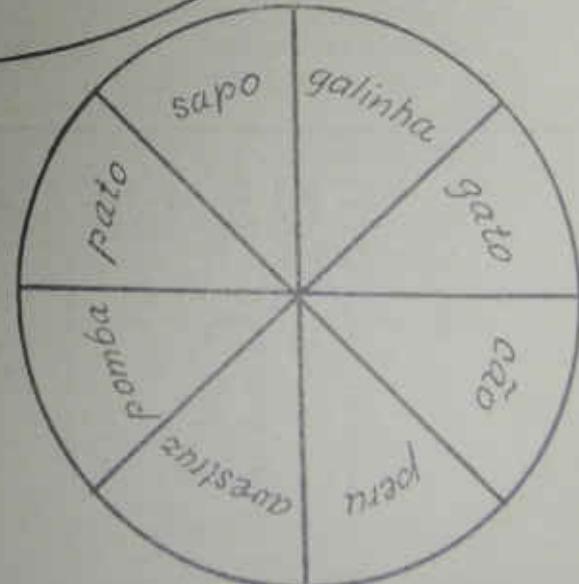
Círculo menor superposto ao maior, por meio de um grampo.

TECNICA:

A criança, girando o disco menor, deverá fazer coincidir o nome do animal citado pela professora, com o desenho correspondente.

COMPETIÇÃO:

Formar-se-ão grupos ou partidos. Vencerá o que obtiver maior número de pontos.



PARA A FESTA DO LIVRO

Suelly Ferreira de Siqueira

Do G. E. "Cel. Pedro Osório" — Pelotas — R. G. do Sul

(Criança do 3.º Ano recitando para os do 1.º)

Estou no 3.º Ano
E quero, hoje, saudar
Os alunos do primeiro.
Que aqui estão para ganhar
Um livro novo, bonito,
Prova da aplicação
De quem estudou bastante
E sabe sempre a lição!

Parabéns a vocês todos!
Merecem aprovação!
Cheio de contentamento
Está o meu coração!
Mas... Escutem um conselho
Que, agora, eu lhes vou dar:
Não basta ler e escrever!
Vocês não podem parar!
Continuem estudando
Com amor, boa vontade:
Primário, ginásial
E por fim... a Faculdade!

(Apontando para um menino do 1.º Ano)

Você aí, gurizinho,
Que deseja ser na vida?
Ah! Já sei! Aviador!
Que carreira destemida!

(Apontando para uma menina)

Você, aí, coleguinha,
Professora, não é verdade?
Educar é nobre e belo!
É ser útil à sociedade!

(Apontando para outros meninos)

Ser médico é seu desejo?
Quer os doentes curar?
E você, quer ser dentista
Para, meus dentes tratar?

Você, vai ser engenheiro?
Mas que carreira gloriosa!
Erguer um arranha-céu
Ou uma ponte majestosa!

Você quer ser militar
Para a Pátria defender?
Como o Duque de Caxias
Viver por ela e morrer?

E você, quer ser artista?
Quer ser pintor, não é verdade?
Sendo tão bom desenhista
Vai achar facilidade!

E você, garota linda,
Não quer, então, trabalhar?
Sendo assim tão bonitinha
Com certeza vai casar!

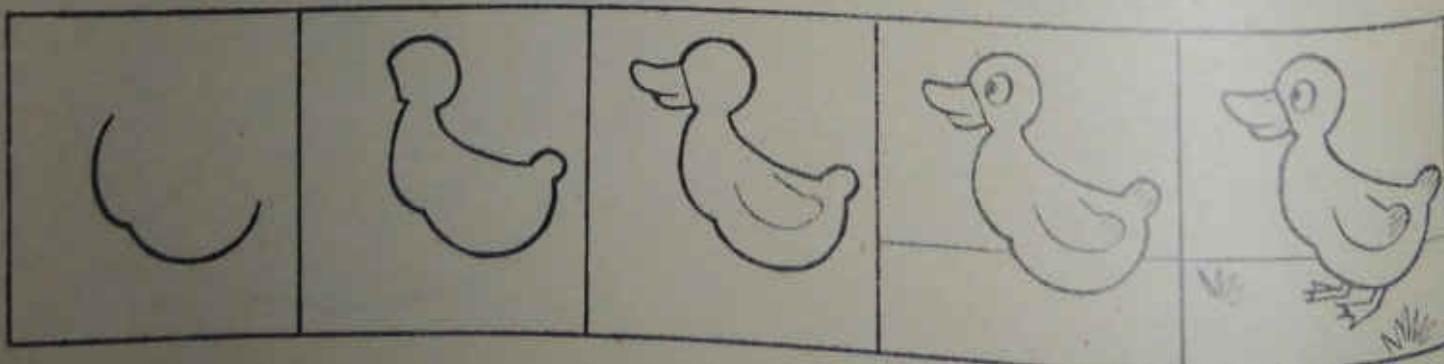
E o bom Papai do Céu
Vai lhe mandar de presente
Um filhinho gordo e lindo,
Bonito e inteligente!

Mas... Quem tem filhos, garota!
Tem de saber ensinar!
Responder tudo certinho
Quando o filho perguntar!

E você, meninazinha,
Enfermeira, meiga e boa?
Nossa Senhora no céu,
A enfermeira abençoa!

E você, meu pequerrucho,
Não deseja ser bancário?
Mas, nada disso é possível
Só com o curso primário!

ENSINE A DESENHAR



HOMENS E TÍTULOS

Unir os nomes destes vultos da nossa história aos respectivos títulos:

- 1) José da Silva Paranhos,
 - 2) José da Silva Lisboa,
 - 3) Pedro de Araújo Lima,
 - 4) Manuel Araújo Pôrto Alegre,
 - 5) Afonso Celso de Assis Figueiredo,
 - 6) José Joaquim de Andrade Neves,
 - 7) Luís Alves de Lima e Silva,
 - 8) Manuel Luís Osório,
- () Barão do Triunfo
 () Duque de Caxias
 () Marquês de Olinda
 () Visconde de Cairu
 () Barão de Rio Branco
 () Barão de Santo Ângelo
 () Visconde de Taunay
 () Marquês do Herval

ALGARISMOS ROMANOS:

Preencha os claros com algarismos romanos, observando a definição.

- PÉ — Árvore do mato virgem
 EU — Espaço indefinido em que se movem os astros.
 AO — Extremidade dos membros superiores do corpo humano
 AO — Animal doméstico
 RA...A — Ira

IPÉ
 CÉU
 MÃO
 CÃO
 RAIVA

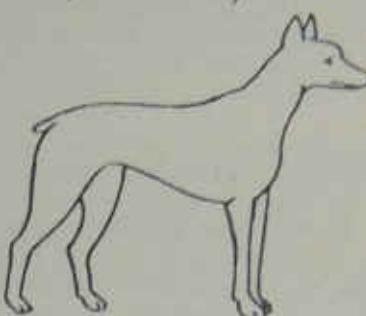
NOMES DE ANIMAIS

LO	LI	FA	RU	UR
CO	GRE	CA	BÚ	TI
SO	VA	JA	MA	PE

Com as sílabas apresentadas formar 6 nomes de animais.

Escreva, sobre os pontos, o que se pede:

Passe para o feminino



Passe para o plural



Separe as sílabas



Separe as sílabas



Sugestões Para Utilização do Quadro Mural Sobre o Descobrimento do Brasil

Prof. Eddy Flores Cabral.

Técnico em Educação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura e Professor do Colégio Júlio de Castilhos

Tipo: Gravura que ilustra um fato histórico.

Aspecto do programa que atende: HISTÓRIA.

Indicação: 2º, 4º ou 5º anos primários.

SUGESTÕES DE EXERCÍCIOS:

"Um século, como sabes, tem 100 anos; logo, o século I, que começou no ano 1, ou no ano de nascimento de Jesus Cristo, terminou no ano 100; o século II, que começou no ano 101, terminou no ano 200; e, assim por diante. Concluímos então que, para conhecer a que século pertence um determinado ano, basta somarmos uma unidade aos dois primeiros algarismos do número que o designa. Mas há uma exceção a esta regra: se o número que designa o ano terminar em dois zeros, o ano pertence ao século indicado pelos dois primeiros algarismos.

Exemplo: ano de 1822 — século XIX;
ano de 1900 — século XIX
ano de 1902 — século XX

Se tu comprehenderes bem, completa esta relação, indicando em que ano começaram e quando terminaram estes séculos:

Século V	— de	a
Século XV	— de	a
Século XVI	— de	a
Século XIX	— de	a

Século XVIII — de

O século XX começou em e terminará em

O Brasil foi descoberto no último ano do século

Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para as Índias no século

2 — "Nos fins do século XV só duas nações, Portugal e Espanha, achavam-se praticamente engajadas em navegações aventuroosas, para o fim de descobrir novas terras e novas rotas. Logo que foi feito o descobrimento da América, no Atlântico, em rumos por onde se lançavam também os portuguêses, julgou-se o rei de Portugal, lesado em seus direitos de prioridade e as duas nações chegaram à iminência de guerra, sendo, porém, assinado em 1494, o Tratado dos Tordesilhas. Este tratado estabelecia que o

separação das terras que deveriam pertencer a cada um de aqueles países fosse feita por um meridiano, que passasse 370 léguas a oeste do Cabo Verde. O que ficasse a leste pertenceria a Portugal e o que ficasse a oeste caberia à Espanha".

— Num Mapa Mudo do Brasil traça a Linha de Tordesilhas.

— Pinta de vermelho as terras que deveriam pertencer a Portugal.

— Pinta de amarelo as terras que deveriam tocar à Espanha.

3 — Completa, usando o nome do aparelho náutico adequado:

"O aperfeiçoamento de um aparelho náutico chamado permitiu aos navegantes orientar-se por ela em suas viagens marítimas, velo facilitar aos homens a conquista do progresso e da felicidade.

A , a pólvora e o papel já eram conhecidos há muito tempo pelos chineses e seu uso foi transmitido aos europeus pelos árabes.

4 — Coloca um título apropriado neste trecho:

"No capela do mosteiro de Belém, então ainda em obras, celebraram-se ofícios solenes, a que assistiram com muita pompa os grandes da corte e enorme "multidão de povo".

Durante a missa, teve el-rei ao seu lado o almirante "mui comovido".

No meio do grande silêncio e expectação geral, sobe ao púlpito o bispo Ortiz, e profere um sermão eloquente, exaltando os méritos de Cabral, e abençoando o heroísmo daqueles que "pelo pátio, pela fé e pelo rei", iam afrontar os mares.

Acabada a cerimônia, benzeu o bispo o estandarte real e o chapéu que o Papa tinha mandado ao almirante, e que el-rei, com suas próprias mãos, colocara na cabeça de Cabral.

Em seguida dirigem-se todos, a pé, para o cais, indo o chefe da frota a par de el-rei levando o estandarte, onde se desenhava (assim como nas velas das naus) a cruz da Ordem de Cristo.

Mai se pode imaginar o que tinha de edificante aquela cena, em que o monarca e a sua corte se fundiam com o povo, formando longo prêstito, em lenta marcha ao som de clarins e de tambores.

Em todo o percurso, do mosteiro até a margem do Tejo, a multidão não cessava de aclamar a el-rei e aos oficiais da expedição.

Conquanto tantas vezes repetida, aquela festa era sempre nova em Lisboa, e agora com mais razão se alegra o povo, tanto ali como em todo o reino, pois já se haviam desfeito os mistérios do velho oceano". (Rocha Pombo — História do Brasil).

5 — Completa este esquema:

RESUMO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Descoberto o novo caminho para as Índias por Vasco da Gama, quis o rei de Portugal, (o venturoso), mostrar o seu poder aos monarcas da Índia e mандou preparar uma poderosa esquadra. Confiou o um ilustre almirante chamado o comando da expedição enviada às Índias, no ano de

EXPEDIÇÃO: Compunha-se de caravelas e 3 navios redondos.

PARTIDA DA EXPEDIÇÃO: Do em 9 de março de 1500. Passou em frente ao arquipélago dos Canárias e do Cabo Verde. Nas alturas da Guiné afastou-se da costa da África e depois de muitos dias de viagem encontrou indícios de terra. Era o dia 21 de abril de

MONTE AVISTADO: Em 22 de abril de 1500 avistaram um monte que recebeu o nome de

DESEMBARQUE NA NOVA TERRA: Em de abril de 1500; procurou Cabral um porto, onde o esquadrão pudesse ancorar com segurança e encontrou ao norte um abrigo que recebeu o nome de Pôrto Seguro. Aí o desembarque se deu a 25 de

PRIMEIRA MISSA: Foi celebrada no ilhéu da Coroa Vermelha a 26 de de 1500, pelo frei Henrique Soares de Coimbra.

SEGUNDA MISSA: Foi rezada em terra, com uma cruz de madeira do País, cravada próxima ao altar, no dia 1º de maio de 1500.

NOMES DA NOVA TERRA:

Ilha de Vera Cruz;
Terro de Santa Cruz;
Brasil (1504) por causa da madeira côn de brosa
(pau brasil).

CARTA RELATANDO OS FATOS DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL: Escrita por

PARTIDA PARA AS ÍNDIAS: A 2 de maio de 1500.

DATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL:

6 — Lê este trecho com atenção. Depois, responde à pergunta feita abaixo do mesmo:

"HISTÓRIA DE UMA TERRA ENCANTADA"

Jorge Salis Goulart.

(22 de abril de 1500)

Era uma vez uma terra muito bonita.

Era a terra mais linda do mundo.

Tinha palmeiras muito altas, muito compridas, palmeiras que abrem grandes leques. A sua sombra se ouvia o canto de passarinhos de todas as cores.

Cobrindo o céu azul voavam bandos de papagaios, como se fossem manchas verdes debaixo do amarelo forte do sol.

E em baixo dessa grande terra cheia de mataria verde, coberta de campos bem verdes, sobre os quais os bichinhos ou os pássaros brincavam; em baixo dessa grande terra havia ouro, tanto ouro que seria capaz de encher umas quantas montanhas de ouro.

Nessa terra havia muito verde e muito ouro, muito verde e amarelo, assim como as cores da bandeira brasileira.

Era uma terra tão linda!"

Que terra era essa?

7 — Mário Sette, o autor dessa bela página, chama-a "A Bênção".

Lê com atenção o texto. Pensa que outros títulos poderiam ser dados ao mesmo.

Escreve esses títulos nas linhas pontuadas:

"A BÊNÇAO"

Um índio esgueirou-se por entre o farto arboredo e veio espiar.

Outro, imitando-o, com o arco nas mãos, espiou também. Uma mulher, duas crianças, mais índios, na garridice das suas penas multicoloridas, todos vieram, igualmente, com sutilezas de passos e de gestos, espiar o que os homens brancos estavam fazendo ali.

Dissimulados pelos grossos troncos das árvores, uns, trepidos nos galhos, outros, estirados na relva, outros mais, não despregavam olhos do quadro que lhes aticava a curiosidade.

Como que presentiam uma estranha solenidade no que se ia representar naquela moldura de natureza virgem.

Que seria aquilo?

Desde o dia em que os brancos haviam chegado nas suas grandes e altas "pirogas", desembarcando para trazer-lhes espelhos, miçangas, fitas, — viviam todos os indígenas numa constante novidade.

E, agora, naquela manhã esplendorosa, com um céu que era um refletivo de cetim azul, com um sol que parecia esmolar a terra, lá estavam outra vez os homens brancos desembarcados.

Botaram sobre uma árvore, lavraram-lhe o tronco. Fizeram uma cruz: alçaram-na. Depois, ao pé da cruz, um altar. Toalha de rendos, um grosso livro, um cóliz que brilhava.

Vinham de bordo das caravelas, ancoradas pertinho, outros homens de fardões vistosos, com espadas nas cinturas. Uma bandeira. Frades de burel côn de castanha. Marinheiros, soldados. Tanta gente!

Em todo o percurso, do mosteiro até a margem do Tejo, a multidão não cessava de aclamar o rei e os oficiais da expedição.

Conquanto tantas vezes repetida, aquela festa era sempre nova em Lisboa; e agora com mais razão se alegro o povo, tanto ali como em todo o reino, pois já se haviam desfeito os mistérios do velho oceano". (Rocha Pombo — História do Brasil).

5 — Completa este esquema:

RESUMO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Descoberto o novo caminho para as Índias por Vasco da Gama, quis o rei de Portugal, (o venturoso), mostrar o seu poder aos monarcas da Índia e mandou preparar uma poderosa esquadra. Confiou a um ilustre almirante chamado o comando da expedição enviada às Índias, no ano de

EXPEDIÇÃO: Compunha-se de caravelas e 3 navios redondos.

PARTIDA DA EXPEDIÇÃO: Do em 9 de março de 1500. Passou em frente ao arquipélago dos Canárias e do Cabo Verde. Nas alturas da Guiné afastou-se da costa da África e depois de muitos dias de viagem encontrou indícios de terra. Era o dia 21 de abril de

MONTE AVISTADO: Em 22 de abril de 1500 avistaram um monte que recebeu o nome de

DESEMBARQUE NA NOVA TERRA: Em de abril de 1500; procurou Cabral um porto, onde a esquadra pudesse ancorar com segurança e encontrou ao norte um abrigo que recebeu o nome de Porto Seguro. Aí o desembarque se deu a 25 de de

PRIMEIRA MISSA: Foi celebrada no ilhéu da Coroa Vermelha a 26 de de 1500, pelo frei Henrique Soares de Coimbra.

SEGUNDA MISSA: Foi rezada em terra, com uma cruz de madeira do País, cravada próxima ao altar, no dia 1º de maio de 1500.

NOMES DA NOVA TERRA:

Ilha de Vera Cruz;
Terra de Santa Cruz;
Brasil (1504) por causa da madeira cárde brasa (pau brasil).

**CARTA RELATANDO OS FATOS DO DESCOBRI-
MENTO DO BRASIL:** Escrita por

PARTIDA PARA AS ÍNDIAS: A 2 de maio de 1500.

DATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL:

6 — Lê este trecho com atenção. Depois, responde à pergunta feita abaixo do mesmo:

"HISTÓRIA DE UMA TERRA ENCANTADA"

Jorge Salis Goulart.

(22 de abril de 1500)

Era uma vez uma terra muito bonita.
Era a terra mais linda do mundo.

Tinha palmeiras muito altas, muito compridas, palmeiras que abriam grandes feixes. A sua sombra se ouvia o canto de passarinhos de todas as cores.

Cobrindo o céu azul voavam bandos de papagaios, como se fossem manchas verdes debaixo do amarelo forte do sol.

E em baixo dessa grande terra cheia de mataria verde, coberta de campos bem verdes, sobre os quais os bichinhos ou os pássaros brincavam; em baixo dessa grande terra havia ouro, tanto ouro que seria capaz de encher umas quantas montanhas de ouro.

Nessa terra havia muito verde e muito ouro, muito verde e amarelo, assim como as cores da bandeira brasileira.

Era uma terra tão linda!"

Que terra era essa?

7 — Mário Sette, o autor dessa bela página, chama-a "A Bênção".

Lê com atenção o texto. Pensa que outros títulos poderiam ser dados ao mesmo.

Escreve esses títulos nas linhas pontuadas:

"A BENÇÃO"

Um índio esgueirou-se por entre o farto arboredo e veio espiar.

Outro, imitando-o, com o arco nas mãos, espreitou também. Uma mulher, duas crianças, mais índios, na garridice das suas penas multicoloridas, todos vieram, igualmente, com sutilezas de passos e de gestos, espiar o que os homens brancos estavam fazendo ali.

Dissimulados pelos grossos troncos das árvores, uns, trépidos nos galhos, outros, estirados na relva, outros mais, não despregavam olhos do quadro que lhes aticava a curiosidade.

Como que pressentiam uma estranha solenidade no que se ia representar naquela moldura de noturno virgem.

Que seria aquilo?

Desde o dia em que os brancos haviam chegado nas suas grandes e altas "pirogas", desembarcando para trazer-lhes espelhos, miçangas, fitas, — viviam todos os indígenas numa constante novidade.

E, agora, naquela manhã esplendorosa, com um céu que era um retângulo de cetim azul, com um sol que parecia esmolhar a terra, lá estavam outra vez os homens brancos desembarcados.

Bataram abaixo uma árvore, lavraram-lhe o tronco. Fizeram uma cruz; alçaram-na. Depois, ao pé da cruz, um altar. Toalha de rendos, um grosso livro, um cáliz que brilhava.

Vinharam de bordo das caravelas, ancoradas pertinho, outros homens de fardões vistosos, com espadas nas cinturas. Uma bandeira. Frades de burel cárde castanho. Marinheiros, soldados. Tanta gente!

A missa começou. Celebrava-o frei Henrique, Pedro Álvares Cabral, junto do altar, cuja-a cheio de unção.

A voz de frei Henrique erguia-se sonora, expressiva, forte, no silêncio que as aves, nos arvores, e as ondas, na praia, quebravam.

O Evangelho de Jesus, pelo primeira vez, se espalhava pela terra recém-descoberta...

Subiu a hostia, como uma rosa branca, nas mãos do sacerdote. As sinetas ressoaram. O cálice também se alteou.

Os índios que a tudo isso assistiam, sem pestanejar, num êxtase de pismo e de respeito. De muitos, os arcos haviam caído no solo. De outros, as flechas tinham se espalhado.

Era o momento da bênção. Todos os homens brancos estavam ajoelhados para recebê-la.

Frei Henrique beijou o altar e, voltando-se para a multidão, traçou no ar o sinal que abençoava.

Uma índia, mulher moça, com o filho nos braços, movida por um impulso estranho, ajoelhou-se também, e, sem querer, imitando os brancos fizera o sinal da cruz.

Foi a primeira bênção de Deus sobre o povo brasileiro!"

8 — Completa a lista:

As especiarias eram determinados produtos de climas quentes, empregados para dar gosto aos alimentos, tais como a noz moscada, o gengibre, a bau-nilha,

9 — Procura figuras dos navios usados no Descobrimento do Brasil. Recorta. Cola num papel e desenha o resto do quadro, de acordo com esta frase:

"Os navegantes português viajaram muitos dias pelo Oceano, procurando novas terras."

10 — Problemas:

- Por que se diz que o conhecido quadro de Vitor Meireles foi **impropriamente** chamado "A Primeira Missa"?
- Qual o sobrenome do Frei Henrique, nascido em Coimbra, que rezou as primeiras missas em terra brasileira?
- Por que os descobridores chamavam de **índios** aos selvagens americanos?

Para pesquisar sobre ambos os problemas podes consultar os livros

HORTA, Brant — Minha Segunda História do Brasil.

REIS, Otelo — Noções Sumárias de História do Brasil.

11 — Escolhe uma dessas frases e desenha sobre ela:

"Depois de muito viajarem os português avistaram um monte que chamaram PASCOAL".

"Frei Henrique Soares, de Coimbra, rezou as primeiras missas na nova terra descoberta."

12 — Procura no dicionário a definição das palavras abaixo.

Depois, escreve ao lado de cada uma delas o significado.

especiaria —

caravela —

galeão —

armado —

almirante —

fidalgo —

13 — O português Pero Vaz de Caminha que acompanhou Cabral em sua viagem de descoberto foi quem escreveu uma carta ao rei D. Manuel, contando sobre a grande aventura.

Escreve uma carta a teu pai ou à pessoa amiga, relatando o que aprendeste na aula, sobre o Descobrimento do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

CALMON, Pedro — Pequena História da Civilização Brasileira. S. Paulo, Edit. Nac.

GOULART, Jorge Salis — História da Minha Terra. Pelotas, Livraria do Globo, 1929. 100 pág.

HORTA, Brant — Minha Segunda História do Brasil. Rio, Ed. Getúlio Costa.

LOBO, Esmeralda A. — História do Brasil (Série de mapas e quadros sinóticos). Rio, Ed. J. R. de Oliveira. 68 pág.

POMBO, Rocha — História do Brasil. S. Paulo, Melhoramentos, 1943. 317 pág.

REIS, Otelo — Noções Sumárias de História do Brasil. S. Paulo, Cia. Editória Nacional.

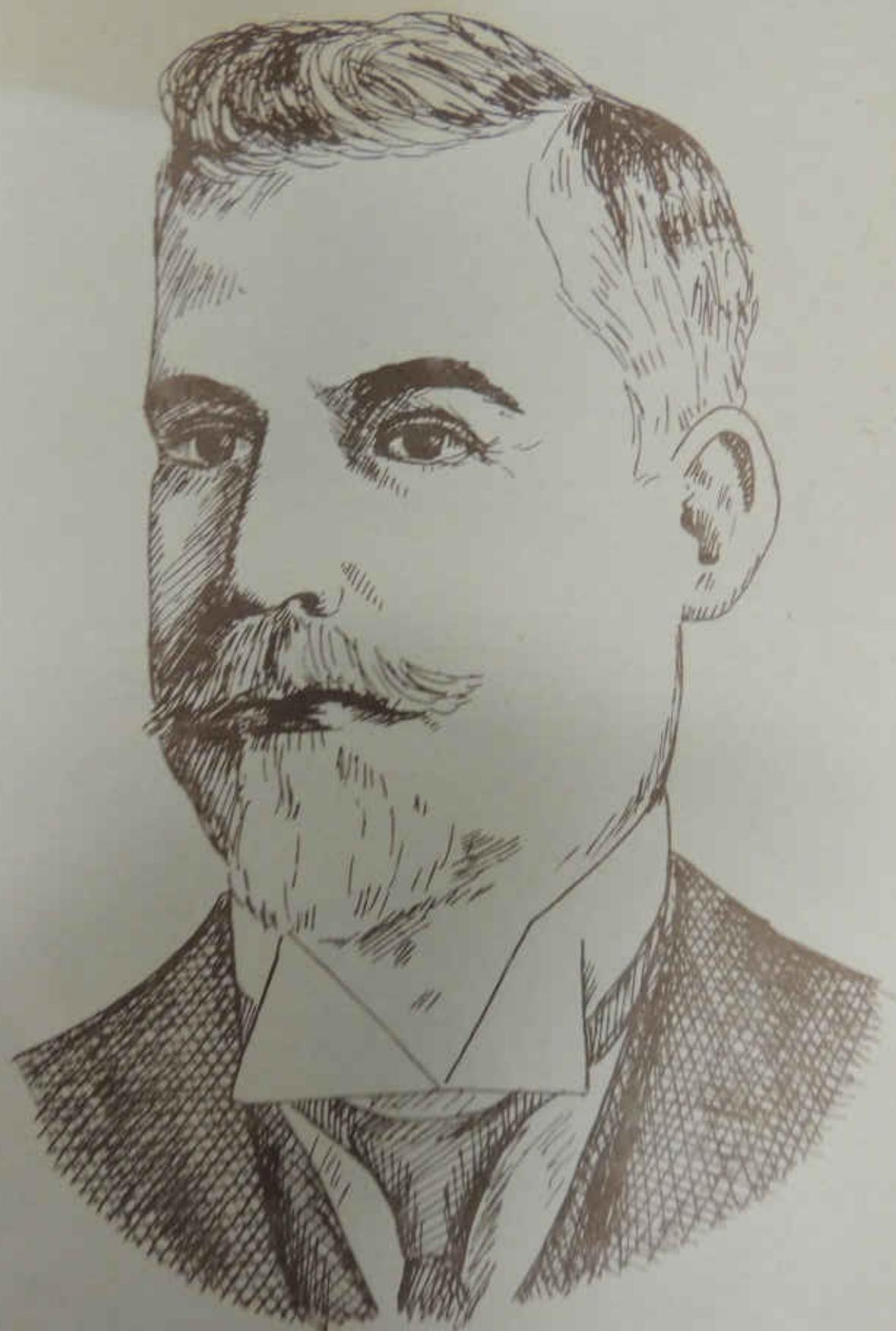
RIALVA, Rita Amil de — História do Brasil. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1948. 192 pág.

SETTE, Mário — Brasil, Minha Terra. S. Paulo, Melhoramentos, 1948. 192 pág.

O DIREITO DA CRIANÇA

A criança tem direito à solicitude de todas as autoridades, à ação e aos benefícios de todos os poderes da terra... O príncipe, o padre, o pai, o professor, o magistrado, a família, a sociedade, a Igreja instituiram-se para ela. A disciplina moral, o ensinamento das lettras, das ciências, da religião, todos os preâmbulos do trabalho e da virtude, a Providência, enfim, tudo no mundo é para ela, porque ela mesma aqui no mundo, é de Deus e para Deus. Eis porque tudo, neste mundo, deve trabalhar na sua educação, tudo deve concorrer para a educar, tudo deve fazer ou favorecer esta grande obra.

Monsenhor DUPANLOUP



WASHINGTON LUIZ PEREIRA DE SOUZA

FAT. URGAMP
Estação de
BIBLIOTECAS

WASHINGTON LUIZ PEREIRA DE SOUZA — Décimo Presidente do Brasil, nascido em 1870, no Rio de Janeiro. Foi deputado, senador e Ministro da Justiça. Eleito para o quatriênio 1926-1930, não chegou a terminar o mandato por ter sido deposto a 24 de outubro de 1930 pelo movimento revolucionário chefiado pelo Sr. Getúlio Vargas.

pomba

útil



grãos

pombal

abelha

útil



mel

colmeia

Material Didático

ESTUDOS NATURAIS

Prof. Ruth Ivoty Torres da Silva

Técnico de Educação do CPOE

R. G. do Sul.

Classe: 1.^º ANO

PARTE DO PROGRAMA ATENDIDA: O animal como ser vivo — características principais: vida, necessidade de alimentação, abrigo.

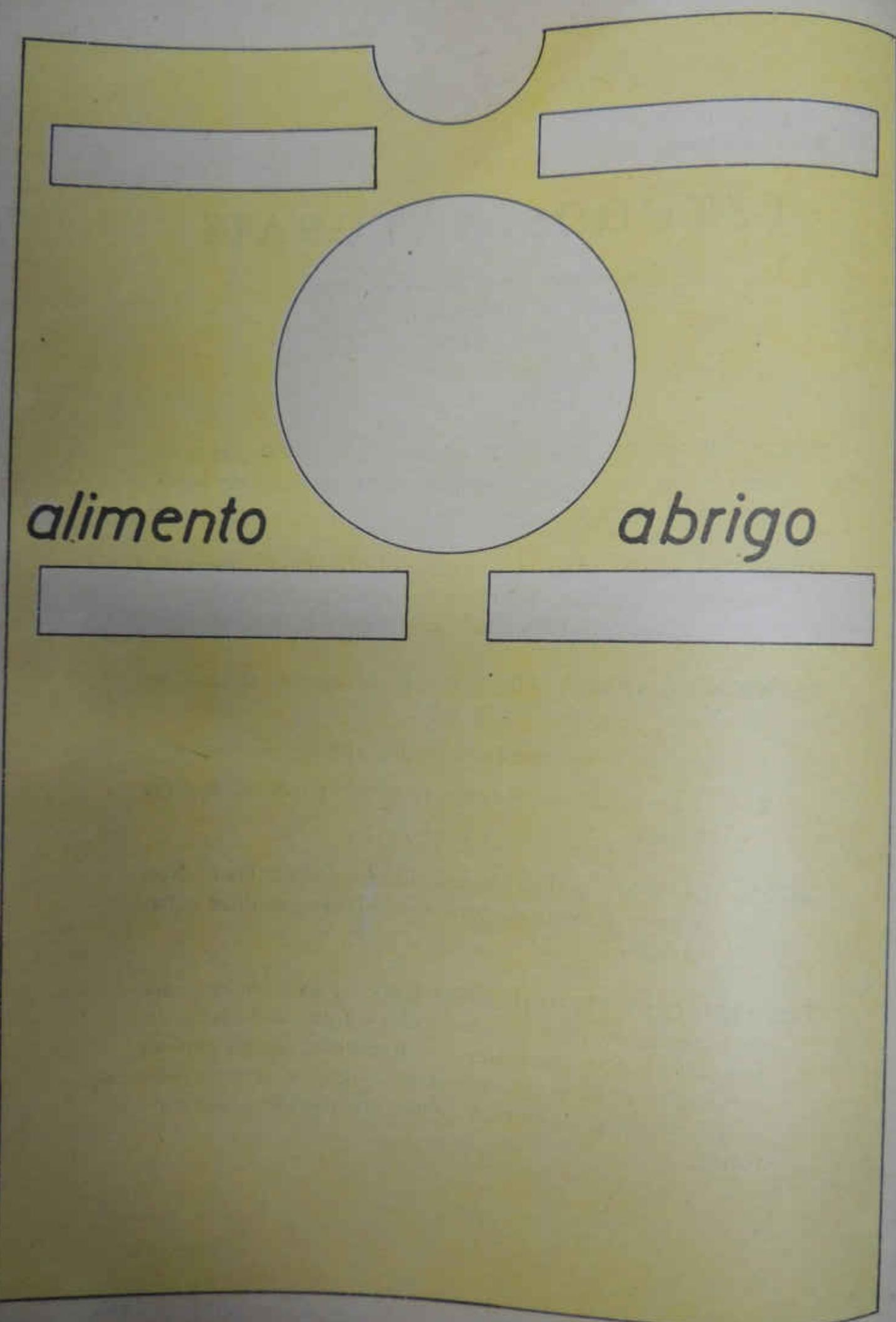
OBJETIVO ESPECIAL: Identificação do animal e reconhecimento de algumas de suas características: alimento preferido, abrigo e utilidade ou nocividade.

TÉCNICA DE APLICAÇÃO: Colocar os cartões dentro do envelope.

1. Identificar o animal e ler o que aparece nos cortes.
2. Puxar o cartão até aparecer outro animal, no orifício circular.

NOTA: Os cartões podem ser substituídos por um friso. Neste caso, o envelope deverá ser aberto nas duas extremidades.

PREPARO DO MATERIAL PARA USO: Fazer um envelope de papel grosso ou cartolina e colar a folha onde estão desenhados quatro retângulos e um círculo, que devem ser recortados, a fim de que apareçam a figura e as expressões a elas relativas. Colar as fichas em cartolina, para reforçar.

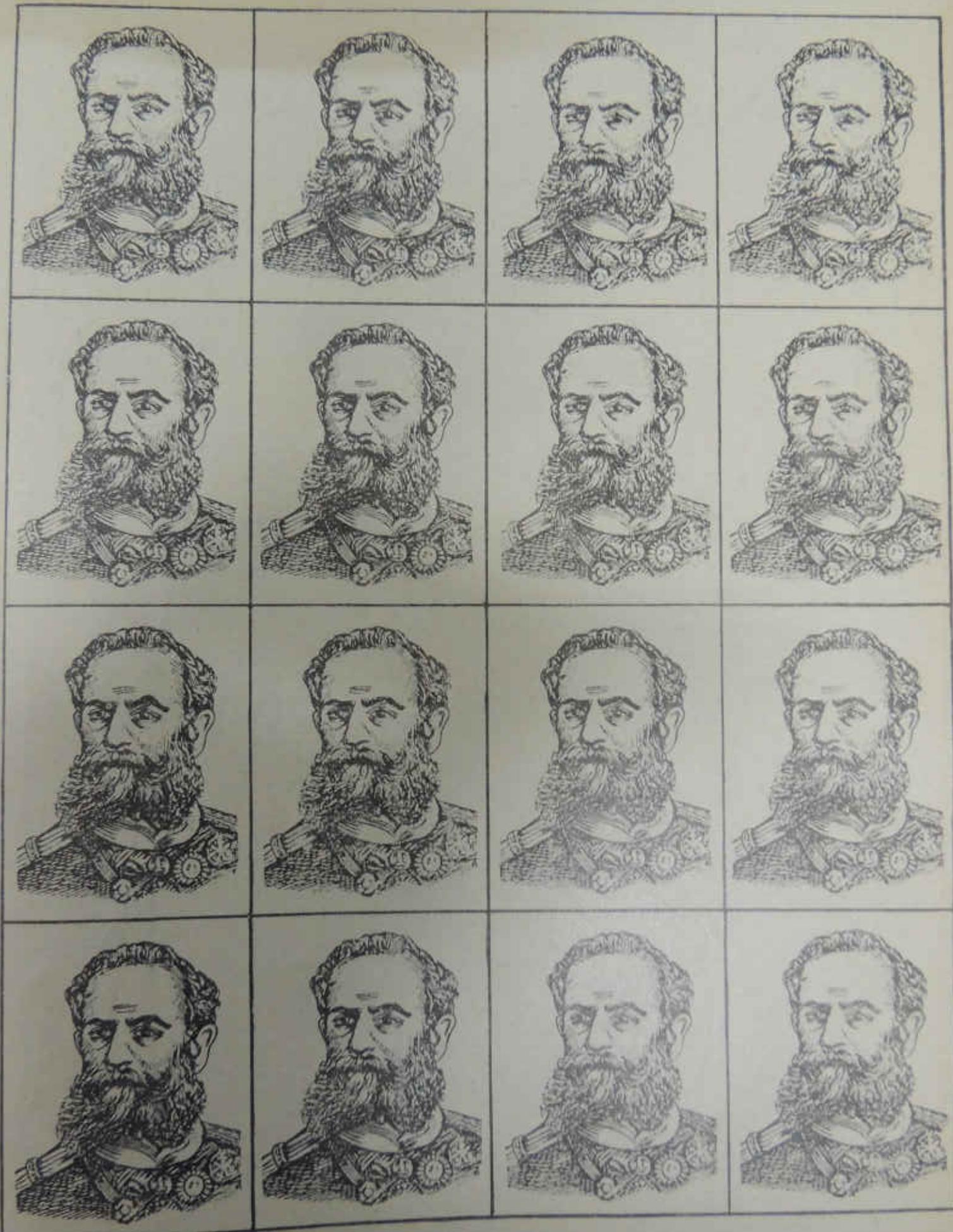


alimento

abrigos



MAL. DEODORO DA FONSECA



MAL. DEODORO DA FONSECA

rato

nocivo



rói quase tudo

toca

galinha

útil

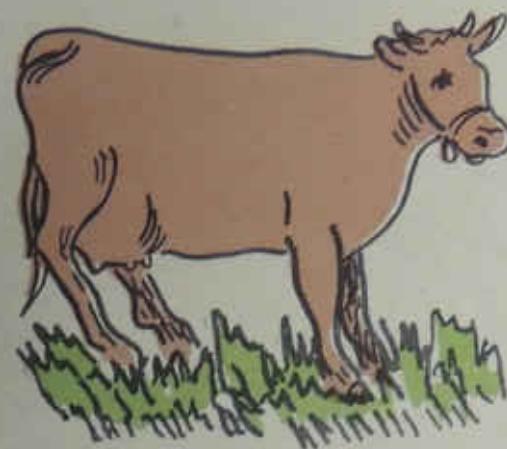


milho

galinheiro

vaca

útil



capim

estábulo

formiga

nocivo



plantações

formigueiro



GETÚLIO DORNELES VARGAS

GETULIO DORNELES VARGAS — Político brasileiro, nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul (1883-1954). Depois de seus estudos primários e de servir no exército, ingressou em 1900 na Escola Militar de Rio Pardo, onde cursou os dois primeiros anos. Desligou-se das fileiras, matriculou-se na Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, concluindo o curso em 1907. Exerceu a advocacia em São Borja e em 1909 foi eleito deputado estadual. Renunciou à cadeira em 1913, sendo reeleito em 1917 e na legislatura seguinte. Em 1923 foi eleito deputado federal, tornando-se líder da bancada rio-grandense. Em 1926 foi nomeado Ministro da Fazenda, cargo que deixou para assumir a presidência do Rio Grande do Sul, em 1928. No ano seguinte foi indicado candidato à presidência da República, pela Aliança Liberal, coalizão das oposições. Derrotada nas eleições, esta arguiu o pleito de fraude e organizou um movimento revolucionário que, deflagrado a 3 de outubro de 1930, a 24 do mesmo mês se achava vitorioso. A 3 de novembro o Sr. Getúlio Vargas assumiu o governo da Nação, com poderes discricionários. Foram criados os Ministérios do Trabalho e da Educação e Saúde Pública. Realizadas as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, reuniu-se esta em novembro de 1933, promulgando a 16 de julho de 1934 a nova Constituição Federal e designando o Sr. Getúlio Vargas para ocupar a presidência no quatriênio 1934-1930. Nesse período imprimiu impulso à legislação de proteção ao trabalho. Processadas as eleições, em dezembro de 1945, viu-se eleito senador por São Paulo e Rio Grande do Sul e deputado por cinco Estados, optando pela representação do seu Estado natal no Senado. Foi eleito Presidente da República em 1950 e tomou posse em janeiro do ano seguinte. Exerceu o cargo durante três anos e meio.

O Canto Orfeônico - Sua Razão na Escola

Cocilda Guimarães Fróes

Técnica do S.E.M.A. — D. Federal.

Nunca é demais lembrar que, em dois pontos altos se firmam, a eficiência e o valor do ensino de Canto Orfeônico a **educação social**, através das realizações de conjunto e o **desenvolvimento do gosto artístico**, pela apreciação e execução de repertório selecionado que traduz uma educação bem dirigida, seja no sentido estético moral, ou cívico.

Participando da vida diária da escola deve a música correlacionar-se, tanto quanto possível, às demais atividades, dando não só uma fisionomia mais alegre ao meio, como permitindo ao educando sentir a arte em todas as suas manifestações — palavra, música, movimento.

Todavia, devemos alertar, demonstrações e exibições escolares serão apenas o **meio**, mas nunca o **fim** da empresa orfeônica. A preparação dos programas de festas não deve constituir o leit-motiv da nossa tarefa, que visa um plano mais alto.

Meio de expressão dos mais sugestivos, o canto aproxima os escolares, inspira-lhes sentimentos de solidarismo social — camaradagem, simpatia, afetividade, pelo interesse do êxito comum. De fato, só há realmente canto orfeônico, quando se ajustam as vozes, o que só acontece quando, no mesmo esforço, se nivelam e identificam os sentimentos. E até porque exerce a música irresistível sedução «Abre a alma da criança, refina também sua sensibilidade e, no mesmo tempo que controla suas reações, induz-lhe hábitos de disciplina e espirito de cooperação». E, como concretar é auxiliar e auxiliar é amar, aprende a criança, cantando, a amar seus colegas, ao seu conjunto e a sentir-se cada dia melhor, para engrandecimento desse conjunto que é seu, de todos os colegas e também de sua escola.

São esses princípios que, a meu ver, devem constituir a viva mestra da obra orfeônica, que tem por finalidade não promover a expansão de vaidades, ou tendências personalistas. (sejam do aluno ou do professor) mas, ao contrário, anuladas dando mais unidade à massa escolar, cujos membros espontaneamente se associam pela força dos mesmos vínculos e propósitos.

Para alcance de tais objetivos, porém, não basta traçar diretrizes, nem mesmo a cultura ou os recursos técnicos do professor. Nossa tarefa exige mais, muito mais.

O esforço que o ideal não fecunda, que o amor não ilumina, jamais terá ressonância na alma da criança. Antes de tudo, deve o professor criar uma atmosfera de confiança, firmeza e lealdade, para que sua função de condutor de grupo seja real e decisiva. Isto deverá ser um constante estimulador de energia.

E' nesse ambiente de compreensão, entusiasmo e disciplina, que o canto orfeônico alcançará seu

grande objetivo e levantamento do nível moral da educação. E' o que chamamos educar cantando...

Impregnado, pois, desse espirito de amor e dinamismo, compreendendo o grande sentido de educação e da vida, poderá o professor, através da música e da emoção por ela suscitada, auxiliar poderosamente a obra da escola.

Será, então, não apenas um professor de canto orfeônico, mas um coordenador de forças espirituais, capaz de plasmar, pela sinceridade, pelo estímulo e também pela arte, a obra viva do caráter, o sentimento puro da nacionalidade. E se é verdade, como já houve quem afirmasse, que na juventude está nossa grande esperança, preparamos o amanhã brasileiro, educando, pela música, a geração que se ergue para a vida.

Só assim daremos forma consciente e harmônica ao espirito da coletividade, conduzindo-a, consequentemente, àquela sociedade ideal de solidariedade e justiça que há de honrar os nobres destinos do Brasil do porvir.

E esse empreendimento, profundamente humano, só será realizado, não nos iludirmos, pela cultura do espirito, pelo esforço vigoroso e idealista dos sinceros educadores.

VERSOS À MINHA MESTRA

Nancy Guahyba Martha
D. Federal.

Este dia feliz, mestra querida,
a ti foi consagrado e com razão,
pois que dás segurança aos que, na vida,
começam a caminhar por tua mão.

No tuo mente fértil e esclarecida
transformam-se as palavras em canção;
e tudo que disseres não se olvida
porque nos falas com teu coração.

Esta homenagem é mais que belo — é justo
por teres recebido a luz divina
com que fazes brilhar nosso caminho.

E que o futuro já não mais assusto
aqueles que tiveram a feliz sinal
de terem se acolhido ao teu carinho.

METAL CALADO (Serrado)

Prof. MARIA ALBA TORRES

RUTH IVOTY TORRES DA SILVA — P. Alegre R.G.S.

Aplicações: Jóias à fantasia, cinzeiros, pratos (de parede, de pão), pázinhas ou espátulas para servir bolo, etc. Pode-se, também, fazer aplicações em madeira.

JÓIAS À FANTAZIA

Material: Prata laminada ou latão com 8 décimos ou 1 milímetro de espessura.

Serrinha para metal — n.º 0 ou 1 (marca Diston).

Furador.

Lima de meia cana ou lixa para metal.

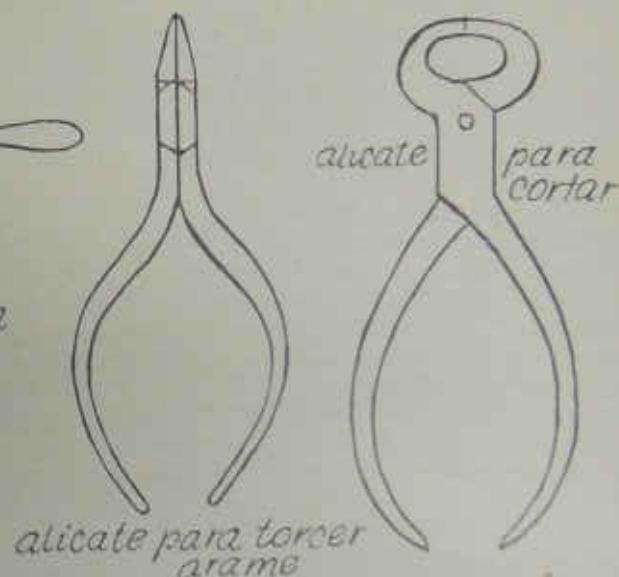
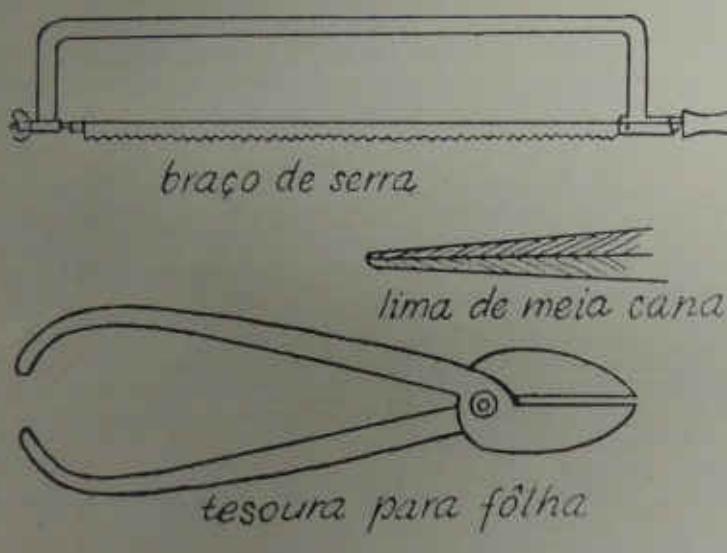
Tesoura para fôlha.

Riscador ou lápis duro.

Alicates (1 para cortar arames e outro para dobrar e torcer arames e chapas finas).

Fórmula para oxidar:

Cloreto de antimônio	10,00
Água destilada	100,00
Ácido clorídrico D. 1,	1.950,00



Técnica de execução:

- Passar em papel de seda o desenho que se quer executar.
- Decalcular o referido desenho sobre a lâmina de metal, usando o lápis de aço, tendo-se o cuidado de recobrir o traço com o riscador ou qualquer ponta aguda de metal.
- Fazer um furinho em cada espaço que vai ser calado ou aberto, como nos trabalhos de serrinha em madeira.
- Serrar. Nas peças pequenas convém fazer primeiro o calado para, depois, serrar o contorno externo.
- Limar levemente os esperezos ou lixar com a lixa para metal.
- Armar a peça, se feita em partes distintas. Em brincos formados de uma só peça basta

soldar o clipe ou fixar a alcinha que vai ser introduzida na orelha; para isso usa-se arame de prata que se corta com o alicate e dá-se o fôlho desejado, forçando sobre uma superfície curva.





Nos colares ou pulseiras feitas de diversas peças devem as mesmas ser presas entre si com um elo do arame citado. O fecho pode ser adquirido em qualquer ourivesaria, bem como o alfinete dos pregadores.

Para fazer os elos das correntes ou simplesmente para unir as diferentes peças, enrola-se o arame num cilindro qualquer (agulha de tricô, lápis, etc.) como para recobrir o cilindro. Retira-se este e vai-se cortando cada volta sempre na mesma linha, isto é, conservando os elos do mesmo comprimento.

OBS.: Usando-se latão, pode-se mandar em casas especializadas dar banho de ouro ou prata.

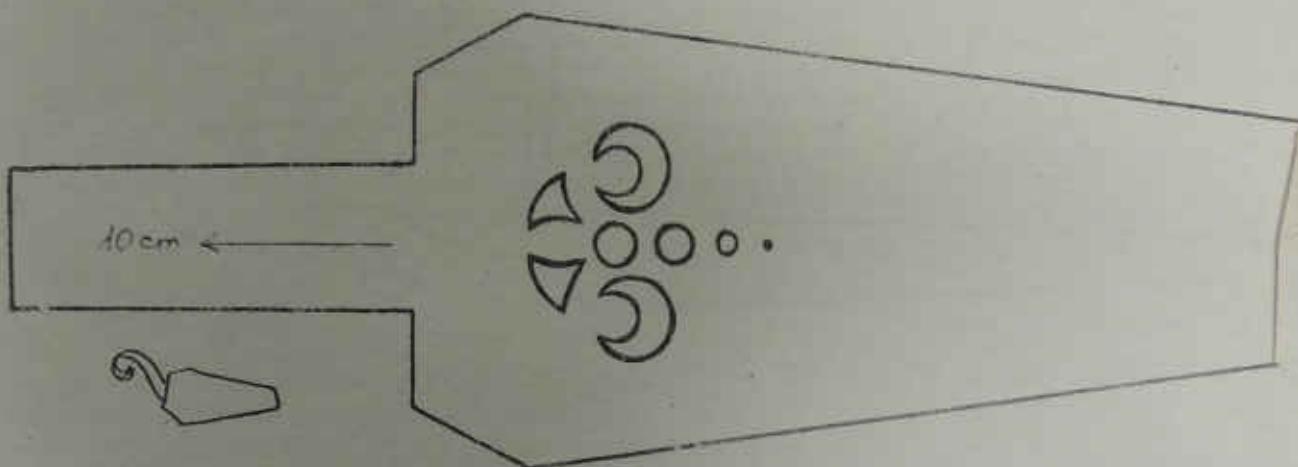
Para os demais trabalhos em metal serrado usa-se latão em lâminas, variando a espessura com a finalidade da peça. A técnica de trabalho é a mesma descrita anteriormente.

Depois de pronto pode-se, também, banhar em prata ou deixar ao natural, oxidando ou não. Para oxidar usa-se a fórmula apresentada no início.

ESPÁTULA DE BÓLO

Técnica de execução:

1. Chapa de latão, de mais ou menos 25 por 8 centímetros.
2. Riscar o contorno do espátula na chapa ou cortar um molde em papel e colar sobre a mesma.
3. Recortar com a tesoura para fôlha (também pode-se usar uma talhadeira).
4. Limar os bordos da peça.
5. Riscar o desenho do calado (como foi explicado para o trabalho anterior).
6. Serrar, perfurando anteriormente os lugares onde deve ser introduzida a serrinha.
7. Limar os bordos dos recortes.
8. Dobrar o cabo, conforme o modelo.
9. Mandar dar banho de prata ou de níquel ou deixar ao natural.



MINHA ORAÇÃO DE MESTRA

Otilia Giribone

Prof. do G. E. "Margal Pachaco" de Rosário do Sul.
Rio Grande do Sul

Ó Jesus, Mestre Divino, quero fazer de minha missão um sacerdócio, de minha sala de trabalho um templo, onde meu coração seja o teu sacrário.

Ó Jesus, dê-me um pouquinho da tua perfeição, para que eu, com firmeza e carinho, paciência e energia, severidade e brandura, amor e justiça, desempenhe a tarefa risonha e bela de trabalhar caracteres, de ensinar as criancinhas!

Ó Jesus, dê-me saber sólido, profundo e exuberante, mas sempre bem longe da exibição e da vanegria, sem orgulho para toldar o brilho da humildade.

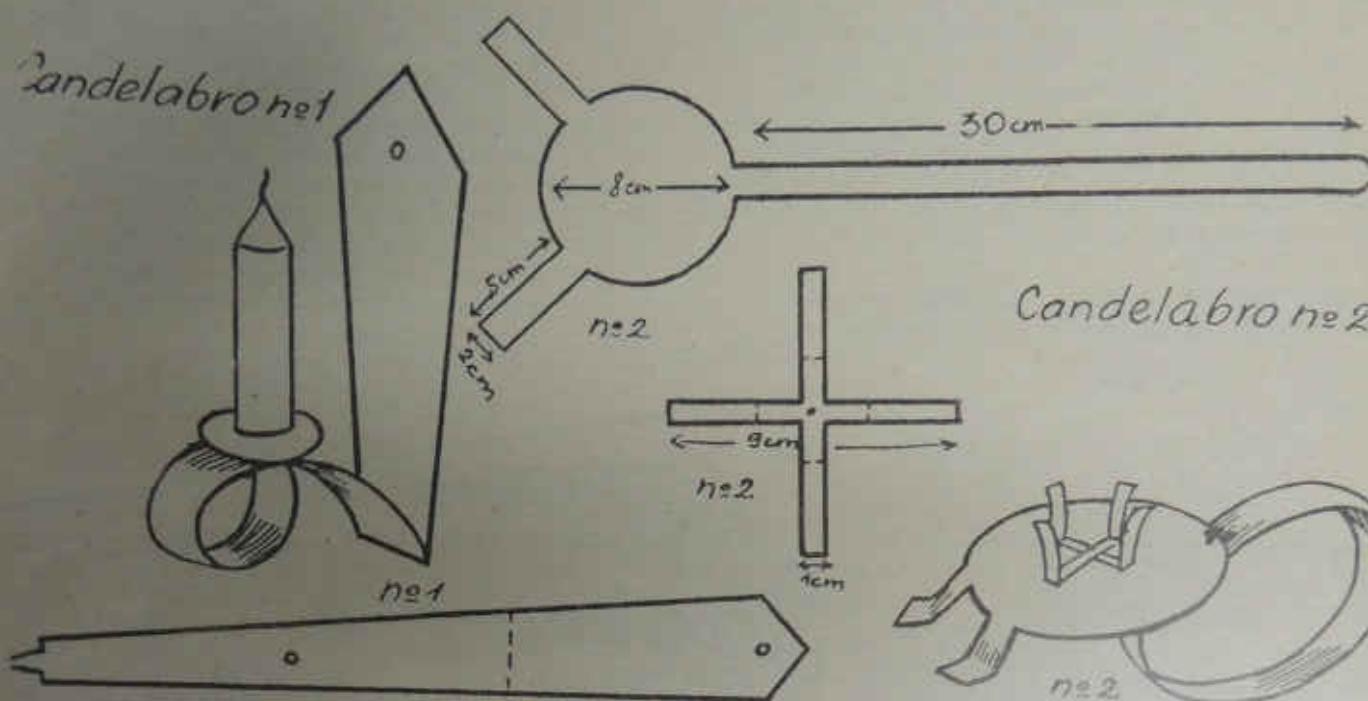
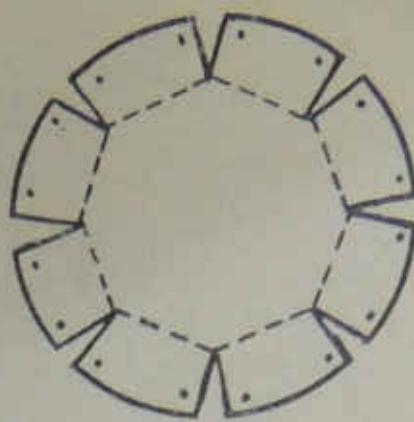
Ó Jesus, dê-me o máximo retidão e fidelidade para cumprir abnegadamente a profissão de Mestre, esta profissão que eleva e encobrece, aperfeiçoa e santifica.

Ó Jesus, eu te suplico: Deixa que entre os agudos espinhos, que cobrirão a minha estrada de Mestre, floresça a flor de todos os tempos — A Flor pura da Consciência também puro!

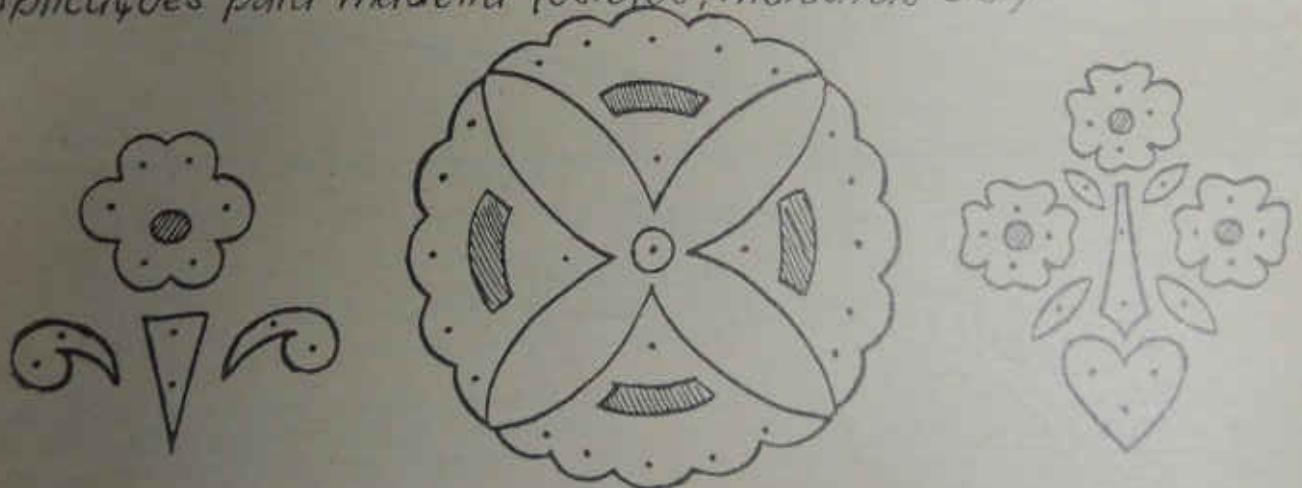
Ó Jesus, Mestre Divino, possa eu, com teu auxílio, fazer de cada um dos meus alunos, que são hoje figuras inocentes de crianças, um homem brioso para a nobreza do BRASIL, que eu tanto quero, e um santo para a tua glória, ó JESUS, que eu tanto amo.

Modelo de pratinho.

Sobre uma lâmina de metal, recortar este modelo, nas proporções desejadas. Dobrar nas linhas pontuadas. Perfurar nos lugares indicados pelos pontos, nos bordos, e prender com elos de aro de prata.



Aplicações para madeira (estojos, molduras etc.)



Quando se trabalhar em ferro, desejando- dar a cor preta, procede-se do seguinte modo:

1. Dissolver em água bicarbonato de potássio a 10%.
2. Submergir nesta solução o objeto completamente limpo.
3. Deixar secar ao ar livre.

4. Submeter à ação de uma chama, durante 2 ou 3 minutos.
5. Repetir a operação até conseguir a cor uniforme.

Com a mesma finalidade, pode-se usar grafite misturado com cera e passar nas superfícies da peça, com um pedaço de pano.

Métodos e Processos do Ensino da Leitura e da Escrita

(PARA O CURSO SUPLETIVO)

Tese apresentada ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado na Capital da República de 9 a 16 de julho do c/ano.

Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho

(Professor de Curso Primário Supletivo da P. D. F. Professor do Colégio Pedro II. Bacharel e Licenciado em Línguas Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da U. D. F. Bacharel em Direito)

PROLOGO

A tese, que o autor apresenta ao II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, realizado na Capital da República de 9 a 16 de junho de 1958, intitulada *Métodos e Processos do Ensino da Leitura e da Escrita*, procura demonstrar, — após o estudo histórico dos principais processos de ensino da leitura e da escrita filiados aos métodos sintético e analítico, — que, para o curso supletivo, o melhor processo para o ensino da leitura é o da *palavração* (fundo no método apolítico), e para o ensino da escrita os menores são os processos que aplicam, em sua técnica, os princípios da moderna psicologia da aprendizagem, sugeridos por vários autores, sendo o de Freeman o que preferimos.

A tese, como se verifica, reage contra os antigos processos sintéticos e empíricos, propondo novas técnicas de aprendizagem. Para isso, estuda os principais métodos e processos, — antigos e modernos, — a fim de demonstrar que os melhores, para o curso supletivo de adolescentes e adultos, são os que acima foram mencionados.

Convém assinalar que o autor não é contrário ao processo da *sentenciação*, usado com êxito em numerosas escolas primárias. O seu ponto de vista, porém, é que o processo da *sentenciação*, aplicado ao ensino primário de crianças, não é superior ao da *palavração*, para o ensino supletivo de adolescentes e adultos.

Com efeito, o processo da *sentenciação*, muitas vezes, reclama a organização de classes seletivas, com crianças superdotadas, critério que não se adota em nossos cursos supletivos. Além disso, no próprio ensino primário de crianças, o processo de *sentenciação*, a nosso ver, não supera o da *palavração*, pois este último é mais largamente adotado, e com êxito. O motivo disto talvez esteja no desconhecimento da técnica do processo

da *sentenciação*, e na divulgação maior da técnica do processo da *palavração*. Em resumo: somos de opinião favorável a ambos os processos, mas preferimos o da *palavração* no caso do ensino supletivo, não só por ser mais generalizada a sua técnica, mas também por falta de organização de turmas ou classes seletivas, neste ramo de ensino. Ambos os processos, porém, são magníficos, porque ambos se filiam ao método analítico, ou seja, ao método que se baseia nos princípios da moderna psicologia da aprendizagem.

Eis o que, como prólogo, pretendia comunicar aos dirigentes do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, caracterizando a tese aqui apresentada.

O AUTOR

SUMÁRIO

Capítulo I

1. Funções formativa e informativa da escola.
2. Os níveis de maturidade no ensino da leitura e da escrita.
3. Os níveis de maturidade no ensino supletivo.
4. A importância do papel do mestre no ensino das primeiras letras.

Capítulo II:

1. Evolução histórica dos processos de ensino da leitura:

- a) Principais processos do ensino da leitura, filiados ao método sintético: processo alfabético, processo fônico, processo fonológico, processo dos sons normais, processo da vocalização, processo da silabação;
- b) Principais processos do ensino da leitura, filiados ao método analítico: processo da palavração, processo da sentenciação e processo ideo-visual.

Capítulo III:

1. Evolução histórica dos processos de ensino da escrita:
- a) Processos empíricos ou de simples cópia; b) processos baseados na transferência da aprendizagem dos movimentos repetidos da escrita; c) processos baseados na eficiência de um tipo ou modelo de letra; d) processos de aplicação dos princípios da moderna psicologia da aprendizagem (Sutterlin, Kuhlmann, Hulliger, Freeman).
2. O ensino simultâneo da leitura e da escrita.
3. Leitura silenciosa e leitura oral.
4. Por que leem as crianças e os adultos.

Capítulo IV: Conclusões

CAPÍTULO I

SUMÁRIO: 1. Funções formativa e informativa da escola. 2. Os níveis de maturidade no ensino da leitura e da escrita. 3. Os níveis de maturidade no ensino supletivo. 4. A importância do papel do mestre no ensino das primeiras letras.

1. Funções formativa e informativa da escola.

A aprendizagem da leitura e da escrita, assim nas escolas primárias brasileira, como nas escolas de outros países, sempre constituiu assunto de primordial interesse. No entanto, tal aprendizagem não é, como muitos supõem, a finalidade única e exclusiva desse ramo de ensino. E' que, além das trabalhos rudimentares de alfabetização, a escola possui ampla função socializadora. Por isso mesmo, seria erro confundir o interesse geral da educação com o ensino elementar das primeiras letras. A tarefa é mais am-

pla, já que a alfabetização não passa de um círculo menor, dentro de outro maior, que é a educação. E' nesse sentido, aliás, que tem significação o seguinte parecer do Prof. M. B. Lourenço Filho: "Alfabeto e cultura não são sinônimos e, muito menos, alfabeto e educação. Por esta, temos que entender adaptação convincente ao tempo e ao meio, orientação das novas gerações aos problemas da vida presente, já nos seus variados aspectos de defesa da saúde, de produção e circulação de riqueza, já nos de equilíbrio e melhoria das instituições sociais. Ajustamento, enfim, às possibilidades e necessidades de cada região, com respeito aos quadros do tempo, ou educação de base, como o define a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura."

(1) Será fácil concluir, portanto, que a escola, antes de ser informativa, apresenta uma função formativa de grande importância pois que dela depende o menor ou maior ajustamento das novas gerações aos padrões de cultura da civilização em que vivem.

Do exposto, chega-se à conclusão de que, se tudo isso é verdadeiro para o ensino primário de crianças, por mais forte razão há de ser também para o ensino supletivo de adolescentes e adultos, em que os problemas de ajustamento social assumem aspectos do maior interesse e da mais alta importância. Nem o ensino primário de crianças, nem o ensino supletivo de adolescentes e adultos, por conseguinte, podem restringir-se à simples ação informativa, em virtude da gravidade dos problemas formativos, que ai existem, reclamando pronta e adequada solução.

2. Os níveis de maturidade no ensino da leitura e da escrita.

A aplicação dos princípios da psicologia aos problemas da educação suscitou, desde cedo, um problema de grande interesse no ensino da leitura e da escrita: o problema da verificação do nível de maturidade necessário à aprendizagem dessas técnicas elementares. Os testes A B C de Lourenço Filho, preparados adredemente para o ensino primário de crianças, surgiram daí, e, desde cedo, lograram obter ampla aceitação, não só no Brasil, mas também no estrangeiro. (1). São testes cuidadosamente selecionados, com o fim de verificar a maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, além de possibilitarem a organização de classes seletivas e de fornecerem seguros e precisos diagnósticos individuais.

São, atualmente, em número de 8 (oitos), os testes A B C:

1.º) Cópia de três figuras, entre as quais um quadrado e um losango. Este primeiro teste destina-se a medir ou avaliar a coordenação visual-motora do aprendiz.

2.º) Nomear 7 (sete) figuras: caneca, chave, sapato, laranja, automóvel, gato e mão, apresentadas ao aprendiz, em conjunto, durante 30 segundos. Este teste destina-se a medir a memória visual do aprendiz, bem assim a sua capacidade de atenção dirigida.

3.º) Reprodução de movimentos típicos. Este teste destina-se a medir a coordenação visual-motora do aprendiz, e ainda a sua resistência à inversão na cópia de figuras.

4.º) Reprodução oral de palavras de uso corrente, a saber: árvore, cadeira, pedra, cachorro, flor, casa e peteca. Este teste destina-se a medir a memória auditiva, e a resistência que o aprendiz oferece à ecolalia.

5.º) Reprodução de curta narrativa. Este teste destina-se a medir o índice de atenção dirigida, além do vocabulário e a compreensão geral do aprendiz.

6.º) Reprodução de palavras que não são do vocabulário comum. Este teste destina-se a medir a coordenação, auditiva-motora, a capacidade de prolação, bem assim a resistência à ecolalia.

7.º) Recorte de figuras, desenhadas num papel. Este teste destina-se a medir a coordenação visual-motora, índice de fadiga e índice de atenção dirigida do aprendiz.

8.º) Marcação de pontinhos em uma folha quadriculada. Este teste destina-se a medir o índice de fadiga e de atenção dirigida do aprendiz (1).

Convém assinalar que os resultados obtidos com a aplicação dos testes A B C, tanto no Brasil como no estrangeiro, muito têm concorrido para a melhoria do ensino.

3. Os níveis de maturidade no ensino de adolescentes e adultos.

Os trabalhos de verificação do nível de maturidade necessário à aprendizagem da leitura e da escrita, importantíssimos no ensino primário de crianças em idade pré-escolar, não se verificam no ensino supletivo de adolescentes e adultos. E os motivos são de fácil compreensão: é que os ado-

lescentes e adultos do ensino supletivo, normalmente, apresentam níveis de maturidade mais elevados que os níveis de maturidade das crianças. Eis o que, sobre o assunto, afirma o Prof. M. B. Lourenço Filho: "O primeiro ponto que devela ter em mente é que ensinar a adolescentes e a adultos é mais fácil do que ensinar a crianças, mais rápido, mais simples. Esta é uma das conclusões de inúmeras experiências feitas nos mais diversos países, com absoluto rigor científico. De modo geral, pode-se ensinar a um adolescente, ou adulto, na metade do tempo necessário ao ensino da criança. E é fácil perceber por quê: as crianças estão ainda em crescimento, são menos capazes de esforço continuado e de atenção concentrada; não possuem desenvolvimento de certas capacidades de vocabulário, de experiência real da vida. Por outro lado, não podem ter perfeita compreensão de ordem no trabalho, pois agem por impulsos do momento. Ao contrário, o adolescente, ou adulto, que procura uma esca, como que assume consigo mesmo o compromisso de aprender bem e depressa". (2).

Será fácil concluir, portanto, que os adolescentes e adultos apresentam níveis de maturidade bem mais elevados que os níveis de maturidade das crianças em idade pré-escolar ou escolar. É uma vantagem que o ensino supletivo apresenta em relação ao ensino primário de crianças, não há dúvida. No entanto, há inconvenientes no ensino de adolescentes e adultos, que não existem no ensino de crianças, e que também foram assinalados pelo prof. M. B. Lourenço Filho: "E que, possuindo assim maior capacidade mental, ou capacidade para aprender mais rápida e facilmente o adolescente analfabeto, sente-se muitas vezes desencorajado, por temor de que não possa aprender ou de que esteja sempre errando nas lições, de que sirva de motivo para zombaria e crítica. Diz-se que ele tem um 'sentimento de inferioridade', isto é, que se julga inferior aos demais, nos que saibam ler; ele se envergonha disso,

(1) Cf. M. B. Lourenço Filho, Testes A B C, 4.ª edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo, pág. 11. São Paulo, 1952.

(2) Segundo dados de um inquérito realizado pelo "Bureau International d'Education" da ONU, verifica-se que as provas psicológicas mais empregadas nos países latino-americanos são os testes de Binet-Simon e o A B C.

(3) Cf. M. B. Lourenço Filho, Testes ABC, Companhia Melhoramentos, de São Paulo, 4.ª edição, 1952. V. material para aplicação, incluído na 4.ª edição do livro.

(4) Cf. M. B. Lourenço Filho, publicação n.º 4 da Campanha de Educação de Adultos, pág. 4. M. E. C., Rio.

dante do próprio mestre, que lhe parece sempre e em tudo "superior" a ele". (1).

Já se vê, por tudo isso, que o mestre deve conhecer esse "sentimento de inferioridade", para que possa, através de estímulos e constante ação motivadora, ir exercendo ação verdadeiramente educativa sobre seus alunos. E será preciso mais: será preciso não deixar que o adulto abandone a escola, baseado no falso pressuposto de que "é velho demais para aprender".

4. A importância do papel do mestre no ensino das primeiras letras.

Por tudo o que ai fica, será fácil concluir que a ação do mestre assume papel de maior importância no ensino das primeiras letras, não sendo exagero afirmar-se que as suas qualidades pessoais constituem a principal fonte motivadora do trabalho didático. E' o que diz Mme. Boschetti, citada por Ad. Ferrière: "E o professor quem cria o ambiente numa classe. O ambiente vale o que valer o professor; isto alegra-me, e ao mesmo tempo, aterra-me. Varia com as suas variações individuais, mais nervosas se él é nervoso, mais calmas se él é calmo; é como que a transfusão, no ar que os alunos respiram, daquilo que o professor é no mais recôndito do ser..." (2). Sobre o assunto, afirma ainda o Prof. Lourenço Filho: "Pode-se ensinar a ler bem, metódicamente, levando a criança à finalidade exata e perfeita do aprendizado, sem prejuízo algum de seu desenvolvimento, por mil e um modos. A própria silabação pode ser empregada como ponto de partida, com tais artifícios de motivação, que dê esse resultado. Mas não há uma máquina que ensine a ler, nem cremos que possa ser inventada. Há artistas que o fazem com maiores ou menores recursos de aplicação científica ou de intuição natural, isso sim". (3).

Será fácil concluir de tudo isso que o melhor método de ensino, colocado nas mãos de um mau professor, de nada valerá ou pouco valerá. Por outro lado, um bom mestre, ainda que lidando com métodos e processos arcaicos, poderá conseguir muito de seus alunos, porque aprendeu a ensinar com o coração, e não apenas com a inteligência. Mas, se um bom mestre utiliza "um bom processo", é evidente que o seu trabalho será mais eficiente, sob todos os aspectos.

CAPÍTULO II

Evolução Histórica dos Processos de Ensino da Leitura

Há dois métodos gerais no ensino da leitura: o sintético e o analítico. Cada um desses métodos possui numerosos processos, que vamos estudar.

1. Principais processos do ensino da leitura, filiados ao método sintético.

O método sintético, cujos processos serão aqui examinados, parte da noção de letra para a noção de sílaba, e daí para o conceito de palavra e de frase. Adota, por isso mesmo, a base lógica da indução, em flagrante desacordo com os princípios atuais da psicologia, que consideram a percepção do conjunto anterior à percepção dos elementos isolados (Teoria da Gestalt). De qualquer forma, o estudo dos processos filiados ao método sintético tem significação histórica muito grande, exatamente porque nos mostra a evolução do ensino da leitura através dos tempos. Vejamos, pois, quais são esses processos, em geral não mais utilizados em nossos dias, mas cujo conhecimento se torna indispensável ao mestre de primeiras letras que deseja estudar o assunto em todos os seus aspectos.

a) Processo alfabetico.

O processo alfabetico, também denominado processo de soletração, vem da Antiguidade Clássica, com Dionísio de Halicarnasso. A Idade Média, igualmente, não conheceu outro processo de ensinar a ler, senão o alfabetico. E' por isso mesmo, o mais antigo de todos os processos filiados no método sintético. Lombardo Radice assim expõe os principios básicos desse processo:

1. Descrição da forma da letra;
2. Agrupamento das letras por semelhança gráfica ou dificuldade de pronúncia;
3. Silabação: (a famosa cartilha de Tomás Galhardo é por silabação);
4. Palavras difíceis de ler;
5. Estilização de letras, feitas com muito mau gosto;
6. Mudança da ordem alfabetica (sob um critério subjetivo de facilidade);
7. Simbolização das letras com figuras (O é era uma orelha de asno na célebre cartilha de Castilho);
8. Ensino das letras por grupos: Primeiramente, aprende-se bem determinada letra, depois só palavras

com essa letra e, somente então, passa-se a outra letra);

9. Leitura mecânica, sem preocupação ortográfica; (exato, por exemplo, com z, pelo fato de se ter ensinado o z. Casimiro empregou este processo);

10. Jogos com letras, sobretudo feitas de biscoitos" (1)

O processo alfabetico é o famoso processo p... a, oa, b... e, be, o... i, di; b... o bo; b... u, bu.

b) Processo fónico.

O processo fónico é simples aperfeiçoamento do alfabetico, e foi criado por Valentin Ickerlamer, século XVI, e aperfeiçoado por Krug e Stephan. Tal processo, segundo J. Budin, apresenta os seguintes antecedentes:

a) A proposta de Basedow no sentido de nomear as letras, dando-lhes exclusivamente o apoio de uma vogal, ba, ca...

b) O objetivo de fazer ler palavras inteiras, sem nomear as letras, a força de repetição.

c) A construção e a análise das palavras; sapato — s, sa, sap, sapu, sapat, sapato; o, to, ato, pato, apato, sapato...

Por esse processo, assim deveríamos ensinar aos alunos a palavra manilha; mè... a, ma; né... i, ni; le... h... a, lha.

Note-se ainda que este processo foi defendido pelos pedagogos de Port-Royal, escrevendo Arnauld sobre él: "Dão-se as consoantes as suas denominações naturais, acrescentando, apenas, um e mudo, indispensável à sua pronúncia. O b, por exemplo, terá nome e som que possui na última sílaba da palavra francesa tombe."

(2) Note-se, por fim, que esse processo foi longamente difundido no nordeste brasileiro, e ainda hoje há quem ensine por él.

c) Processo fonomimico.

O processo fonomimico, criado por Grosselin, professor de surdos-mudos, em 1866, e difundido por Goldschmidt, apresenta os seguintes fundamentos:

(1) Cf. M. B. Lourenço Filho, Publicação n.º 4 da Campanha de Educação de Adultos, pag. 4. M. E. C. Rio.

(2) Apud Ad. Ferrière, A Escola por Meio da Metodologia do Professor, trad. para o português de Vitor Hugo Antunes, Editora Educação Nacional, Porto — Portugal, 1934, pag. 40.

(3) Cf. Lourenço Filho, obra citada, página 14.

(4) Apud Orlando Leal Carneiro, Metodologia da Linguagem, volume I da Biblioteca de Cultura Pedagógica da Livraria Agir, 1951, pag. 130.

(5) Cf. J. Budin, Metodologia da Linguagem, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1949, pag. 63.

1. Cada fonema é acompanhado de um desenho, indicador da posição dos meios, durante a sua pronúncia;

2. O som fundamental, centro de uma histórica, deve reproduzir uma situação natural. Assim, o fonema *f* vem associado ao som *fff*, que faz um grito entusiasmado. (1).

Para que se tenha uma noção aproximada desse processo, basta que se recorde o famoso anúncio na *Lagoona*, em que aparecem quatro moças, cada uma pronunciando uma suave, e indicando a posição dos lábios ao pronunciá-la.

d) Processo dos sons normais.

O processo dos sons normais apareceu em 1900, com Eichler. São os seguintes os seus fundamentos:

1. Combinação da leitura com o ensino intuitivo e com o desenho;

2. Base nos sons normais. Os autores que adotam esse método propõem que se ensine da seguinte forma, por exemplo:

p — pia o pintinho.

z — zumbe a abelha.

r — ronca o porquinho, etc.

e) Processo fonético.

O processo fonético, divulgado principalmente por Otto e Spieser, apresenta os seguintes fundamentos:

1. Início da aprendizagem pelo selecionamento de palavras-chaves;

2. Escolha de vários vocabulários que tenham o som inicial das palavras-chaves;

3. Agrupamento de palavras em famílias;

4. Designação substantiva (*o s é sibilador*) e verbal (*o s é a letra que sibila na língua*) das letras. (2).

f) Processo da vocalização.

O processo da vocalização, criado por Richard Lange, é, em última análise, simples decorrência dos processos fonéticos e de sons normais. Esse processo parte do princípio de que a maior dificuldade do ensino da leitura é a ligação das vogais às consoantes. São os seguintes, de acordo com o seu criador, os seus fundamentos: "A essência do mecanismo da leitura consiste na união de uma consoante com uma vogal em uma só imagem sonora". (3). Para Lange, com efeito, se apresentarmos a uma criança as letras *ma*, reunidas em sílaba, haverá uma tendência natural para que se pronuncie *emea* ou *mea*. Por isso mesmo, o autor do processo acha que devemos fazer acompanhar de um som cada nome de letra. Dessa modo, a letra *s* deve ser apresentada como silvadora, *t* como roncadora, etc. Man-

da, por exemplo, que se leia a palavra *sofá* do seguinte modo: "silfe o *o* e sobre o *a*". (1).

g) Processo de silabação.

O processo da silabação, sem dúvida a mais adiantada fase do método sintético, é bem um precursor do método analítico. Em vez de partir da letra para a sílaba, e da sílaba para a palavra, parte das sílabas para os vocabulários, sem estudar, isoladamente, nem as letras, nem os sons. Há, por isso, quem considere o processo da silabação como a primeira fase do método analítico, tudo dependendo da noção que se tenha de todo ou de conjunto: para uns, com efeito, é a sílaba o todo; para outros, a palavra; e, ainda, para terceiros, a frase e até o texto. Esse processo, muito difundido em nossas escolas primárias, ainda hoje possui grande número de prosélitos e seguidores.

II. O Método analítico e seus processos

Se, por um lado, o método sintético peca por ser anti-natural, anti-psicológico e anti-pedagógico, já que vai das partes para o todo, ou seja, dos elementos abstratos, que são as letras e os fonemas, para os elementos concretos, que são as palavras, — o método analítico, por outro lado, baseado na percepção sincrética do aprendiz, parte do conjunto para os elementos isolados, não apresentando, assim, o erro do anterior. Dito de outro modo: o sintético apresenta base lógica, com o predominio da indução, enquanto o analítico apresenta base psicológica, com o predominio da dedução. Vejamos, a seguir, quais os principais processos que integram o método analítico:

1. Processo da palavrificação.

O processo da palavrificação, também chamado processo natural ou de palavras normais, surgiu com José Jacobot, em 1822. É a primeira fase do método analítico, método simples e natural, como vamos ver, examinando os seus princípios:

a) Escolha de palavras geradoras, em geral dissílabas, nas primeiras lições;

b) Associação de desenhos às palavras geradoras;

c) Escrita e decomposição das palavras geradoras em seus elementos sílabicos;

d) Formação de novos vocabulários com os elementos sílabicos desmembrados;

e) Leitura e escrita dos novos vocabulários, formados com os elementos sílabicos.

sílabicos anteriormente desmembrados;

1) Agrupamento de palavras já estudas em frases e orações.

A grande inovação que trouxe consigo o processo de palavrificação foi exatamente esta: dar inicio à aprendizagem da leitura, partindo de palavras inteiras, em absoluta conformidade com os princípios da psicologia. Com efeito, a letra isolada não pode significar coisa alguma para o aprendiz, enquanto palavras inteiras encerram, em si, significados próprios. Além disso, a associação das palavras, ditas geradoras, a desenhos, reforça a compreensão do que elas significam. Por fim, o processo se ajusta às exigências da psicologia contemporânea, que considera a percepção do conjunto anterior à percepção dos elementos isolados. Tinha razão, pois, Amélio Hamaide, quando declarava que, quando apresentamos uma fotografia, de alguém, não começamos pelos seus elementos isolados, isto é, pela boca, orelhas, etc., mas sim pelo conjunto. As particularidades sómente mais tarde serão observadas. (1). Queremos dizer: a verdadeira aprendizagem parte do sincrétismo para o sintetismo através do analítismo, conforme a psicologia da "gestalt". O processo da palavrificação, a nosso ver, é o que melhor se ajusta ao ensino supletivo.

2. Processo da sentenciação

O processo da sentenciação, também denominado processo de frases completas, apareceu em 1909, com Maillisch Ratibor, professor de surdos-mudos. Tem, como ponto de partida, uma sentença inteira, apresentando as seguintes etapas: a) frase; b) palavra; c) sílaba; d) letra; e) nova sílaba; f) nova palavra; g) empréstimo em frases das palavras já conhecidas. Trata-se, no entanto, de processo que reclama grande aperfeiçoamento técnico do professor, pois que, se for mal empregado, levará a classe à decoração de palavras e até das frases inteiras. E tanto isso, já se vê, afasta toda e qualquer possibilidade de análise, que é o seu principal fundamento. Apresenta bons resultados em classes seletivas, com alunos superdotados. Não o aconselhamos para o ensino supletivo, onde não há classes seletivas.

(1) Apud J. Budin, obra citada, pág. 64.

(2) V. José D. Forjione, *La Lectura y la Escritura por El Método Global*, páginas iniciais do livro, Editor: "El Ateneo", Buenos Aires, 1930.

(3) Apud J. Budin, obra citada, pág. 66.

(4) Cf. Orlando Leal Carneiro, obra citada, pág. 138.

(5) Cf. Amédio Hamaide, *o Método Debray*, trad. portuguesa de Alcina Tavares Gómez, segunda edição aumentada, v. Brigitte & Editores, Rio, 1934.

3. Processo ideo-visual.

O processo ideo-visual, também conhecido pelas denominações de visual-natural e visual-ideográfico, foi criado por Ovidio Decroly, em 1904. Apresenta quatro fases características:

a) Fase de **iniciação** — com aplicação de testes de memória e atenção visuais, em primeiro lugar. Em seguida, o professor deverá escrever ordens diversas em cartões, ordens naturalmente relacionadas com os centros de interesse da ocasião. Ex.: dê-me a pera; ponha a pera sobre a mesa; corte a pera ao meio; coma a metade da pera, dê a outra metade a Ana, etc. (1). Assim, a iniciação da leitura se faz sob a forma de ordens, em situação funcional de atividade lúdica, e, por isso mesmo, em função dos interesses próprios e naturais da criança.

b) Fase de comprovação e de amplificação.

Emprego de cartões idênticos ao da fase anterior no mesmo ambiente de atividade lúdica. Os exercícios, porém, são mais adiantados, como nos mostra o seguinte exemplo: escrita do nome de todos os alunos da classe em tiras de papel, para que a criança reconheça o seu próprio nome, o nome de seu colega mais próximo, e, em breve, o de toda a classe.

c) Fase de elaboração.

Durante a fase de elaboração, a criança emprega palavras já conhecidas, na formação de sentenças.

d) Fase de decomposição.

Esta fase consiste no reconhecimento de palavras iguais em várias sentenças e em seguida, de sílabas iguais em várias palavras. Ex.: reconhecer a palavra *mesa* nas seguintes sentenças: a mesa é do professor; a mesa é bonita; eu também tenho uma mesa, etc. Outro exemplo: reconhecer a sílaba *ma* nas seguintes palavras: Amália, amarelo, mala, maleta, etc.

O processo de Decroly dá grande importância à função visual e à leitura silenciosa. É um processo analítico, assim justificado por Hamaide: "A frase concreta, simples, é preferível à letra ou à sílaba abstrata, desprovida de significação. Não nos esqueçamos de que o som e a letra são as únicas expressões do trabalho de análise, feito pelo espírito humano". (2)

Este processo, elaborado em função dos interesses próprios da criança, não se ajusta ao ensino supletivo de adolescentes e adultos, pois os interesses aqui são outros.

Concluindo, somos de opinião que o melhor processo para o ensino supletivo é o da **palavração**, filiado, como vimos, ao método analítico.

CAPÍTULO III

Evolução Histórica dos processos de ensino da escrita

Há numerosas teorias e investigações sobre a origem da escrita, como assinala Vendryes, em seu conhecido trabalho sobre a linguagem (1). Não é objeto deste nosso estudo, porém, sistematizar todas essas teorias, porque o escopo principal que temos em mira, consiste em estudar a evolução histórica dos principais processos do ensino da escrita, defendendo os melhores. E esses processos, a bem dizer, são recentes, datando das épocas moderna e contemporânea, como esclarece a prof. Orminda Marques: "A generalização do ensino da escrita, como da leitura, é fato muito recente, razão por que o seu histórico pode dizer-se que é da época moderna e contemporânea". E, mais adiante, escreve ainda: "Saber escrever não representava, nesse tempo, dever maior para os que ocupavam postos de responsabilidade. Apontam-se reis e rainhas que não souberam utilizar-se da pena; Carlos Magno aprendeu a escrever já adulto; os cavaleiros manejavam com mais gosto e destreza a espada do que a pena, e tinham, quando necessário, escribas ou secretários. Ainda no século XVII, as pessoas do povo, em sua maioria, firmavam os documentos desenhando três cruzes para significar que atestavam o consignado em nome de Deus-Pai, Filho e Espírito Santo". (2).

Passemos, pois, a examinar os diferentes processos para o ensino da escrita, todos eles relativos às épocas moderna e contemporânea, de acordo com a seguinte classificação, proposta por Orminda Marques (3):

1. Processos empíricos ou de simples cópia;
2. Processos baseados na transferência da aprendizagem dos movimentos repetidos da escrita;
3. Processos baseados na eficácia de um tipo ou modelo de letras;
4. Processos de aplicação dos prin-

cípios gerais da moderna psicologia da aprendizagem".

O: primeiros desses processos, denominados empíricos ou de simples cópia, surgiram, naturalmente, por simples imitações. São processos que consistem em apresentar aos alunos um determinado modelo, mandando que eles o copiem e recopiem. Tal modelo pode ser impresso, escrito pelo professor no quadro negro, ou, então, em cadernos e cartões. São, como se nota, processos bem rudimentares, desprovidos de qualquer motivação especial, a ponto de o mestre chegar a ausentear-se da sala de aula, por ser desnecessária a sua presença, durante os enfadonhos trabalhos de cópia.

O segundo tipo reúne os processos baseados no falso princípio da transferência absoluta dos movimentos da escrita. São exercícios característicos desses processos: o **deuxo para cobrir e a cópia em papel transparente**, a fim de que o aprendiz, através da repetição e da transferência da aprendizagem, possa adquirir o hábito de escrever. Tal prática, no entanto, já foi inteiramente ultrapassada, pois que a transferência, longe de ser absoluta é apenas relativa, e em alguns casos. (1).

O sistema de mecanotetra, também filiado no falso princípio de transferência absoluta no movimento da escrita, apareceu no Uruguai, com o Prof. Copetti, em 1930. Sobre esse sistema, escreve Orminda Marques: "Ao invés de desenho, o professor Copetti presunzi o emprego de chapas de papelão, como formas ou máscaras. Há um jogo de cartões, que apresentam em recorte os elementos fundamentais da escrita. Quando o professor julgar oportuno, levará as crianças a escreverem sobre a pauta".

O Sistema de Montessori, a famosa educadora que idealizou as Casas dei Bambini, também se filia aos processos que admitem o falso princípio da transferência absoluta dos movimentos da escrita. Com efeito assim se expõe Montessori sobre o seu processo: "O ato de escrever uma palavra apresenta dificuldades de ordem me-

(1) Cf. Amélie Hamaide, obra citada, página 154.

(2) Cf. Amélie Hamaide, obra citada, página 142.

(3) Ribeiro, no seu livro *Le Langage*, de J. Vende - Edições Albin Michel, 1950.

(4) Cf. Orminda I. Marques, A. Escrita na Escola Primária, Edições Melhoramentos, 2^a edição, 1930, págs. 38 a 39.

(5) Cf. Orminda Marques, obra citada, págs. 46 e 47.

(6) Sobre o assunto, V. Gates, A. I., Psicologia para Estudantes de Educação, trad. portuguesa de Noêmio da Silveira Rudolfer, 2^a volume, Edição Saraiva, São Paulo, 1930, Capítulo XIII.

cânica, sustar um instrumento de escrita e manejá-lo com desembraço; há, depois, outra dificuldade mecânica-motriz, que consiste em conduzir a mão de tal modo que reproduza a forma das letras necessárias à composição da palavra. Dificuldade de outro gênero consiste em coordenar as letras, umas depois das outras, de modo que componham precisamente a palavra buscada, e que dela resulte um sentido; esta é uma operação de inteligência, que se realiza perfeitamente independente do ato mecânico de traçar a escrita. Se considerarmos outro ato da cultura, chegaremos mais ou menos ao mesmo resultado: cada um dos atos é criação de várias atividades do organismo. A separação, possível até certo limite, dessas dificuldades é o que chamamos "análise". A análise não é, assim, um estudo teórico desses vários elementos, mas a discriminação prática, que servirá para nos conduzir e guiar no campo da educação. Para que cada elemento se organize, necessitamos de um exercício completo, de tal modo que subsista por si só. Para esclarecer o assunto: pode-se preparar o movimento de manejo do instrumento da escrita com desenhos coloridos, variadíssimos, desenvolvidos em vista da arte decorativa, sem que, com isso, se suspeite preparar um elemento fisiológico da escrita. Preparamos a capacidade de traçar as letras do alfabeto, ensinando a criança a traçar com os dedos formas alfabeticas de papel deixa, recortadas e preparadas em papel liso. Finalmente, para compor as palavras, há alfabetos de letras móveis, que a criança colocará uma atrás da outra até formar a palavra". (1).

Processos baseados na eficácia de um tipo de letra por si só

O primeiro desses processos, segundo o trabalho já mencionado de Orminda Marques, é o da caligrafia vertical, idealizado por George Sand. Tal sistema, partindo do princípio de que, posta a criança em posição correta, a escrita só pode ser de um tipo: vertical, com letras arredondadas.

O segundo sistema, filiado ao princípio da eficácia de um tipo de letra por si só, é conhecido pela denominação de Sistema Tipográfico de Budges, por ser criado por Miss Budges, na Inglaterra, autora do livro "Parents National Education Union". Tal sistema, como se depreende do próprio nome, recomenda a prática da letra tipográfica, em lugar da letra de tipo cursivo.

O terceiro sistema é o de Simon,

simples variante do Sistema Tipográfico, sugerido, em França, por Mme. Simon. Tal sistema apresenta as seguintes características gerais: tipo misto de letra, isto é, letra de imprensa e letra cursiva, além da classificação das letras em grupos, para facilitar a aprendizagem. Assim, as letras são classificadas em **sem haste** (as formadas por traços horizontais e verticais, ligadas em ângulo reto) em **com haste** (as formadas de círculos, combinados com traços, e todas feitas da esquerda para a direita, com exceção da letra C). Convém notar que Mme. Simon aplicou o seu sistema ao ensino de crianças e ao ensino de adultos, indiferentemente.

4. Processos de aplicação dos princípios gerais da psicologia da aprendizagem.

A psicologia, aplicada à educação, deveria provocar, como consequência natural, o aparecimento de novos processos para o ensino da escrita, todos eles com mais rigorosa orientação científica. Tais processos são: 1. de Sutterlin; 2. de Kuhlmann; 3. de Hulliger e 4. Sistema muscular de Freeman. Façamos ligeira apreciação sobre esses processos:

1. Processo de Sutterlin.

O processo de Luis Sutterlin surgiu na Áustria, partindo do princípio de que a escrita deve ser, antes de tudo, um adorno. Assim, admite possa o ensino da escrita concorrer para a formação do sentimento estético do aprendiz. Sobre o assunto, observa Orlando Leal Carneiro: "Sutterlin, segundo Goethe, começa pelas maiúsculas latinas, letras das inscrições, das quais surgiram os tipos atuais. Tais letras são facilmente reconhecidas pelas crianças, pois estão nos anúncios, nas placas das ruas, em toda parte. Seu método é simultâneo com a leitura. "(1) Observa ainda o referido autor que as letras, nesse processo, devem ser ligadas por tração, e não por pressão, sendo condenada a pena ponteaguda. Há trabalhos que preparam o ensino da escrita, que se resumem em desenhos, trabalhos manuais e ginástica. O tipo de letra, recomendado pelo Processo de Sutterlin, é o vertical.

2. Processo de Kuhlmann.

O processo de Kuhlmann apareceu na Alemanha, em 1916, como consequência de experiências realizadas pelo seu inventor em 1912, e apresenta

o seguinte princípio geral: "Em liberdade, pela liberdade e para a liberdade". Já se vê, por si, que tal princípio assegura plena liberdade ao aprendiz, que pode criar e desenvolver um tipo subjetivo de escrita. Combate, por isso mesmo, o sistema de cópia e o de reprodução, colocando o princípio da individualidade do aluno em primeiro plano. Condena ainda o sistema de modelos, partindo da escrita de palavras em caracteres ro-manos, com letras maiúsculas e minúsculas.

3. Processo de Hulliger.

O processo de Hulliger, que apareceu em 1918, na Suíça baseia-se, sobretudo, nos princípios gerais da psicologia infantil. Hulliger deu especial importância à forma das letras, criando modelos especiais, bem como um tipo de alfabeto, com traços retos e rápidos, e curvas de traçado mais lento. A aprendizagem, de acordo com Hulliger, deve iniciar-se com a escrita de caracteres de imprensa maiúsculos, passando a minúsculos, até chegar à letra cursiva, inclinada para a direita, por reconhecer maior rapidez nesse último tipo.

4. Sistema muscular de Freeman.

O Sistema Muscular de Freeman, excelente processo para o ensino da escrita, parte do seguinte princípio: "a escrita deve ser cursiva, inclinada para a direita, sem talhe, simples, ligada por traços obtidos por tração e não por pressão". Esse sistema foi experimentado, com admirável êxito, na escola primária do Instituto de Educação, pela professora Orminda Marques. (1).

A primeira fase do sistema muscular de Freeman, segundo a experimentação acima mencionada, transcorre no quadro negro. (2) Em seguida, há exercícios especiais, apresentado sob a forma de dramatizações escolares, a fim de proporcionar um ambiente de atividade lúdica, desejado pela criança. Os exercícios preparatórios

(1) Apud Orminda Marques, obra citada, pag. 43 e 49. V. também Lourenço Filho, Introdução ao Estudo da Escola Nova, Edição Melhoramentos, obra em que se encontra um estudo crítico sobre o Sistema Montessori.

(2) Cf. Orminda Marques, obra citada, pag. 53.

(3) Cf. Orlando Leal Carneiro, obra citada, pag. 171.

(4) Cf. Orminda Marques, obra citada.

(5) Observem que há professores que não dão a cartilha ao aluno, depois que este aprendeu a ler, através de exercícios no quadro. Em geral, o dia da entrega da cartilha oferece motivo para interessante festa escolar, denominada "A Festa do Livro".

musculares são de grande importância, e muito facilitam a aprendizagem rápida e eficiente da escrita, como demonstrou cabalmente a experiência brasileira, realizada no Instituto de Educação. Convém notar ainda que, em conformidade com o método da caligrafia muscular de Freeman, a posição do corpo e do braço do aprendiz deve ser cuidadosamente observada, como demonstra Orminda Marques, na página 89 de seu livro, a que já nos referimos. Por fim, achamos importante transcrever a seguinte observação dessa autora: "Não devemos começar o ensino da escrita pela letra isolada; ela nada significa para a criança. Partir da palavra, ou melhor, da frase ou sentença é permitir desde o inicio uma ligação íntima entre a escrita e a leitura e, se esta for bem orientada, com o pensamento expresso." (3).

Allias, José D. Forglone, em seu livro "La Lectura y la Escrita por el Método Global", demonstra, fartamente, através de experiências que realizou, a veracidade da conclusão a que chegou Orminda Marques, por processos igualmente experimentais. Forglone iniciou uma aula de escrita pedindo que os alunos escrevessem a seguinte frase: "Yo voy a la escuela" e, em seu trabalho, publica clichês que reproduzem os exercícios iniciais dos alunos. Por esses exercícios, notamos que, no inicio da aprendizagem, são irreconhecíveis as palavras de que se compõe a pequena sentença. Com algumas semanas, no entanto, toda a classe escreve de modo legível. (4). Não há dúvida, pois, quanto à superioridade do método analítico sobre o método sintético, quer no ensino da leitura, quer no ensino da escrita, método já plenamente comprovado por experiências nacionais e estrangeiras. O processo de Freeman, a nosso ver, tanto se ajusta ao ensino de crianças, como ao ensino supletivo de adolescentes e adultos.

5. O ensino simultâneo da leitura e da escrita.

Será oportuno ressaltar, em item especial, que o ensino da leitura deve processar-se simultaneamente com o ensino da escrita. Sobre o assunto, escreve Lourenço Filho: "Modernamente, a simultaneidade do aprendizado das duas técnicas é ponto pacífico em didática, e sua prática, universal. Leitura e escrita se adquirem juntas, em menor prazo, com mais economia e segurança, que separadas. A explicação, como veremos a seguir, é simples: leitura e escrita estruturam-se

em comportamentos de base motriz, em atividades, por parte do aprendiz. A leitura não é, como se pensou, por muito tempo, simples jogo de fixação de imagens visuais e auditivas. Ler é uma atividade, não só em sentido figurado: é reação, desde a visão das formas das palavras, das frases ou sílabas, até a expressão final, em linguagem oral (leitura expressiva), ou em linguagem interior (leitura silenciosa)". (1)

6. Leitura silenciosa e leitura oral.

Convém notar, por fim, que, sendo a compreensão do que se lê o objetivo máximo do ensino da leitura, os exercícios de leitura silenciosa são de todo indispensáveis. A leitura oral é expressiva, conquanto que necessária, está em plano inferior, e sómente deve ser exigida após os exercícios de leitura silenciosa. Com efeito, na vida de cada um de nós, aprendemos a ler para nós mesmo, isto é, silenciosamente, sendo raras as vezes em que temos necessidade de recorrer à leitura oral e expressiva. De uma forma ou de outra, no entanto, continua sendo a compreensão o objetivo de uma leitura, fato que levou John Dewey a observar que poder ler é diferente de saber ler. Sómente sabe ler quem está em condições de reproduzir o que leu, demonstrando assim que atingiu o objetivo principal da leitura, que é a expressão. (2). Se não é capaz disso, apenas pode ler, mas ainda não sabe ler.

7. Por que leem as crianças e os adultos?

Num interessante estudo, organizado por Mary E. Pennell e Alice M. Cusack, (3) são os seguintes os motivos que levam as crianças e os adultos à leitura:

a) Pelo desejo de conhecer. A leitura, realmente, possibilita-nos o aumento diário de novos conhecimentos;

b) Por necessidades profissionais. De fato, não há nenhuma profissão que dispense a leitura, como instrumento que é de aquisição de conhecimentos úteis e indispensáveis à eficiência de nossas atividades;

c) Por prazer. Todos nós necessitamos de certos momentos de repouso espiritual na luta pela vida. E o encanto da leitura nos traz esta satisfação, preenchendo utilmente as nossas horas de lazer. Houve até quem afirmasse: "um quarto de hora

de leitura consola-me de qualquer desgosto";

d) Para a satisfação de desejos não realizados. As atribuições da vida não nos permitem realizar todos os nossos desejos. E quantas vezes, lendo livros de viagens a países que desejariamos visitar, de certo modo não realizamos esta viagem, acompanhando a narração do autor?

e) Para maior compreensão da vida. Todos nós desejamos compreender a vida, sob todos os seus aspectos. E só a boa leitura nos dá conhecimento de todos os progressos da civilização e da raça humana;

f) Para orientação da conduta. A boa leitura, através de seus exemplos significativos, também concorre para auto-modificar o nosso comportamento. E quem diz auto-modificação do comportamento, em última análise, diz educação.

Tais motivos, capazes de despertar interesse, entre os adolescentes e adultos, pela leitura, também são válidos para as crianças. A diferença é simplesmente de grau, como nos mostram os estudos de psicologia que estabelecem as distinções existentes entre os interesses da criança e os interesses dos adolescentes e dos adultos.

5. Conclusão.

Pelo exposto, é fácil verificar-se a tese que o autor defende: O processo mais indicado para o ensino da leitura, no curso supletivo, é o da palavração; e os processos aconselháveis para o ensino da escrita são os que se fundamentam nos modernos princípios da psicologia da aprendizagem, preferencialmente o de Freeman. Defende, por fim, o ponto de vista de que o ensino da leitura e da escrita devem processar-se simultaneamente, pelas razões que aduz no corpo da tese apresentada.

CAPÍTULO IV

Conclusões

O processo da palavração, também chamado processo natural ou de palavras normais, que julgarmos o melhor para o ensino da leitura em turmas de adolescentes e adultos do

(1) Cf. Orminda Marques, obra citada, pág. 88.

(2) Cf. José D. Forglone, obra citada.

(3) Cf. Lourenço Filho, Textos A-B-C, pág. 33, edição 1956 mencionada.

(4) Cf. John Dewey, *Como Pensamos*, Trad. para o português de Gedreia Ramal, Companhia Editora Nacional, 1933.

(5) Cf. Mary E. Pennell e Alice M. Cusack, *Como se ensina a leitura*, edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

curso supletivo, inegavelmente goza de grande prestígio na aprendizagem da leitura, como só ocorrer com todos os processos analíticos. Além disso, é um processo que se ajusta admiravelmente às investigações mais avançadas da psicologia da aprendizagem, como são as investigações da psicologia da "gestalt", que têm em Koellher e Koffka os seus pioneiros. Tais investigações demonstram, através de experiências universalmente conhecidas, que a **percepção do conjunto** prevalece sempre sobre a **percepção dos elementos isolados**. Queremos dizer: após a **percepção do conjunto**, e por isso mesmo é que se passam a relacionar, entre si, os **elementos desse conjunto com o todo**. E a esse processo psicológico dá-se a denominação de "insight" ou discernimento, base de toda e qualquer aprendizagem.

No caso particular do ensino da leitura, pelo processo de palavrão, parte-se de um determinado número de palavras, denominadas geradoras, e que representam um **conjunto, um todo**. Essas palavras, ditas geradoras, costumam vir associadas a desenhos, que representam os seres e objetos por elas designados. Assim, o aluno percebe, inicialmente, o **conjunto, o todo**, que são as palavras geradoras, intimamente associadas aos desenhos, e dai, então, passa a relacionar, entre si, os **elementos desse conjunto**, através da decomposição silábica das palavras geradoras. Tais palavras são, em geral, dissílabas, pelo menos nas lições iniciais, para que haja redução nos elementos do conjunto e, em consequência, mais fácil trabalho de análise e mais fácil discernimento. Por fim, com os elementos silábicos desmembrados, e já conhecidos, o aluno facilmente irá formando novos vocabulários, como demonstramos em nosso Guia de Leitura. (1).

E, como se vê, um processo filiado ao método analítico, que considera o vocabulário como um **todo**, desmembrando-o, a seguir, em silabas, com que se formam novas palavras. E não daria de hoje, seria bom advertir, o processo de palavrão, pois que já era empregado por Jacotot, em 1822, e, daquela época aos nossos dias, muitos livros de leitura foram escritos, universalmente, sob a orientação de seus princípios.

Devemos frisar, ainda, que o ensino da leitura deve processar-se simultaneamente com o ensino da escrita. Será da máxima importância, pois, que, desde os primeiros dias de aula, o professor leve a classe a ini-

cier-se, também, no ensino da escrita, através de exercícios apropriados. Para isso, apresentamos, a seguir, algumas sugestões, baseados no método da caligrafia muscular de Freeman.

Sugestões para o ensino da escrita

1. É aconselhável, antes de dar inicio ao ensino da escrita, levar a classe a fazer exercícios preparatórios musculares, à semelhança dos exercícios sistemáticos de Freeman. O ensino da escrita deve iniciar-se juntamente com o ensino da leitura.

2. Dá-se inicio, em seguida, ao ensino da escrita, partindo de palavras ou de pequenas sentenças. A letra isolada não significa nada para o aluno.

3. Não importa, como observa Forgione, (1) que a escrita da palavra ou da sentença, feita pelo aluno seja inicialmente ilegível. Com o tempo, todos estarão escrevendo legivelmente.

4. A escrita deve ser cursiva, apresentando letras inclinadas para a direita, sem talhe e ligadas por tração, como propõe Freeman.

5. A posição do corpo e do braço do aprendiz deve ser cuidadosamente observada, bem assim a posição do papel.

MATERIAL A SER UTILIZADO

1º ano ou curso preliminar — Papel comum sem pauta de bloco no inicio da aprendizagem, medindo aproximadamente 21 x 15 cm. No segundo período, papel de pautas simples com idênticas dimensões, apresentando, entre as pautas, uma distância aproximada de 15 mm. Lápis tipo Faber n.º 2, em ambos os períodos.

2º ano — No inicio do 2º ano, deve-se utilizar o mesmo material indicado para o 1º. No segundo período, indica-se papel de pautas simples, medindo 23 x 21 cm, e apresentando, entre as pautas, uma distância aproximada de 10 mm. Lápis tipo Faber n.º 2.

3º, 4º e 5º anos — Inicio do uso de tinta (caneta-tinteiro, preferencialmente), e emprégo do mesmo material, já indicado para o segundo período do 2º ano. (1).

Vê-se, por conseguinte, que adotamos o processo da palavrão para o ensino da leitura no curso supletivo. Convém notar, no entanto, que, a

certa altura, análise e síntese se alternam e se confundem em qualquer processo, e nem seria possível evitar que isso ocorresse. Análise e síntese são processos lógicos do pensamento, intimamente relacionados; enquanto um, partindo do todo, chega aos elementos desse todo, o outro representa a reconstituição lógica dos elementos desmembrados. Assim, os processos analíticos, quer o da **palavrão**, quer o da **sentenciação**, em certo ponto, são obrigados a recorrer a síntese, para a reconstituição lógica dos elementos silábicos desmembrados. Quando, por qualquer dos dois processos analíticos anteriormente citados, se chega à noção de silaba, e dai se parte para a formação de novos vocabulários, é um trabalho de síntese, e não mais de análise, que se realiza. O importante, porém, é não começar pela síntese para atingir a análise, por ser este um método anti-natural e anti-psicológico. Mas isso não impede, como ressaltamos, que, após a análise, se recorra a síntese, para a reconstituição lógica dos elementos desmembrados. Assim, o caminho natural é o da análise, principalmente em virtude da **percepção sincrética** do aprendiz, e não o da síntese, como se pretendeu durante longo tempo. A marcha, para a verdadeira aprendizagem, parte do sincretismo para o sintetismo, através do analitismo. (2).

Mas resta observar, finalmente, que, por mais perfeito e acabado que seja o processo de ensino, de nada valerá se o mestre que dele se utiliza não tem vocação para o magistério. Ao contrário: por mais deficiente que seja um processo de ensino, se utilizado por um bom professor, dará os melhores resultados, exatamente porque os bons mestres aprenderam a pôr em sua atividade docente todo o idealismo e toda a força criadora da sua inteligência e de seu coração. No entanto, será bom sublinhar o que acostumamo linhas atrás: se um bom mestre utiliza um bom processo, é evidente que o seu trabalho será mais eficiente, sob todos os aspectos.

(1) Cf. Alcevedo Filho, *Lecográfo Amazônico da Gaita de Leitura*, Rio, 1932.

(2) Cf. Forgione, José D., *La Lectura y la Escritura por el Método Global*, Editor "El Ateneo", Buenos Ayres, 1926.

(3) Cf. Marques, Camilo L., *A Escrita na Escola Primária*, 2ª edição, Companhia Instrumentos de São Paulo, 1938.

(4) Cf. Ferraz, João de Souza, *Teoria geral sobre aprendizagem*, in: *Nótes de Didática Geral e seus Fundamentos*, publicação da C. A. D. E. S. M. E. C., Rio, 1958.

A Sala de Catecismo

(Iniciação na Catequese)

VII

Madre Teresa do Cristo Lézier, O. S. U.
Distrito Federal.

AQUI SE ENCONTRA DEUS

Verdadeiramente se a sala de catecismo é o lugar onde o homem encontra Deus, esta sala deve ter um caráter sagrado.

Não se marca uma entrevista com uma pessoa importante num salão familiar. Na falta de outro ao menos que esteja bem arrumada e enfeitada.

Do mesmo modo, não se proporciona um encontro de Deus com seus filhos num lugar qualquer.

1.º — A Igreja não é o lugar próprio do Catecismo

Ela só será dada sómente na falta de outro local.

Antigamente o catecismo era dado de propósito nas igrejas e muitas vezes o sacerdote revestia o sobrepeliz, indicando assim o caráter sagrado desse ensino. — Deus falava — seus filhos O escutavam. O catecismo era do mesmo gênero que a homilia dominical.

Mas catecismo não é liturgia; não é puramente oração; é ENSINO. Pede pois, aos alunos um trabalho mais pessoal do que escutar sómente.

E' muito difícil ter numa igreja o material necessário para um ensino e de outra parte, o respeito à presença real na Eucaristia, não permite que as crianças falem, perguntem, escrevam, desenhem, etc...

2.º — A Sala de Catecismo não é uma sala de Aula

Catequizar uma criança é conduzi-la da vida profana, de suas atividades puramente humanas, para Deus, para o divino.

A sala de catecismo deve ser atraente e convidativa para uma ascenção progressiva para DEUS.

3.º — A Sala de Catecismo deve ser ao mesmo tempo, Igreja e Escola

- deve ser escola, pois ali se dá um ensino e se tem necessidade de material escolar.
- deve ser igreja, pois a atividade humana ali exercida tem por objetivo encontrar a DEUS e corresponder a DEUS.

O ambiente por si mesmo deve já elevar os olhos; deve ser profano e sagrado ao mesmo tempo.

4.º — A Sala de Catecismo especializada é uma questão de Fé

São raros os salões especializados para o catecismo. E' mistério desejar que se multipliquem e que os paroquianos como o clero, os diretores de colégio e os construtores compreendam que uma sala para o ensino do catecismo é muito importante. Merece que se-

jam procurados arquitetos e engenheiros que respeitem suas duas características: de profano e sagrado.

Seria esse trabalho para ser feito sobre a opinião pública. Até que se dê ao catecismo a primazia que lhe dão os Soberanos Pontífices, não encontraremos os recursos nem a dedicação necessária para um catecismo eficaz.

E' preciso, antes de tudo convencer os espíritos. E' mistério um grande espírito de fé, uma fé contagiosa. Então, teremos tantas salas de catecismo quantos forem os grupos de catequizados, e grupos são numerosos para que o catequista possa fazer um trabalho individualizado, seguindo de perto cada um dos seus alunos.

Condições materiais para uma boa sala de Catecismo

1.º — ESPAÇO — E' preciso que as crianças estejam à vontade, que se possam locomover sem incomodar seus colegas, que estejam bem instaladas.

2.º — CLARIDADE — LIMPEZA — ORDEM — Por intermédio à Palavra de DEUS, para não se opôr obstáculo entre DEUS e alma.

Para que as crianças sintam prazer em estar ali. Para facilitar a disciplina.

3.º — BELEZA.

A) — Os arquitetos deveriam procurar um estilo que mantivesse a alma no sentimento do belo.

A Igreja não é indiferente ao belo quando constrói seus templos, incitando seus filhos a vir a rezar.

A sala de catecismo tem a missão de trazer filhos à Igreja. Não se pode criar filhos de DEUS num lugar qualquer. Há relação entre o Belo e a Pureza, entre o belo e o Sagrado; o não Belo não leva ao encontro d'Aquele que é todo Beleza. Beleza não é luxo nem riqueza; alia-se muito bem à simplicidade. Obtida uma sala bem iluminada, limpa, e em ordem, falta só a ornamentação para estar completa.

B) — DECORAÇÃO — Simples, poucas coisas, mas bonitas, é preciso cuidado na escolha; é preferível belos quadros profanos, que figuras religiosas sentimentais ou lânguidas, uma bela paisagem ou uma boa fotografia familiar são melhores do que um São José ou um Sagrado Coração, pouco artísticos.

Existem regras para as imagens religiosas e gravuras. Já tem havido reação, em nome da arte religiosa, contra os deformadores do gosto em matéria de imagens religiosas.

Conforme estas regras, escolhem-se gravuras, as pinturas, os frisos, murais, oriente-se o gosto das crianças para a decoração da sala.

Escolhe-se com cuidado os estatuetas ou representações de Nossa Senhora ou dos Santos. Ter-se-á um crucifixo verdadeiro, de bom tamanho, colocado a uma altura facilmente visível para as crianças e nô-

no alto de uma parede onde fica sózinho com o poeira e as teias de aranha. Poder-se-á colocá-lo sobre um pano de cores litúrgicas.

Faz parte da decoração e contribui para a atmosfera sagrada, a colocação da Bíblia.

Precisamos dar à Bíblia um lugar de honra. Ela é a Bíblia e a palavra de Deus nela contida que o catequista levará mais especialmente a criança ao encontro de Deus. A Bíblia, pois, deve estar no centro ou então bem à vista das crianças, sobre uma estante também coberta com um véu litúrgico, ou com velas ou uma lâmpada e flores naturais. Que tudo seja de molde a inspirar respeito.

AQUI SE ENCONTRA DEUS

4º — **Material:** Mesas e cadeiras individuais, leves, de modo que se possa mudá-las facilmente de lugar e transformar a sala para permitir, conforme as necessidades, trabalhos por equipes ou celebrações litúrgicas que exigem uma sala vazia.

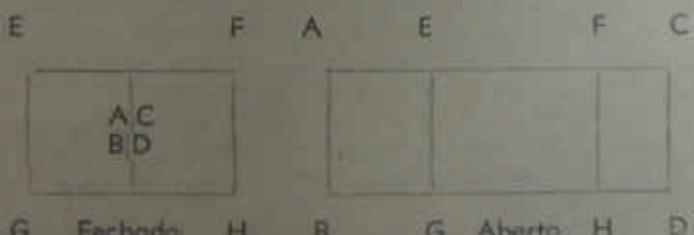
O quadro negro: poderá servir para dois fins se for feito de modo que se possa fechar como as portas de um armário. Quando não estiver sendo usado fechar-se. Belas pinturas exteriores, feitas às vezes pelas meninas se forem artistas, ou gravuras, ou representação de vitral, darão à sala um aspecto muito agradável.

Um grande armário: haverá para guardar tudo que for necessário ao trabalho: papéis, cartões, papelão, lápis de todos os cores, canivetes, borrachas, reguas, mata-borrão, tesouras, pastas para os trabalhos dos alunos, fichas de trabalho individual ou de auto "controle", biblioteca do professor, coleções de gravuras, de fotografias, documentação, jogos catequéticos, etc. etc.

Uma biblioteca ou uma estante: a altura das crianças, para a leitura e consulta, bem adaptada à idade e à sua mentalidade.

Quadros de Avisos: para a ordem geral, ordens aos alunos, os gráficos de notas, revistas, jornal mural, etc. Pode-se reservar um canto da sala para cada equipe de alunos. Mas que todas estas sejam dispostas de modo a não prejudicarem a beleza da sala. Pode-se talvez dispor esses quadros como os quadros negros.

Quadro negro



Mapos: da Palestina, do Mundo mediterrâneo, seriam necessários e também um planisfério.

Fichários: onde serão colocadas as documentações e as fichas de trabalhos da aula do dia.

Aparelhos de projeção: filmes educativos preferíveis aos filmes de 16 mm e um cartoscópio.

Uma vitrola: e uma boa coleção de discos.

Eu ensino o Catecismo na Escola numa sala de aula

Seria muito difícil transformar sua sala de aula na hora do catecismo para criar um novo ambiente?

Não poderia mudar a ordem das carteiras para que as crianças sintam que elas não estão mais numa classe, que se trata agora de outra coisa?

Vai perder tempo? Talvez, mas quando um livro está com rólicas, é preciso desfolhá-lo para enchê-lo. Será que tirar a rólica é também uma perda de tempo?

E' preciso que as crianças deixem o mais possível a mentalidade "escolar" tão pouco favorável à fé. Perder tempo com isso é ganhar tempo.

Não poderia entrar em procissão, cantando?

Intronizar solenemente a Bíblia, um quadro, um crucifixo?

Tocar alguns discos? Entrar num silêncio de recolhimento que já seria uma oração? O seu zelo ochará outros processos.

O que é necessário é que a sala esteja preparada antes da entrada das crianças. Pode pedir a uma equipe fazê-lo no intervalo, mas deve ser feito.

Todas estas pequenas coisas criam um ambiente tão sensível às crianças que têm necessidade de um clima que as ajude a rezar.

"A Beleza, diz o Diretor do Instituto Superior de Catequética de Paris, (música, arquitetura, organização) assegura 50% do sucesso da catequese, graças ao clima que mantém.

R E V E L A C Ã O

Gonçalves Dias

Quem é maior do que os anjos?
Mais radiante que o fuz?
Quem amar a Deus nos ensina
Na doutrina mais divina?

JESUS!

Tecem coroas de glórias
As alvoradas do dia;
Exaltam-na os Arcanjos
Em divinal melodia!

MARIA!

Quem soube honrar o trabalho,
A paciência, a humildade
Ensinando à humanidade,
Em Deus depositar fé?

JOSE!

Seja pois esta Trindade
Vosso guia e vosso norte
Não receeis os horrores
Que se vos pintam da morte,
Se invocardes com fé
JESUS — MARIA — JOSE!

Em uma liquidação, objetos no valor de Cr\$... 80,00 foram vendidos por Cr\$ 72,00, e objetos que custam Cr\$ 70,00 estão sendo vendidos com o triplo da redução dos primeiros.

Os objetos no valor de Cr\$ 70,00 estão sendo vendidos por

Nara deseja fazer, com linho de 1,20 m. de largura, dois guardanapos quadrados de 60 cm cada um. A menor quantidade desse linho que Nara precisa comprar é ...
À razão de Cr\$ 180,00 o metro do linho, essa compra importará em ...

HISTÓRIA DO BRASIL

I PARTE

I — Preenche as lacunas:

1. Foi o príncipe português, o Infante D. Henrique, apelidado quem iniciou as grandes navegações de Portugal.
2. Quem descobriu o Cabo das Tormentas foi
3. O rei de Portugal D. João II mudou o nome de Cabo das Tormentas para o de porque sabia que, com esse descobrimento, seria fácil chegar às Índias.
4. O caminho marítimo para as Índias foi descoberto por
5. Cristóvão Colombo foi quem realizou o descobrimento da do mês de do ano de
6. Cristóvão Colombo era natural da cidade de a quem ofereceu seus serviços que não foram aceitos.
7. Quem ofereceu a Colombo os navios para o grande empreendimento foram os reis de cujos nomes eram e
8. As naus que Colombo recebeu para a sua viagem chamavam-se e
9. A nau donde partiu o grito: "Terra!" foi
10. A primeira viagem de circumnavegação do globo foi realizada por

II — Coloca dentro dos parênteses uma + nas frases que julgares inteiramente certas e um traço — naquelas em que encontrares um ou mais erros.

1. () O Tratado de Tordesilhas realizou-se no ano de 1494.
2. () O Tratado de Tordesilhas foi feito entre Portugal e Brasil.
3. () O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral no dia 21 de abril de 1500.
4. () D. Manuel, o Venturoso, era rei de Portugal quando foi descoberto o Brasil.
5. () Foi o franciscano Frei Henrique de Coimbra quem disse a primeira missa no Brasil no dia 1º de maio de 1500.
6. () Cabral, julgando que a terra descoberta fosse uma ilha, deu-lhe o nome de Ilha de Santa Cruz.
7. () Quando o rei de Portugal foi informado de que a terra descoberta ficava no continente deu-lhe o nome de **Terra de Vera Cruz**.
8. () Pindorama era o nome que os índios davam ao Brasil.
9. () O nome do Brasil deriva de uma madeira chamada pau-brasil que existia na nova terra descoberta.
10. () O Brasil foi descoberto no século XVI.

III — Coloca ao lado de cada uma das definições abaixo os nomes de origem Tupi correspondentes:

1. Sacerdote dos índios:
2. Aldeia dos índios:
3. Chefes das tribos indígenas:
4. Cosa dos índios:
5. Canoa dos índios:

II. PARTE

Assinala com uma cruz, dentro dos parênteses, a resposta certa:

1. A expedição de Cristóvão Joques, em 1526, foi enviada por:
 D. Sebastião
 D. João III
 D. Manuel
2. A primeira expedição colonizadora do Brasil foi comandada por:
 Gaspar de Lemos
 Gonçalo Coelho
 Martim Afonso de Souza
3. O sistema de capitaniais foi criado no Brasil por:
 D. João II
 D. Sebastião
 D. João III
4. A principal riqueza da capitania de Pernambuco foi:
 algodão
 açúcar
 fumo
5. Martim Afonso de Souza foi donatário da Capitania de:
 Pernambuco
 Bahia
 São Vicente
6. A primeira colônia agrícola do Brasil foi:
 Santo Amaro
 Santo André da Borda do Campo
 São Vicente
7. Os franceses estabeleceram-se no Rio de Janeiro, em 1555, no governo de:
 Mem de Sá
 Tomé de Souza
 Duarte da Costa
8. Os franceses, quando se estabeleceram no Rio de Janeiro, em 1555, eram comandados por:
 Daniel de la Touche
 René Du Goy Trouin
 Nicolau Durand Villegaignon

9. O primeiro bispo do Brasil foi:

- () D. Marcos Teixeira
() D. Pero Fernandes Sardinha
() D. Pero Leitão

10. Os franceses foram expulsos do Rio de Janeiro, no governo de:

- () Duarte da Costa
() Tomé de Souza
() Mem de Sá

II — Lê com atenção o nome das seguintes vilas e cidades do Brasil colonial e coloca, ao lado de cada uma, o nome do seu fundador:

1. Santos:
2. Olinda:
3. Salvador:
4. São Paulo:
5. Rio de Janeiro:

III — Completa as frases seguintes:

1. A expansão territorial do Brasil teve por causa a caça de índios e a busca de ouro e pedras preciosas pelas expedições chamadas
2. Também os jesuitas se internavam pelo interior para catequizar índios e fundar
3. Fernão Dias Paes Leme teve o apelido de
4. O apelido de Anhanguera foi dado pelos índios a
5. Os dois jesuítas que mais se distinguiram na catequese dos índios foram

III. PARTE

I — Assinala com uma cruz, dentro dos parênteses, a resposta certa:

1. As invasões holandesas no Brasil tiveram por causa:
 A morte de D. Manuel
 A invasão de Portugal pelas tropas do General Junot
 A passagem do Brasil para o domínio espanhol
2. Os pontos do Brasil atacados pelos holandeses foram:
 Maranhão e Ceará
 Bahia e Pernambuco
 Rio de Janeiro e Espírito Santo
3. A invasão da Bahia durou:
 de 1624 a 1625
 de 1624 a 1630
 de 1624 a 1635

4. A invasão de Pernambuco durou:

- () 15 anos
() 24 anos
() 30 anos.

5. Personagens que se distinguiram na expulsão dos holandeses de Pernambuco:
() Mem de Sá, Estácio de Sá e Salvador Correia de Sá.
() Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão.
() Antônio Raposo, Bárbara Gato e Fernão Dias Paes Leme.

II — **Numerar a coluna da direita de acordo com a do esquerdo:**

- | | |
|-------------------------------------|----------------------------|
| (1) Governador do Brasil holandês | () D. Pedro I |
| (2) O Mártir da Independência | () General Osório |
| (3) O primeiro Imperador do Brasil | () Diogo Feijó |
| (4) A primeira Imperatriz do Brasil | () Araújo Lima |
| (5) O Patriarca da Independência | () Princesa Isabel |
| (6) O segundo Imperador do Brasil | () Maurício de Nassau |
| (7) A Redentora | () José Bonifácio |
| (8) O vencedor de Tuiuti | () Da Teresa Cristina |
| (9) O Poeta dos Escravos | () Tiradentes |
| (10) O 1.º Presidente da República | () D. Pedro II |
| | () Castro Alves |
| | () Mau Deodoro do Fonseca |
| | () Da Leopoldina |

III — **Lê com atenção o lista dos fatos seguintes da nossa História e escreve ao lado se eles se passaram na época da Colônia, do Império ou da República:**

3. Revolução Farroupilha:
1. Guerra do Paraguai:
2. Abertura dos Portos:
4. Saneamento e remodelação do Rio de Janeiro:
5. Fundação do Colégio Pedro II

GEOGRAFIA

I PARTE

I — Assinale com uma cruz, dentro dos parênteses, a resposta certa que completa cada uma das frases seguintes:

1. O planeta é um astro:
() transparente
() luminoso
() fixo
() com cauda
() iluminado
2. O movimento de rotação da Terra determina:
() as estações do ano
() os dias e as noites
() as fases da lua
() o inverno e o verão
() a primavera e o outono
3. A Zona Tórrida está situada:
() entre o Equador e os círculos polares
() entre os trópicos e os círculos polares
() entre os trópicos
() entre os polos e os círculos polares

4. O Trópico de Capricórnio está situado:
() no hemisfério norte
() no hemisfério sul

- () no hemisfério oriental
() no hemisfério ocidental

5. A Rosa dos Ventos indica:

- () a posição do Cruzeiro do Sul
() a posição dos planetas
() a posição da Lua
() os pontos cardinais e colaterais
() os polos e o Equador

II — **Numerar a segunda coluna de acordo com a primeira:**

- | | |
|------------------|-----------------|
| 1. — (1) estrela | () Capricórnio |
| (2) planeta | () Sol |
| (3) constelação | () Júpiter |
| (4) satélite | () Terra |
| | () Lua |
| | () Vênus |

- | | |
|-----------------|--|
| 2. — (1) cabo | () agrupamento de ilhas |
| (2) baía | () uma ponta de terra que entra pelo mar |
| (3) arquipélago | () uma faixa de terra que liga o continente ao continente |
| (4) istmo | () uma parte do mar que avança pelos terros |

III. Completa corretamente as frases seguintes:

1. O oceano que banha o litoral oriental da Ásia é o
2. O oceano que banha o litoral oriental da África é o
3. O oceano que banha o litoral ocidental da América é o
4. O oceano mais importante pela navegação comercial é o
5. O último continente descoberto é a

IV. Escreve, ao lado das definições abaixo, o nome do acidente geográfico correspondente:

1. Ponto de encontro de dois rios:
2. Entrada da baía:
3. Agrupamento de montanhas:
4. O oceano mais importante pela navegação comercial é o
5. Parte do deserto onde há água e vegetação:

V

1. Assinala com uma cruz, dentro dos parênteses, as capitais de países asiáticos:

- | | | | |
|-----------------|------------|------------|-----------|
| () Adis-Abeba | () Cairo | () Ankara | () Otava |
| () Tegucigalpa | () Delhi | () Quito | () Bagdá |
| () Tel-Aviv | () Beirut | | |

2. Escreve, sobre as linhas pontuadas, os nomes dos países cujas capitais são:

Estocolmo: Belgrado:
 Sofia: Caracas:
 Manágua:

3. Escreve, sobre as linhas pontuadas, os nomes das capitais dos seguintes países:

Costa Rica: Espanha:
 Libéria: Haiti:
 Japão:

II PARTE

I. — Coloca, adiante dos acidentes geográficos mencionados, o nome do Estado em que estão situados:

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| Ilha de Marajó | Serra dos Parecis |
| Ilho dos Marinheiros | Cabo de S. Roque |
| Baía de Todos os Santos | Cabo de Sta. Marta |
| Ilha de S. Francisco | Rio Ibicuí |
| Baía de Paranaguá | Lagoa Araruama |

II. — Completa as frases seguintes, preenchendo os espaços pontuados:

1. O maior afluente do Amazonas, à margem esquerda, é o rio
2. O rio liga as lagoas dos Patos e Mirim.
3. A ilha do Bananal é formada por dois braços do rio situada no Estado de e está
4. O pico mais elevado do Maciço das Gerais é o monte

III. — Numera a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|------------------------|--------------------|
| 1. Região Norte | () Paraná |
| 2. Região Sul | () Mato Grosso |
| 3. Região Centro-Oeste | () Minas Gerais |
| 4. Região Nordeste | () Rio de Janeiro |
| 5. Região Leste | () Goiás |

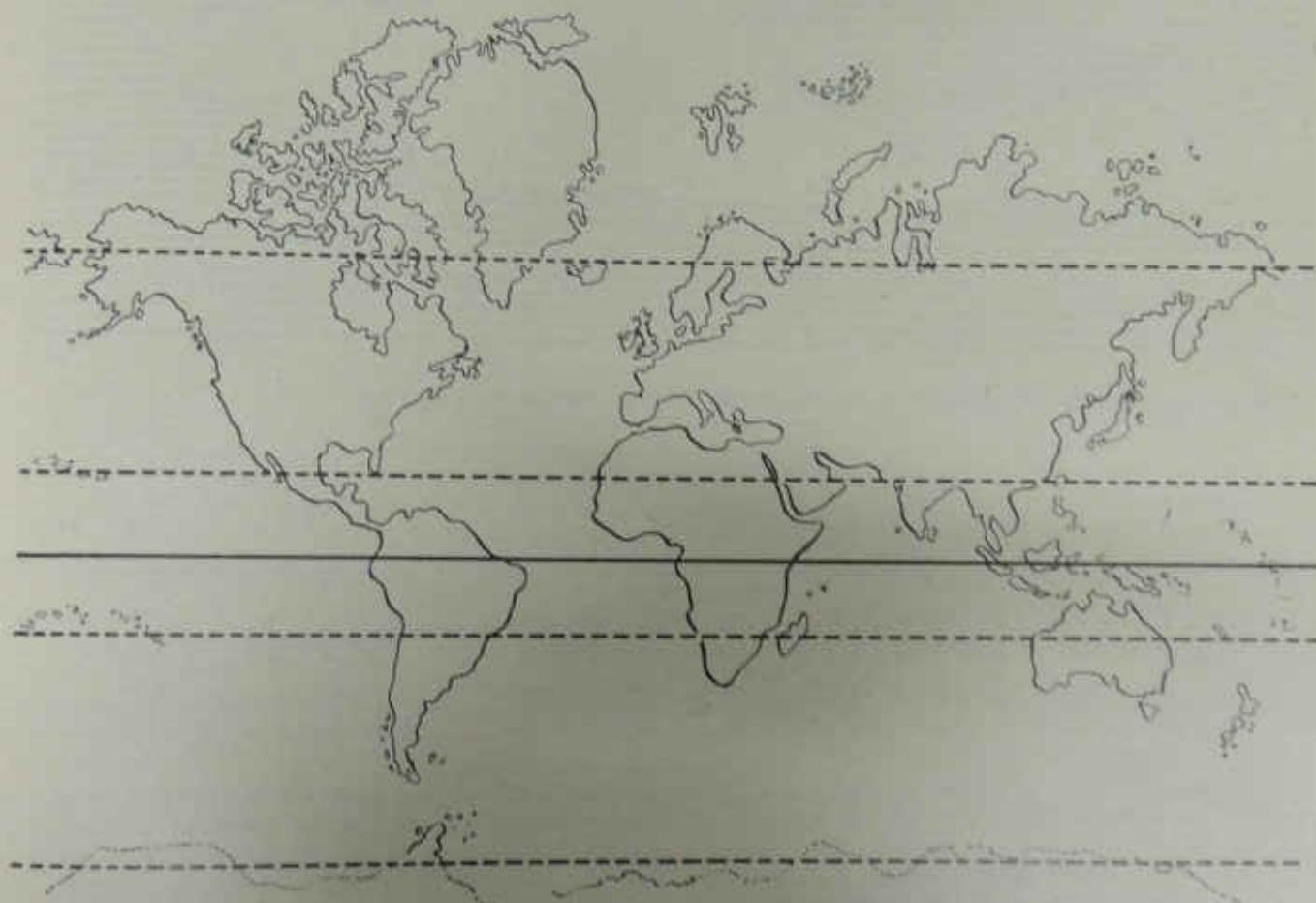
IV. — Completa as frases seguintes, preenchendo os espaços pontuados:

1. O porto de Manaus está situado à margem do rio
2. Os dois portos mais importantes do Brasil são
3. A cachoeira de Paulo Afonso é formada pelo rio
4. O único Estado do Brasil que se limita como Distrito Federal é o Estado de

V. — Sublinha:

1. Os nomes dos Estados banhados pelo rio São Francisco:
Mato Grosso — Paraíba — Minas Gerais — Rio de Janeiro — Pernambuco
2. Os nomes das capitais brasileiras que também são portos fluviais:
Belém — Paranaíba — Recife — Corumbá — Cabedelo
3. Os nomes dos rios que separam o Brasil da República do Uruguai:
Jacuí — Quarai — Jaguarão — Taquari — Uruguai
4. Os nomes das serras que fazem parte do Maciço Atlântico:
Tumucumaque — Espigão Mestre — Geral — Parimá — Mantiqueira
5. Os nomes dos afluentes do rio Jacuí:
Camaquã — Ibicuí — Pardo — Taquari — Vacacai.

III PARTE



I. Observa, atentamente, o mapa acima:

Agora, atende ao que se pede:

- a) — Escreve sobre as terras, ali apresentadas, os nomes das partes do Mundo.
- b) — Escreve sobre as linhas que atravessam as terras os seus respectivos nomes.
- c) — O oceano que se encontra entre a América e a África é o

II. Coloca os países nas colunas a que correspondem:

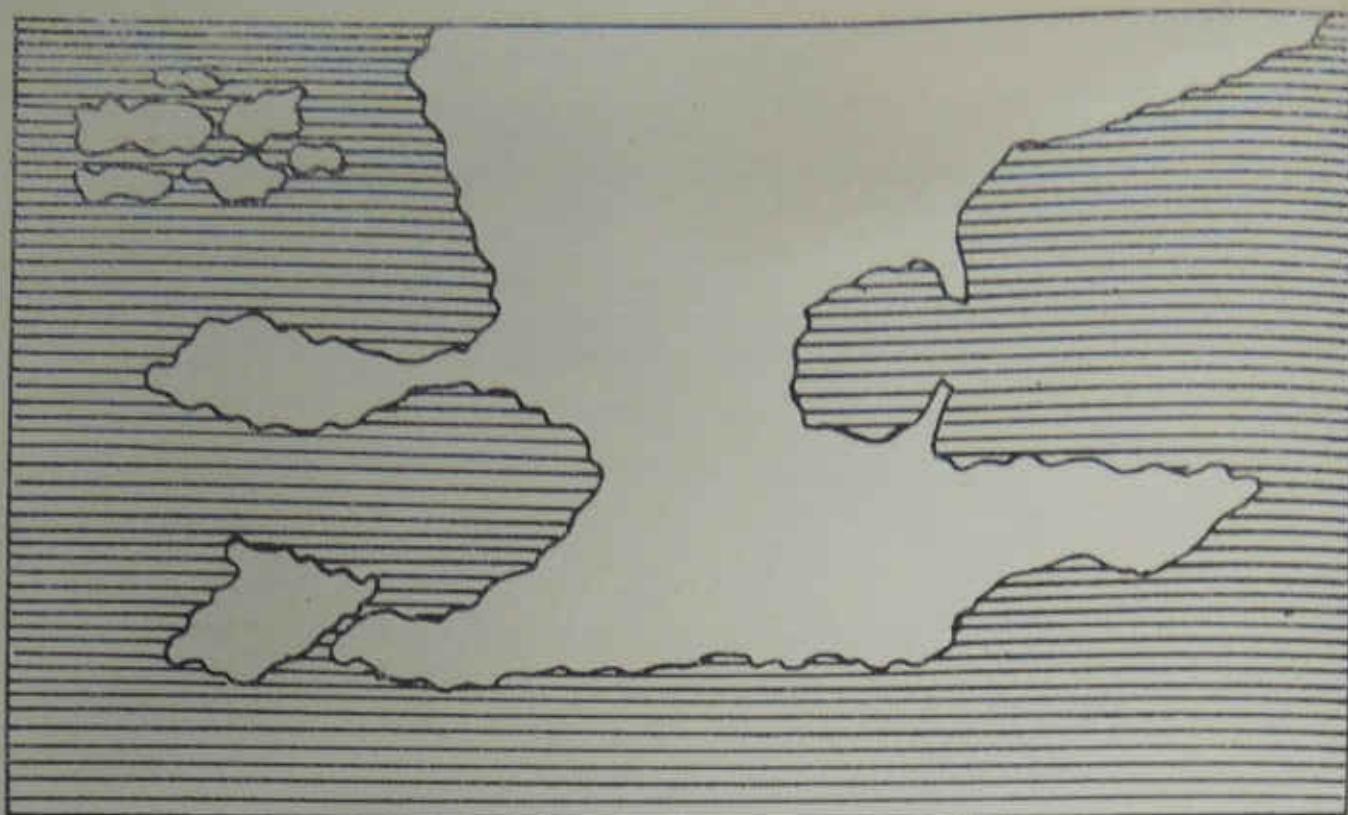
Canadá — Portugal — Índia — França — Egito — México — Japão — Cuba — Etiópia — Holanda

América

Ásia

Europa

África



Numera no desenho os acidentes geográficos, de acordo com a lista abaixo:

- 1..... Península
2..... Cabo

- 3..... Arquipélago
4..... Estreito
5..... Ilha

AS QUALIDADES DO BOM EDUCADOR, SEGUNDO SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE

Qualidades físicas. O professor deve ter boa saúde, mantida pela observância das leis da higiene e da sô alimentação. A integridade da vista lhe é necessária para exercer uma vigilância exata. A voz deve ser suficientemente forte, a sua linguagem clara, simples, natural e sempre reservada; enfim, sua atitude será constantemente digna e conforme a alta missão de que se acha encarregado.

Qualidades intelectuais. O educador deve possuir conhecimentos suficientes e aumentados sem cessar por estudos que são para ele um dever; uma inteligência bem equilibrada; acima de tudo, um juízo reto, um grande bom-senso; o espírito de observação e de reflexão, indispensável para conhecer e dirigir os alunos; a ciência profissional, isto é, o conhecimento racionado dos métodos e das leis da didática; o gosto pelo ensino, que leva a dedicar-se inteiramente ao emprégo e a exercê-lo com perfeição sempre maior.

Qualidades morais. Entre estas qualidades notemos a vocação para o ensino, uma grande dignidade de caráter, manifestada pelo otimismo, boas maneiras, correção de linguagem e o cuidado constante de dar bom exemplo; o espírito de lealdade e de jus-

tica que não faz excessão de pessoas; uma grande docura aliada a uma grande firmeza; o espírito de prudência, que leva a ser circunspecto nos palavrões, nos atos, nos modos; uma fidelidade inviolável ao dever, um devotamento à toda prova que não procura senão a glória de Deus e o bem dos meninos; o espírito cristão que, pelos exemplos e palavrões, faz amar a religião pelos meninos e os leva a praticá-la antes por amor que por temor.

As doze virtudes dum bom mestre São João B. de la Salle enumera doze virtudes que considera os caracteres do perfeito educador. São: a gravidade, o silêncio, a discricão, a prudência, a sabedoria, a paciêncio, a reserva, a bondade, o zelo, a vigilância, a piedade, a generosidade.

Defeitos que fazem perder a autoridade ao Contrário, há certos defeitos que prejudicam ao mestre. Eis os mais graves: a impaciêncio e irritabilidade, a indecisão, o favoritismo, a ironia, a negligêncio, a levianidade, a severidade excessiva, a inconstância e a versatilidade, a inquietação e a suspeita, o refinado, a falta de vigilância, uma familiaridade demasiado grande, a procura da popularidade. (R. Riboulet, História da Pédagogia, págs. 355-6).

I Congresso Infantil Brasileiro de Economia

Continuação do número anterior

VI — ATIVIDADES QUE PODEM SER REALIZADAS COLHENDO COMO MOTIVO CADA UMA DAS RESOLUÇÕES DO CONGRESSO

A — Resoluções:

- Que a economia, considerada a sua grande importância na vida de um país, seja incluída, como matéria, nos currículos do ensino primário e secundário.
- Que sejam adotadas medidas de ordem prática junto às escolas, com o fim de promover a educação econômica no sentido lato, isto é, não só visando a economia do dinheiro como também a educação do consumidor.
- Que seja incentivada nos estabelecimentos de ensino de todo o país a criação de Cooperativas Escolares, dando o alto valor social e econômico dessas instituições.
- Que sejam ainda criadas nas escolas outras instituições e tomadas medidas tais que proporcionem a prática da boa economia em situação real, promovendo, simultaneamente, o ajustamento social do educando.
- Que sejam tomadas medidas de efetivo intercâmbio entre a escola e a família, para que haja convergência de esforços, no sentido da educação integral da criança, não descuidando, portanto, do aspecto econômico.
- Que sejam promovidas campanhas de âmbito popular, no sentido de difundir normas de conduta econômica.
- Que sejam organizadas campanhas para a criação e desenvolvimento de hortas escolares e hortas domésticas.
- Que se organize nas escolas um eficiente serviço de merenda a fim de que o aluno seja bem nutrido e forme hábitos saudáveis de alimentação.

B — Conceituação:

Cada momento da vida humana singulariza por uma série de inquietações que correspondem sempre a novos anseios e a novas necessidades.

A escola como agência mais significativa de educação consciente e sistemática é chamada a transformar o conteúdo dos seus currículos, dan-

do-lhes elementos mais vividos, suscetíveis de responder aos reclamos da vida contemporânea.

Se educação é integração de atitudes e ideias e acúmulo de experiências decorrentes de situações reais de vida, com a finalidade de dar a cada ser oportunidades para o desabrochar de uma personalidade sadias e harmoniosas, então urge que se dê aos programas um tal caráter capaz de, pela sua simples leitura, descontar ao mestre a educação integral que se deseja atingir, levando alguém a descobrir um sentido na vida — sentido vertical.

A educação econômica que se pretende não deve representar mais que uma faceta do todo, a fim de que se harmonize com a educação integral da criança.

Em seu aspecto teórico-científico, Economia e Pedagogia revelam afinidades características que até agora passaram despercebidas; ambas podem adotar uma atitude meramente descritiva diante de uma função cultural que pode desenvolver-se presemando delas, porém, cujo desenvolvimento se impõe partindo de uma série de pontos de vista teóricos, mas também pode adotar uma atitude normativa diante de seu objeto".

Este Programa consciente de Vida econômica quer levar a criança não só a ter fundamentos teóricos de vida econômica, mas a ser capaz de formar atitudes e de tomar decisões de cunho sócio-econômico.

O importante não é que o conhecimento esteja apenas em potência no ser, mas que se transforme em ato e ato produtivo.

Diante da circunstância de que sempre a Didática se preocupou em ressaltar nas matérias de estudo os valores espirituais impõe-se, nos nossos tempos, estudar de maneira semelhante, os valores que interessam a vida do indivíduo e da coletividade, especialmente sob o ponto de vista do critério da necessidade e da utilidade.

O pensamento, nunca pode ser, únicamente, o objetivo principal de uma escola, nem mesmo numa escola especializada; porém, existe também uma forma legítima de pensar que necessita ser praticada — pre-

paração econômica, psicologia da economia e ação econômica.

VII — SUGESTÕES PARA UM PROGRAMA DE ECONOMIA E PREVISÃO

1º ANO

Educação econômica

Álbum da Economia — Sua significação e finalidade. Relação entre o valor da estampilha e o equivalente em moeda corrente. Forma de aquisição da figurinha. Sentido de economia que o álbum oferece.

Educação para Conservação Econômica

Uso adequado de móveis e objetos da escola, do lar, do vestuário e do calçado, dos objetos obtidos por empréstimo, no emprego dos objetos pertencentes às instituições escolares, no respeito às existências do patrimônio público: monumentos, praças, residências, estabelecimentos públicos, muros, cinemas, praças de desportos, transportes coletivos, etc.

Educação para promover segurança econômica, individual e social

Levar a criança a alertar-se dos perigos: do fogo, dos tóxicos, da água, dos objetos cortantes, do trânsito, das moléstias contagiosas, das escaldas, dos corredores, etc.

Educação econômica para promover o espírito de produção

Trabalhos que envolvam o empréstimo de cartolina, papel, massa plástica, madeira, barro, pano, quadro de pelúcia, palha, em alguns casos, a própria parede das salas, etc.

Pequenos trabalhos caseiros que resultem em medida econômica no orçamento doméstico (preparo da merenda, venda de jornais velhos, de vidros, de latas, etc.)

Auxílio ao trabalho da hora escolar e na conservação das folhagens da escola.

Outras atividades simples que tragam para a criança, para a escola ou para a família um resultado prático que implique em medida econômica.

Educação para formar o hábito da alimentação racional, higiene e economia do vestuário

Noções de alimentos saudáveis. Distinção entre alimento vegetal, animal e mineral.

Alimentos mais indicados para a feitura da merenda escolar.

Distinção do vestuário adequado às estações. Conservação e higiene do vestuário.

Educação do consumidor

Deve ser dada de forma implícita, no desenvolvimento dos outros conhecimentos e atividades de cunho econômico.

2.º e 3.º ANOS

Recapitulação dos tópicos estudados no ano anterior.

Educação econômica

Formar uma atitude definida com relação ao "Album da Economia". Economia instrutiva e recreativa.

Dar noções precisas sobre o mecanismo do depósito simples e do depósito por meio do "Album da Economia".

Preenchimento de formulários e uso adequado de publicações informativas sobre economia.

Estabelecer a diferença entre economia, poupança e avareza.

Economia encarada sob seu aspecto de esforço solidário, no caso de que resulte num movimento para o bem individual ou coletivo.

Educação para conservação econômica

Intensificar os aspectos desenvolvidos no ano anterior.

Desenvolvimento de um trabalho por equipe no sentido de favorecer o alcance do espírito de conservação, principalmente pela efetivação de atitudes práticas, quer melhorando e conservando o patrimônio individual e familiar, quer colaborando na melhoria e conservação do patrimônio público.

Educação para promover segurança econômica individual e social

Intensificar os aspectos desenvolvidos no ano anterior.

Dar noções mais precisas sobre os recursos utilizáveis nos casos de agravos provocados por: fogo, água, tóxicos, objetos cortantes, tráfego,

trânsito, moléstias contagiosas, escadas, corredores, leitura na rua, etc.

Educação econômica para promover o espírito de produção

Intensificação dos tópicos do ano anterior.

Empreço adequado do tempo: realizar pequenos trabalhos em benefício do lar.

Ensinar a criança a fazer compras, pequenos carretos, a aprender um "hobby" que lhe traga rendimento.

Valorização do trabalho manual pela observação de seu entrosamento na harmonia da vida.

Observação e análise de diferentes formas de trabalho.

Consideração do trabalho como moia-mestra do progresso da comunidade.

Formação do espírito de eficiência na própria atividade.

Educação para formar o hábito da alimentação racional, higiene e economia do vestuário

Intensificar os aspectos desenvolvidos no ano anterior.

Aproveitamento adequado de sobras aparentemente inúteis.

Escolha e dosagem dos alimentos. Horário das refeições.

Higiene e conservação dos alimentos.

Aproveitamento adequado dos recursos naturais da comunidade, em matéria de alimentação.

Dar conhecimentos mais amplos sobre a classificação dos alimentos.

Valor das vitaminas, proteínas e sais minerais, na manutenção do equilíbrio orgânico.

Formação de um princípio de precedência alimentar em relação a outras necessidades cotidianas.

Ensinar a criança a conservar o vestuário sempre em bom estado, assim como as peças essenciais que deverá usar.

Ensinar a limpar o vestuário, bem como a escolher o adequado ao clima e à ocasião.

Ensinar a passar a ferro e a executar pequenos consertos.

4.º e 5.º ANOS

Educação econômica

Revisar e ampliar os conhecimentos desenvolvidos nos anos anteriores.

que é a Caixa Econômica. Seu funcionamento.

Vantagens que a Caixa Econômica confere a seus depositantes. Funcio-

namento das Carteiras — Hipoteca, Consignações e Títulos.

Caracterização de estabelecimento bancário.

Inversão de depósitos para construção de moradia própria.

Economia como meio de salvaguarda das contingências familiares. Economia-previsão (doença e desemprego) e Economia-inversão.

Capacidade de administrar com acerto os bens individuais.

Importância do orçamento familiar. Forma de execução.

Organização de equipes de trabalho para coleta de material, propaganda e difusão dos princípios de vida econômica.

Significação em profundidade do Álbum da Economia.

Estudo, impressões e sugestões sobre o Álbum da Economia.

Significação da Economia como fator social de evolução e estabilização da Nação.

Breve resenha histórica da Economia no País.

Criação das Caixas Econômicas Federais.

Criação da Caixa Econômica Mirim. Organização e funcionamento da mesma.

Educação para conservação econômica

Revisão e amplitude da matéria dada nos anos anteriores.

Participação mais efetiva nas atividades que visam promover a conservação do patrimônio individual, escolar, familiar e comunitário.

Organizar pelotões de trabalho para manutenção e conservação da escola, quer fiscalizando os trabalhos de higiene e cuidado, quer colaborando na substituição e reparo do material estragado.

Colaborar de forma efetiva nas campanhas de conservação dos bens da comunidade: escolas, praças, ruas, estabelecimentos públicos, monumentos, muros, casas, cinemas, transportes, etc.

Educação para promover a segurança econômica individual e social

Revisar e ampliar a matéria dos anos anteriores.

Dar noções e recursos precisos sobre as técnicas e medidas de emergência a serem empregadas nos casos de agravos provocados por: fogo inflamáveis, água, trânsito, tráfego, objetos cortantes, tóxicos, moléstias

contagiosas, escadas, corredores, ruas, etc.

Desenvolver competências, visando a formação de atitude correta com relação aos aspectos citados.

Dar conhecimentos precisos sobre leis relativas à higiene, segurança pessoal, etc.

Dotar os instituições encarregadas de atender a essas emergências da vida social: Polícia de fogo, de costumes, Postos de Higiene, de Puericultura, Centros de Saúde, etc.

Educação económica para promover o espírito de produção

Revisar, ampliar e intensificar os aspectos desenvolvidos nos anos anteriores.

A produção pessoal como fator de progresso.

Levar a estabelecer a diferença que existe entre o homem que produz e o homem que nada realiza.

O trabalho como característica de atividade racional no ser humano. Dar a justa atribuição de trabalho ao jovem. Formação de um espírito consciente de vida económica e importância que o trabalho produtivo exerce na personalidade humana.

Desenvolver o princípio: "Cada um deve" dar em troca, "alguma coisa que represente um esforço consciente do menos bom para o melhor."

Habituas o aluno à auto-observação, tendo em vista a escolha da futura profissão.

Levar o aluno a executar trabalhos, utilizando material comum à região. Dar oportunidade prática de observação de diferentes formas de trabalho.

Formação do espírito de eficiência na própria atividade.

Educação para formar o hábito de alimentação racional, higiene e economia do vestuário

Intensificar os aspectos já desenvolvidos nos anos anteriores.

Dar conhecimentos, experiências e hábitos necessários para levar a criança a uma alimentação adequada.

O que devemos comer. Classificação básica dos alimentos. Aqueles carnes, gorduras, alimentos protetores, vegetais, etc.

Anteceder a alimentar-se. "O homem humano é uma máquina maravilhosa que produz para si mesmo a medida que trabalha."

Maneira de combinar os alimentos com eficiência e economia.

O que é uma refeição alimentar completa.

Que pode fazer a criança para ajudar seu país na compra e seleção dos alimentos.

Dar recursos para aprender a selecionar alimentos em bom estado. Ter conhecimentos e experiências que levem à exploração racional e adequada dos recursos materiais do lugar para viver higiênica e confortavelmente.

Conhecimentos e práticas para adquirir bons hábitos de conduta à mesa.

Animais e plantas que fornecem matéria-prima para a confecção do vestuário do homem.

Qualidade do vestuário relativamente às estações do ano.

Cuidado, limpeza e conservação do vestuário.

Maneira de limpar e lavar os diversos materiais de que é feito o vestuário.

Seleção e escolha adequada do vestuário, de acordo com o clima, ocasião e possibilidade económica.

Higiene e cuidado do calçado e demais objetos feitos de couro.

Formas de conservação do vestuário e outros agasalhos utilizados no lar, de uma estação para outra.

Conhecimento geográfico e histórico do vestuário através das épocas.

Localizar no tempo e no espaço as diversas qualidades e estilos de vestuário humano. Relação entre o vestuário e as exigências da vida moderna.

Cuidados estéticos na combinação do vestuário; na ornamentação dos alimentos e na disposição e arranjo do lar.

Educação do consumidor

Intensificar os conhecimentos desenvolvidos nos anos anteriores.

Levar o aluno a orçamentar sua vida económica.

Estabelecer escalas de valores para o controle de suas despesas, selecionando a melhor dentro de suas possibilidades.

Dar recursos para que o aluno seja um comprador hábil e bem informado, capaz de salvaguardar seus interesses.

Dar precedência às despesas com alimentação e educação sobre aquelas decorrentes de vestuário e diversões.

Ter conhecimento das variações do mercado para conhecer oportunidade de compra.

Ter opinião própria sobre o que vai adquirir, considerando que nem sempre o mais barato é o melhor.

Tomar precauções contra a má propaganda e a fraude.

Desenvolver capacidades para que a criança aprecie intelligentemente tudo o que consome e os objetos que compra e, também, a capacidade de conservar e melhorar aquilo que já possui.

Desenvolver no aluno a formação daquelas atitudes que o tornem um consumidor do futuro, apto e hábil.

Educação económica para previsão do futuro

Levar o educando a compreender a necessidade de cultivar na personalidade atributos espirituais e morais, bem como a consciência económica para fazer frente a problemas, variações e imprevistos da vida futura, conservando a saúde, aprimorando o espírito, preparando o intelecto, organizando um pecúlio que o possa proteger na velhice, orfandade, viuvez, doença e, finalmente, para que não seja obrigado a submeter-se a imposições contrárias aos princípios éticos de seu caráter.

DO 1º AO 5º ANOS

Educação estética

O desenvolvimento dos tópicos deste plano oportuniza o aproveitamento das diversas circunstâncias de aprendizagem para promover uma verdadeira e oportuna educação estética.

Como já foi lembrado em outra parte deste planejamento, nem de longe se supõe que se deveriam deixar inaproveitadas certas situações de aprendizagem, encarando-as para e simplesmente pelo aspecto estético que elas contêm. Muito ao contrário, estas situações precisam ser utilizadas de forma totalizadora, levando a criança a despertar todas as suas virtualidades, caindo nela para tornar sua vida boa, harmoniosa e completa.

Ainda, toda a atividade deve se rotejar de características muito sugestivas, capazes de levar a criança a desenvolver a capacidade de apreciar e estimar a harmonia e beleza nas coisas e de ingressar todos os efeitos, combinação de cores, efeitos, efeitos, etc.; desenvolver a capacidade de escolha de objetos, utilidades, ornamentos, etc., tanto para seu uso pessoal como para o lar.

E quando a escola procura repetir, com verdade, as experiências da vida real que de maneira mais viva se pode despertar o interesse da criança

para olhar um quadro, uma escultura, um pôr de sol, uma noite de lua, levando-a a descobrir sózinha toda a beleza e espiritualidade das coisas que a rodeiam.

É preciso, mesmo no ensino da Economia, que a criança veja em tudo que se ensina e que a cerca beleza e harmonia inculcando um senso estético, dando um aspecto mais poético e bonito à vida.

Compelir a criança a compreender que os aspectos utilitários da vida tornam-se mais agradáveis, quando se revestem da graça que o senso estético lhes atribui.

VIII — ATIVIDADES EM GERAL E DE EXPRESSÃO CRIADORA QUE O PROGRAMA SUGERE

Elaboração de frases:

Dísticos e cartazes, colhendo os motivos citados, como recurso no ensino da linguagem.

Composições ilustradas de cenas ou fatos, utilizando o desenho, o recorte de figuras, a dactilopintura etc.

Reconhecimento de moedas e cédulas numa situação de vida real, como por exemplo: na compra de objetos escolares na cooperativa, na aquisição de figurinha do álbum, na resolução de problemas simples do ambiente doméstico ou escolar.

Confecção de objetos de utilidade em papel, cartolina, palha, barro, sementes, cortiça, fósforos utilizados, ossos, etc.

Utilizar, de forma racional e sistemática as habilidades que a feitura do Álbum da Economia pode desenvolver, como: colar, recortar, superpor, conservar e difundir com recursos próprios as habilidades que o mesmo oferece.

Composições, escritos, ensaios, crônicas, composições ilustradas, frases e dísticos para propaganda e difusão de princípios de economia.

Pesquisas de textos de prosa ou poesia que tratem do tema proposto, em livros de literatura.

Ornamentação da classe com desenhos, pinturas, recortes, objetos de adorno, confeccionados pelos alunos, etc.

Redação de programas, horários, resumos, esquemas, informações, cartões, receitas, etc.

Composições orais, palestras, participações em discussão de classe.

Colaborações no jornal da escola ou da comunidade com informações, contos, redações sobre os diferentes motivos que ilustram o tema. — Economia.

Colaboração em programas radiofônicos para difundir os postulados que venham sendo desenvolvidos na escola, sobre Economia.

Utilizar os variados temas que a economia pode sugerir em: teatro de títeres, de sombra, dramatizações, declamações e, também, concorrendo com criações pessoais para os concursos que venham a ser instituídos pela escola ou pela Caixa Econômica.

Cantar, dançar, modelar, desenhar, pintar, compor, etc., usando motivos que sugiram o verdadeiro sentido da vida econômica.

Planejar e realizar excursões a fábricas, lojas, estabelecimentos de crédito, mercados, feiras, oficinas, molinhas e outros estabelecimentos da comunidade, que direta ou indiretamente contribuem para o seu desenvolvimento econômico.

Introduzir a Caixa do Engraxate, dos alunos de cada classe, escalando Monitores para tal fim e que se revezem periodicamente, no cuidado e conservação dos calçados.

Introduzir a Caixa de Costura, escalando Monitoras para desenvolverem atividades de cuidado e conservação do uniforme de cada classe.

Introduzir o Pelotão da Higiene e Conservação da Escola, constituído de alunos de todas as classes.

Colaborar nas campanhas da comunidade para promover hábitos de segurança, conservação, limpeza e economia, através de cartazes, dísticos, colaboração em programas de rádio e auditório.

Confecção de caixas coletores — em madeira ou arame — pelos alunos, para auxiliar a limpeza da escola, das ruas e das praças.

Difusão de receitas para favorecer a alimentação racional e a boa distribuição dos cardápios.

Promover e difundir o uso de conservas caseiras de frutas, legumes e carnes.

Problema de vida real, envolvendo situações do orçamento doméstico.

Formar o hábito de relacionar despesa e receita pessoal.

Conhecer preços de alimentos, vestuário, medicamentos, etc.

Movimentos de conta na Caixa Econômica Mirim e na Caixa Econômica Federal.

Mecanismo do movimento do dinheiro, em geral.

Confecção de objetos de utilidade, tais como: capachos, tapetes, cestas, vasos, etc., utilizando recursos naturais que a região oferece, no intuito de dar maior conforto e beleza ao lar ou à escola.

Confecção de lembranças ligadas à vida do município ou da região, com aproveitamento nas realizações sociais e econômicas, como fonte de produção, por ex. lembranças para turistas.

Recursos, normas, informações estéticas para o arranjo do vestuário, do lar, dos alimentos, da ornamentação em geral, etc. Coletânea de figuras que ilustrem a forma como ornamentar mesas, arranjos de pratos, etc.

Empregar os motivos do Álbum da Economia como recursos de composição, ensaio, crônicas, etc. Estes motivos também podem ser analisados para receber sugestões ou críticas de acordo com os interesses que a experiência e o momento solicitam.

Traçar gráficos em levantamentos estatísticos, estabelecendo comparação e confronto do desenvolvimento econômico de diferentes aspectos da comunidade, de outras comunidades ou de estados e países que estejam sendo estudados na classe.

Realização de maquetas, plantas baixas, projetos, plantas em relevo, impressões, etc., resultantes de pesquisas feitas ou excursões a fábricas, Caixas Econômicas, estabelecimentos comerciais, para análise e interpretação dos problemas econômicos.

Realização de todo o trabalho de orçamento, balanço, registro de receita e despesa e movimento em geral da Caixa Econômica Mirim. Utilizar estes recursos em situação real para o ensino da Matemática.

Dar realce no aspecto econômico das atividades de movimento de material e verba da Cooperativa Escolar, utilizando-as em situação problemática.

Empregar o teatro de títeres como recurso didático para dar maior vida e dinamismo ao ensino, por meio de histórias e contos adaptados aos temas que se pretende desenvolver, com personagens e normas implícitos, indispensáveis a uma vida econômica consciente.

Realização de jornais murais e jornal semanário da escola, para propaga-

gar e difundir as pesquisas e trabalhos que venham a ser elaborados pela classe.

Coletânea de histórias, lendas, poesias, crônicas, informações, dados estatísticos, notícias, trechos literários, etc., de temas relacionados com a Economia em todos os seus setores.

Álbuns confeccionados pelas crianças, apresentando o resultado de observações e pesquisas sobre o desenvolvimento econômico da comunidade, envolvendo produções vegetais e animais, indústria, comércio, etc. Hábitos de vida familiar, formas de recreação mais comuns, paralelo entre as formas de vida da comunidade do passado e do presente, sob o ponto de vista do progresso econômico que se fêz sentir através do tempo.

Criar na criança uma atitude de independência econômica, levando-a a adquirir uma habilidade manual que lhe proporcione a capacidade de aproveitamento dos recursos naturais que a comunidade oferece, como por ex.: palha, madeira, fibras vegetais e animais, sementes, couro, barro, ossos, metais, etc.

Utilizar a projeção de filmes educativos sobre os temas que se quer desenvolver, favorecendo a fixação da matéria.

A — Observação:

Todos os tipos de atividade sugeridos prestam-se à criação de grêmios ou clubes, com a finalidade de pôr o aluno em contato direto com a situação de aprendizagem desejada, exercitando-lhe hábitos, habilidades, atitudes e ideais necessários à sua plena formação humana, por ex.: grêmio dos amigos da comunidade, grêmio dos horticultores, grêmio dos pesquisadores, etc.

IX — PROCESSOS DE VERIFICAÇÃO

Pôsto em plano de realidade este planejamento, para que sua aplicação se revista de um sentido verdadeiramente científico é importante que, paralelamente ao seu desenvolvimento, se faça um balanço dos resultados que vão sendo obtidos. Coisa é natural em toda atividade que se realiza com elementos humanos, nem sempre a verificação do rendimento oferecerá um resultado positivo. É então que mais ressalta o valor da verificação como um recurso de que se utiliza o professor para corrigir falhas e deficiências no seu trabalho. Ao se confrontar com a per-

gunta: "Que resultados estou obtendo?" tem o professor no cômputo da resposta a verdadeira paisagem educativa que seu campo de ação oferece.

Verificação terá, então, um sentido mais amplo. Todos os diferentes setores de atividade com o aluno, relacionados com a família, a escola e a comunidade devem ser balanceados. Assim, não sómente são os trabalhos de caráter programático os que precisam merecer atenção, mas as atitudes, os hábitos, as habilidades, receptividade e, principalmente, os ideais que, integrados por uma aprendizagem adequada, vão se expressando em práticas desejáveis de vida econômica consciente.

B — Instrumentos de verificação:

1. Questionários para levantamento de experiências.
2. Relatórios de atividades de classe, de instituição ou de representação em movimentos na comunidade.
3. Revisão de trabalho de classe, em questões objetivas que pode ser realizada semanal, quinzenal e mensalmente.
4. Composições individuais, contendo impressões sobre o aspecto de vida econômica que se quer verificar.
5. Projeções cinematográficas, para colher a reação da criança sobre atividades relacionadas com a Economia.
6. Excursões e passeios.
7. Levantamento de gráficos comparativos: percentagens de frequência, rendimento da aprendizagem, índices sanitários da população escolar, teor vitamínico da alimentação comum, etc.
8. Realizações de auditório, em que participe a classe, apresentando o resultado dos trabalhos efetuados.
9. Exposições dos trabalhos realizados pela classe como decorrência da prática dos princípios que orientam a educação econômica para conservação, segurança, produção e eficiência, como por ex.: cartazes, objetos de utilidade, aproveitando recursos naturais que a comunidade oferece, os principais "hobbies" adotados pela classe, produções com pesquisas realizadas pela classe no campo da economia, etc.
10. Observação frequente do professor de classe no sentido de verificar os ideais, atitudes, hábitos e habilidades que conseguiram formar na classe como decorrência do trabalho desenvolvido para o alcance de uma forma de vida econômica consciente.

Exemplo de um recurso de verificação que o professor poderá formular, visando induzir o aluno à auto-critica:

Questionário

1. Quanto você gastou hoje?
2. Como você gastaria dez cruzeiros?
3. Verifique no seu caderno de despesa. Em que você gastou mais esta semana? (roupas, livros, comida...)
4. Como é que você gasta o dinheiro que ganha?
5. Faça uma lista de suas despesas mensais.
6. Gastou você dinheiro em coisas úteis? Quanto?
7. Como você ocupou seu tempo no domingo?
8. O que produziu você de útil para si mesmo ou para sua família, na semana que passou?
9. Qual o tipo de recreação que mais lhe agrada?
10. Você tem consciência de suas próprias habilidades?
11. Emprega-as num sentido útil e bom?

X — INSTALAÇÕES DE QUE A ESCOLA NECESSITA PARA PODER OFERECER OPORTUNIDADES DE EXPERIÊNCIA DE VIDA ECONÔMICA CONSCIENTE

Sala de economia doméstica, trabalhos manuais, pequena oficina, lavanderia, cozinha, sala ambiente ou de projeção, salas de recreação, auditório, Biblioteca, Cooperativa, Museu Escolar, Caixa Econômica Mirim, Caixa Escolar, campos de recreação e jogos.

Obs.: Nos casos em que a absoluta pobreza do meio impossibilite a escola de possuir "tôdas as instalações necessárias", a cozinha, o porão da escola ou simplesmente a sala de aula, podem suprir a deficiência, principalmente se levarmos em conta que, mais do que as facilidades que o conforto oferece, são indispensáveis para o sucesso do que se realiza, a boa vontade, o esforço e a convicção de que aquilo que se está realizando é necessário para o bem comum.

Juventude em Alto Mar

Da autoria de Paula Hoesl, — "Jeunesse au grande large" — esta é uma tradução brasileira de Therezinha G. Langlada que foi editada pela AGIR em 1957, 189 páginas; aparece como décima obra da "Coleção Juventude" e fala especialmente ao público feminino, "sequioso de aprender e de viver na alegria e na liberdade de uma vida plenamente vivida".

Prof. Generice A. Vieira.

Começa com um desafio. O impacto da provação, logo à primeira página, sacode a gente: vai-se direto à leitura deste ousado livro que chega como um brado de alarme:

"Quem não se atira ao mar alto não conhecerá nunca a profundidade do água azul, nem a embriaguez da onda e das vagas, nem a calma das noites durante as quais o navio traça em silêncio o sulco... .

Quem não se atira ao mar alto não compreenderá nunca a profunda alegria de ter soltada as amarras e de só se apoiar em Deus, mais seguro que o oceano.

Quem fica na margem nunca perderá o gosto pela terra firme, a terra da gente razoável, segura de si mesma, sensata e bem-pensante. Considera-se rico e está nu. Pensa que construiu e acumulou ruínas das quais terá de prestar contas..."

A autora — completamente identificada com os problemas atinentes às rápidas transformações sociais do mundo de hoje — preocupa-se particularmente com a mulher, a jovem de nossos dias, essa moça que se viu violentamente arrancada de suas tradições familiares e culturais, que foi empurrada para o meio social, para a novidade de atividades diferentes e para um convívio diário e direto com o homem, tanto na universidade como na profissão, no esporte, nas artes, nas ciências. A vida moderna impõe-lhe exigências, responsabilidades, obriga-a a participar intensamente do esforço comum na luta pela vida, na construção progressiva da nossa civilização.

Profunda observadora dos dramas que sacodem a mocidade de hoje, a autora lembra que é injusto e também estéril condenar ou taxar a nossa juventude de "transviada", "coca-cola, etc. Se a conduta de certas jovens revela desequilíbrio emocional ou desajustamento social, ceticismo ou velhice precoce, é porque alguma coisa lhe foi negada. Como foi essa mocidade preparada para a nova vida, rica e tumultuária, mas também complexa e árdua, que se impôs de repente? Acaso não é a nova geração um produto, um resultado das várias, lentas e recíprocas influências que os adultos — a família, a escola e a sociedade — exerceram sobre ela desde o começo? Que líderes acordaram suas potencialidades desde a infância? Com que apelos, pessoas e fatos procuram atingir sua generosidade inata, sua capacidade sábia de criação, renúncia e devotamento?

Paula Hoesl levanta problemas, suscita e debate temas de atualidade e interesse fundamental tanto para a moça moderna como para os adultos que diretamente ou indiretamente influenciam sua educação. A propósito, diz um comentarista: "A mocidade precisa debater os seus problemas amplamente e à luz do dia. E o grande mérito do livro de Paula Hoesl é o de abrir esta discussão, de colocar os cartas na mesa, de permitir que se fale francamente. E de dar um sentido positivo a essa discussão porque ela acredita na mocidade e lhe aponta dentro do seu mundo, grandes e nobres tarefas, um alargamento de horizontes, imensas possibilidades a serem aproveitadas, assumindo de olhos abertos os riscos que comportam".

Estréla em Alto Mar

Traduzido do original francês — "Étoile au grand large" — Estréla de Alto Mar foi escrita por Guy de Larigaudie e publicado pela AGIR, 1955, 3.ª edição.

Prof. Generice A. Vieira.

E' um livro de aparência humilde, uma brochurinha de apenas 68 páginas que não impressiona logo à primeira vista. É só depois, começada a leitura, que ele se revela imantado. Talvez porque condense um pouco da ambição de um jovem — lutas e conquistas — e tragá um endereço ou destino certo: mocidade. É possível que certas pessoas idosas classifiquem o autor ou o livro de ingênuo ou afalto. E que a rotina mental e emocional, o desencanto das coisas simples e autênticas da vida, criem os "miopes" e

atulha de pedras os caminhos. Mas a juventude corajosa — particularmente escoteiros e boneirantes a quem o livro é, de certo modo, dedicado — entenderá a mensagem: "... que essas páginas, nas quais coloquei o melhor de mim mesmo, sejam para os que as lerem, uma fonte de riqueza".

No prefácio, em viva síntese biográfica, fica-se sabendo que Larigaudie, "desportista, sensível e apaixonado", homem sequioso de vida e atento desde muito cedo à "respiração do mundo", nasceu e viveu

para a liberdade, mas não para uma liberdade utópica, estéril. Ele sabia o que queria e seguiu com fidelidade a direção da sua estréla. Por certo não foi fácil, mas quando é fácil avançar? E que são muitas as coisas pedindo renúncia ao longo do caminho...

Nasceu em 1908 em Paris e lutou duramente para descobrir-se e ser fiel a si mesmo: tentou o seminário, pensando ser padre, não deu certo; formou-se em direito; viajou por quase toda Europa, Austrália, América do Norte; conheceu muitos lugares e pessoas diferentes em pouco tempo, mas seu campo de ação e devoção foi o escotismo. Tornou-se um líder do movimento na França e em outros países. Qual o seu segredo? O dinamômetro gerador de suas energias foi a Fé "... um cristianismo autêntico, e não uma religião estreita, triste, temerosa, relegada a um continho penosamente subtraído à vida chamado real, reduzida a alguns gestos vãos e algumas restrições displicentemente aceitas". Ocupadíssimo em viver, não dispôs de tempo para relatar as suas experiências, como queria. Era seu desejo entrar em contato com o maior número possível de jovens deste tempo, mas escreveu pouco. A leitura de "Terre dos Homens" — Tragédia e Poesia da Aviação Moderna — de Saint-Exupéry, empolgou-o. Ambicionou escrever um "livro de homem", mas morreu cedo demais, 1940, com apenas 32 anos. "Estréla de Alto Mar" é tudo que fica do "livro de homem" com que sonhou Larigaudie.

Da sua emocionante aventura de viver ele recon-

heu flagrantes e os oferece com simplicidade em rápidas descrições: um mergulho, na estrada de Chartres, a morte de uma estréla, moças, devaneio, notas no avião, Bali, e também em trechinhos de poesia a verdade que ele chama de pensamentos.

"É preciso fazer de todo erro um trampolim para um amor maior".

"Essas mulheres que conservam do princípio ao fim da vida uma alma de menina..."

"Devemos ceder-nos à vida como nos colamos a um cavalo. Devemos seguir-lhe agilmente os menores movimentos, sem jamais nos obstinarmos à ela".

"Nosso esforço não é inútil. Nenhum esforço humano pode ser estéril".

"Quando, do alto mastro de um veleiro, se deixa de avistar a terra, é total a posse do círculo do horizonte. Gostaríamos, no entanto, de poder afastar mais ainda esta linha, de arrebentar este limite, que, embora grande, nos aprisiona, porque fomos feitos para extensões mais vastas que as dos reduzidos horizontes terrenos".

"Não compreendemos nada de nada. Tanto mistério existe no crescimento de um grão de trigo, quanto no movimento das estrelas. Mas bem sabemos que somos os únicos capazes de amar, e é por isso que o menor dos homens é maior que todos os mundos reunidos".

SELEÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE ARTIGOS SÓBRE ENSINO DE ARITMÉTICA, FEITA PELA COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS - INEP, EXTRAI-DA DA COLEÇÃO DA "REVISTA DO ENSINO" DO RIO GRANDE DO SUL

N.º 2 — Outubro de 1951 — pg. 20 — Sugestões para organização de exercícios para o 1.º ano — Por: Suelly Aveline.

N.º 3 — Novembro de 1951 — Pg. 21 — Um jôgo de Aritmética — Vamos pescar. Por: Irmã Bernadete.

N.º 4 — Março de 1952 — Pg. 32 — Lebrando uma aula de Matemática. Por: Yari de Abreu Lima.

N.º 5 — Abril de 1952 — Sugestões de problemas e exercícios para o Curso Supletivo — 4.º e 5.º ano do curso primário — Pg. 46. Por: Suelly Aveline.

Pg. 15 — Qual a base psicológica do ensino da aritmética? Por: Suelly Aveline.

N.º 6 — Maio de 1952 — Pg. 7 — Como conduzir a criança à abstração? — 1.ª Parte. Por Suelly Aveline.

Pg. 50 — Sugestões para organização de problemas no 1.º e 2.º ano. Por Sarah Rolla e Suelly Aveline.

Pg. 61 — O ensino dos problemas aritméticos. Por: Orlando Ferreira de Melo.

N.º 7 — Junho de 1952 — Pg. 6 — Como conduzir a criança à abstração? 2.ª Parte. Por: Suelly Aveline.

Pg. 63 — Cálculo em moeda. Pg. 66 — Geometria — Área do Quadrado. 4.º ano. Por Sarah Rolla e Suelly Aveline.

N.º 8 — Agosto de 1952 — Pg. 9. — Como conduzir a criança à abstração? 3.ª Parte. Por: Suelly Aveline.

Pg. 32 — Um plano e uma prova. Por: Suelly Aveline e Terezinha Seroni.

Pg. 48 — Geometria. Área do losango, Fórmula. Por: Suelly Aveline e Sarah Rolla.

N.º 9 — Setembro de 1952 — Pg. 13 — Orientação metodológica e sugestões para organização de uma prova na fase preparatória da aprendizagem. Por: Suelly Aveline.

Pg. 58 — Prova de verificação de plano. Por: Suelly Aveline e Terezinha Seroni.

Pg. 62 — Geometria — Fórmulas — Área do círculo. Por: Suelly Aveline e Sarah Rolla.

N.º 10 — Outubro de 1952 — Pg. 8 — Orientação metodológica e sugestões de exercícios e atividades. 1.º ano primário. Para completar o número. Pg. 57.

N.º 11 — Novembro de 1952 — Pg. 7 — Orientação metodológica — Operações fundamentais. Por: Suelly Aveline.

Pg. 51 — Números no 1.º ano.

Pg. 21 — Sérieção do ensino das quatro operações.

Pg. 62 — Prova de matemática para admissão ao ginásio.

N.º 12 — Março de 1953 — Pg. 6 — Como ensinar a tabuada? Por: Suelly Aveline.

Pg. 11 — Sérieção do ensino de frações decimais. Análise do cálculo das frações decimais. Por: Sarah Kotta.

Pg. 40 — Vamos aprender a subtrair?

Pg. 47 — Sugestões para a organização de problemas no curso supletivo. Por: Luiza Prates Pachecó.

N.º 13 — Abril de 1953 — Pg. 7 — Como introduzir no ensino do 1.º ano primário as noções de forma, tamanho, distância, posição e direção? Por: Suelly Aveline.

Pg. 11 — Sérieção do ensino nas frações ordinárias. Por: R. Buyse.

N.º 14 — Maio de 1953 — Pg. 6 — A matemática no 1.º ano. Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 8 — Problemas e exercícios sobre percentagens. Por: Suelly Aveline.

Pg. 56 — Recursos para melhorar a compreensão matemática do aluno. Por: Luiza Prates Pachecó.

Pg. 71 — Trabalhando com os números.

N.º 15 — Junho de 1953 — Pg. 8 — Noção de número. Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 65 — Noção de número (continuação).

N.º 16 — Agosto de 1953 — Pg. 11 — Matemática no 1.º ano. Por: Sydia Sant'Ana Bopp (Continuação).

Pg. 35 — Vamos aprender a subtrair?

N.º 17 — Setembro de 1953 — Pg. e A Matemática no 1.º ano (Continuação). Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 61 — Curiosidades da matemática.

N.º 18 — Outubro de 1953 — Pg. 30 — Números.

N.º 19 — Novembro de 1953 — Pg. 4 — A matemática na escola primária. Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 11 — Prova de matemática para admissão ao curso ginásial. Pg. 20 — Questões de matemática para o 1.º ano primário, de diferentes graus de dificuldade.

Pg. 67 — Jogo educativo sobre numeração.

N.º 20 — Março de 1954 — Pg. 6 — O raciocínio na resolução dos problemas aritméticos.

Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 41 — Para ensinar a ler horas.

N.º 21 — Abril de 1954 — Pg. 6 — Sugestões para a organização de problemas. 5.º ano.

Por: Sydia Sant'Ana Bopp.

Pg. 47 — Questões de diferentes tipos e graus de dificuldades para o 3.º ano primário.

Pg. 69 — A páscoa. (Projeto).

Por: Dora Dulce Ferreira.

N.º 22 — Maio de 1954 — Pg. 26 — Brinquedo tradicional cantado (material).

N.º 23 — Junho de 1954 — Pg. 6 — Questões de diferentes tipos e graus de dificuldades para o 2.º ano primário.

Pg. 48 — Exercícios de matemática.

N.º 24 — Agosto de 1954 — Pg. 52 — Os quatro porquinhos (quatro operações).

Por: Alunas do Curso de preparação de Professores do Pará.

N.º 25 — Setembro de 1954 — Pg. 7 — O problema matemático.

Por: Francisca Manfila.

Pg. 69 — Plano de elaboração de uma unidade de trabalho.

N.º 26 — Outubro de 1954 — Pg. 52 — Frações ordinárias.

Por: Suelly Aveline.

Capa n.º 3 — Medidas.

N.º 27 — Novembro de 1954 — Pg. 39 — Questões para o 5.º ano. Por: C. P. O. E.

Pg. 41 — 2.º Cap. — Frações ordinárias.

Por: Suelly Aveline.

Pg. 58 — Pontos básicos para o ensino da matemática na escola primária.

Por: Margarida de Souza Sirangelo.

N.º 28 — Março de 1955 — Pg. 15 — Sugestões para jogos de matemática no 2.º ano.

Por: Maria Helena C. Schmitt.

N.º 29 — Abril de 1955 — Pg. 44 — Organização de uma cooperativa escolar.

N.º 30 — Maio de 1955 — Pg. 3 — Tabuada e graduação de cálculos.

Por: Irene de Albuquerque.

— Quantos restam?

N.º 31 — Junho de 1955 — Pg. 20 — Iniciação à matemática.

Por: C. P. O. E.

N.º 32 — Agosto de 1955 — Pg. 70 — Trabalhando com números.

N.º 33 — Setembro de 1955 — Pg. 9 — Problemas de matemática.

Pg. 18 — Comparação de frações.

Pg. 21 — Jogo.

Pg. 28 — Sugestões para trabalhos dirigidos no jardim de infância.

Por: Maria B. C. Souto Jorge — Diva C. S. Coelho — Paulina Buachman.

Pg. 73 — Jogo dos coelhos. (Tabuada).

N.º 34 — Outubro de 1955 — Pg. 6 — Do ensino da aritmética na cursa primária: considerações psicológicas e metodológicas.

Por: Maria Helena Prestes Barra.

Pg. 58 — Jogo das cadeirinhas.

Por: Terezinha Silva e Lozinha Oliveira.

Pg. 71 — Um jogo para o 1.º ano.

Pg. 73 — Relógios (desenhos).

N.º 36 — Março de 1956 — Pg. 43 — Metodologia no curso primário. Problemas na vida e na escola.

Por: Alfredina P. e Souza e Tereza Bittencourt.

Pg. 60 — Diagnóstico e prevenção de falhas em cálculo na 1.ª série.

Por: Irene de Albuquerque.

Pg. 70 — Vamos subtrair?

N.º 37 — Abril de 1956 — Pg. 36 — Aprendizagem das operações fundamentais.

Por: Alfredina P. e Souza e Tereza Bittencourt.

Pg. 43 — Prova de matemática para revisão mensal.

Pg. 51 — Estudo sobre aquisição do conceito da matemática. Por: Suelly Aveline.

Pg. — Sugestões para problemas e exercícios (4.º ano).

N.º 38 — Maio e Junho de 1956 — Pg. 46 — Prova de verificação mensal (2.º ano).

Pg. 54 — Aprendizagem das operações fundamentais. Por: Alfredina P. e Souza e Tereza Bittencourt.

N.º 39 — Agosto de 1956 — Pg. 26 — Noção de tamanho.

Pg. 41 — Prova de exame de admissão de 1955. Escola Normal 1.º de Maio.

Pg. — Aprendizagem das operações fundamentais.

Por: Alfredina P. e Souza e Tereza Bittencourt.

N.º 40 — Setembro de 1956 — Pg. 33 — Exercícios e divertimentos.

N.º 41 — Outubro e Novembro de 1956 — Pg. 59 — Reconhecer números.

Pg. 60 — Exercícios e divertimentos.

N.º 42 — Março de 1957 — Pg. 60 — Jogos infantis.

Pg. 62 — Aprenda a ver as horas.

N.º 43 — Abril de 1957 — Pg. 5 a 18 — Comunicado do C.P.O.E.

N.º 44 — Maio de 1957 — Pg. 58 — Jogo com moedas.

N.º 45 — Agosto de 1957 — Pg. 2 — Comunicado C.P.O.E.

N.º 46 — Agosto de 1957 — Pg. 6 — Sugestões práticas de atividades relativas à aprendizagem das frações ordinárias.

Pg. 30 — Figuras geométricas.

Por: Flora C. Valente.

Pg. 38 — Um jogo.

Pg. 42 — Exercícios e divertimentos.

N.º 47 — Setembro de 1957 — Pg. 33 — Números no 1.º ano.

N.º 48 — Outubro de 1957 — Pg. 55 — Trabalhando com números.

Pg. 58-59 — Vamos subtrair?

N.º 49 — Novembro de 1957 — Pg. 12 — Os pré-testes.

Por: Browell John.

Pg. 51 — Quem sou eu?

(Recorte em ordem numérica).

PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Destaque o quadro abaixo, seguindo as instruções à página seguinte:

Autorizo a renovação de minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do n.º _____
inscrição

Para esse fim envio em _____ (cheque bancário, vale postal ou valor declarado)

a quantia de Cr\$ _____ (Porto comum: 1.800 (R\$ 11,80) Cr\$ 200,00 — 2 anos (R\$ 22,00) Cr\$ 300,00)

expedido em _____ (Data)

Nome: _____

Rua: _____

Enderéco: _____ (Bairro: _____)

Cidade: _____

Estado: _____ *

Enderéco da Revista do Ensino

Av. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre

Revista do ENSINO

Supervisão Técnica do Centro de Pesquisas
e Orientação Educacionais
da Secretaria de Educação
do Rio Grande do Sul

Diretora: Prof. Maria de Lourdes Gastal.
Assistentes: Profs. Generice A. Vieira e
Maria Venânia Terra.
Secretária: Yvonne Aydos Krieger.
Redatoras: Profs. Corália Ribeiro Porto,
Gilda Garcia Bastos e Dora Lopes.
Ilustradoras: Prof. Maria Madalena Lu-
tzemberger, Maria Molnar e Glenda
Cruz.

REDAÇÃO

ASSINATURA E VENDA AVULSA

Av. Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar
Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Assinaturas: Sob porte simples

1 ANO Cr\$ 200,00

2 ANOS Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo, mais Cr\$ 15,30 por exemplar.

A remessa de numerário deve ser feita por
cheque bancário ou valor declarado,
dirigido sempre à "Revista do Ensino".

Não trabalhamos com Reembolso Postal

Esta Revista é publicada em dois períodos
de quatro números: de março a junho e
de agosto a novembro.

NOSSA CAPA

ALUNOS DA ESCOLINHA DE ARTE
DE PORTO ALEGRE — RIO G. DO SUL

LEIA COM ATENÇÃO ESTAS INSTRUÇÕES

Para tornar mais simples e eficiente o trabalho de inscrições e renovações de assinaturas, pedimos aos nossos assinantes que sigam com cuidado as instruções que seguem:

- I — Preencha **todas** as linhas da ficha de inscrição.
- II — Onde diz "renovação-inscrição", risque o que **não** é o seu caso.
- III — Quando se tratar de cheque bancário não esqueça que ele deve ser pagável em **Porto Alegre**.
- IV — Quando se tratar de cheque bancário ou vale postal, remeta-o junto com a ficha de inscrição.
- V — Observe que **não trabalhamos** com reembolso postal.
- VI — Se você já é assinante e não necessita desta ficha, ofereça-a a um colega para que se torne assinante.
- VII — Quando, passado o tempo devido, não receber o exemplar a que tem direito, comunique-nos o fato para que lhe façamos nova remessa. Não deixe passar muitos meses.
- VIII — Quando mudar de endereço, avise-nos imediatamente, indicando, também, o antigo endereço.
- IX — Não esqueça de registrar de maneira **legível** o seu nome e endereço, sempre que nos escrever.
- X — Os cheques, vales postais e valores declarados devem ser endereçados sómente à "REVISTA DO ENSINO".

Av. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre
Rio Grande do Sul

AVIADORES



LETRA DE RAIMELA R FUERTADO
MUSICA POPULAR.

A - via - do - res so - mos nós Neste céu a - zul de a -
Gi - ra a é - li - ce li - gei - ra Ron - ca, ron - ca o mo -

nil Nós vo - a - mos sem te - mor Pa - ra a glória do Bra - sil.
tor Da mil vol - tas lá no céu O va - len - te avi - a - dor.

Revista do Ensino

Publicação Oficial da

Secretaria de Educação e Cultura

do Rio Grande do Sul



ASSINATURAS ENDERÉÇO

SOB PORTE SIMPLES

1 ANO	Cr\$ 200,00
2 ANOS	Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo

Mais Cr\$ 15,30
por exemplar.

As remessas de numerário
devem ser endereçadas a

REVISTA DO ENSINO

Avenida Borges de Medeiros, 1224
— 13.^o Andar —

Porto Alegre — R. G. do Sul

BRASIL

Remeta a importância de sua assinatura por valor declarado ou cheque bancário.